

**Ana Laura Rabelo Araújo de Castro**

**Você é daqui?**

**A subjetividade de famílias brasileiras  
em movimento de migração interna.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

*Orientadora: Profa. Dra. Marlene Castro Waideman*

**Assis  
2005**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Castro, Ana Laura Rabelo Araújo de  
C355v Você é daqui?: a subjetividade de famílias brasileiras em  
movimento de migração interna / Ana Laura Rabelo Araújo  
de Castro. Assis, 2005  
215 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Família. 2. Migração – Aspectos psicológicos. 3. Teoria  
psicanalítica. I. Título.

CDD 150.195  
304.8

CASTRO, Ana Laura R. A. *“Você é daqui? A subjetividade de famílias brasileiras em movimento de migração interna”* Assis, 2005. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em *Psicologia e Sociedade*, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

## RESUMO

O objetivo do trabalho consiste em investigar a subjetividade de famílias que viveram um processo migratório dentro do território brasileiro, e a reconstrução de um espaço familiar num novo meio social.

A análise psicológica do material produzido visa a compreensão da adaptação a este novo ambiente e seus reflexos na formação da subjetividade da família, a apreensão do sentido simbólico da mudança para outra cidade e, por fim, na medida em que compreendemos que conteúdos do inconsciente familiar, que perpassam as gerações, podem influenciar o destino e a vida prática das famílias, buscamos indícios da influência ou não de determinações psíquicas transmitidas de outras gerações, no movimento migratório destes núcleos familiares.

Utilizamos como base a teoria psicanalítica de família, mais especificamente o conceito de organizador grupal do psiquismo familiar conhecido como eu familiar. Trabalhamos também considerando a transmissão psíquica, processo que explica como a psique vem a ser determinada pela condição de herdeira da subjetividade humana. Por fim, dentro da ótica da psicologia analítica, desenvolvemos uma análise simbólica e uma amplificação do tema migração, baseada no conceito de individuação.

**Palavras-chave:** migração, família, transmissão psíquica, psicanálise, psicologia analítica, individuação.

CASTRO, Ana Laura R. A. *“Are you from here? The subjectivity of the brazilian families in an inside migration movement”* Assis, 2005.

A dissertation submitted for the degree of Master in Psychology. Post graduation program in *Psychology and society*, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

### **ABSTRACT**

This research's objective consists on investigating the subjectivity of families wich have lived a migratory process inside the Brazilian territory, and the reconstruction of a familiar space in a new social environment.

The psychological analisys of the produced material intends the compreention of the new environment's adaptation and it's reflex on the family's subjectivity formation, the worry on the symbolic sense of moving to other town, and at last, as we understand that the familiar inconscient contents, wich goes from generation to generation, can affect the destiny and family's practical life, we will look for evidences of this influence or non influence of the psychic determinations transmited throught generations in the migratory movement of those families.

The family's psychanalytical theory was used as base, more specificly, the concept of the grupal organizer of familiar psychism, known as the familiar ego. The psychic transmission was considered in this work, the process wich explains how the psych is determined by the human subjectivity hereditary. Finally, based on the theoretical approach of Jung's analytical psychology, we tried to develop a symbolic amplification of a migratory process and the individuation concept.

**Key words:** migration, family, psychic transmission, psychoanalysis, analytical psychology, individuation.

Aos meus amores,  
Ricardo, Lorenzo e Rafael,  
de quem roubei algum tempo de  
convívio,  
mas em função dos quais tenho  
aprendido lentamente a  
com-viver.

## **AGRADECIMENTOS**

Desejo expressar minha gratidão a todas as pessoas que me ajudaram na construção deste trabalho, especialmente a:

Profa. Dra. Marlene Castro Waideman, minha orientadora, pela paciência e abertura para meus diferentes conhecimentos.

Profa. Dra. Maria Luísa Louro de Castro Valente, pelo carinho com que me recebeu, desde o primeiro dia em que pisei no Departamento de Psicologia da UNESP – Assis.

Profa. Ivete Beauchamp de Castro, minha sogra, pela valorização do meu trabalho e auxílio na maternagem de meus filhos.

Minha família de origem, que sempre garantiu minha liberdade de ir e vir, e a base afetiva para este trânsito.

Minha família atual, por todo o carinho...

Famílias de migrantes que concederam seu testemunho, possibilitando a existência deste trabalho.

## PRIMEIRAS PALAVRAS

Por tanto amor  
Por tanta emoção  
A vida me fez assim  
Doce ou atroz  
Manso ou feroz  
Eu caçador de mim  
Preso a canções  
Entregue a paixões  
Que nunca tiveram fim  
Vou me encontrar  
Longe do meu lugar  
Eu caçador de mim  
Nada a temer senão o correr da luta  
Nada a fazer senão esquecer o medo  
Abrir o peito à força numa procura  
Fugir às armadilhas da mata escura  
Longe se vai  
Sonhando demais  
Mas onde se chega assim  
Vou descobrir  
O que me faz sentir  
Eu caçador de mim

Milton Nascimento – Caçador de mim

Composição: Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão

Por onde começar? Perguntamos ao silêncio quando tudo é novo e temos algo a construir. Urge principiar, dar o primeiro passo, considerado geralmente o mais difícil. Cada pequena palavra, cada expressão, é original, filha única. Antes de as proferir notamos que – já que a linguagem é em si resultado de um trabalho psíquico iniciado

com a percepção – mesmo cada percepção é marcante porque é inédita, diferente, principalmente se o objeto a ser percebido é novo, e se nos encontramos em ambiente estranho, não familiar.

Para o novo texto e para a nova experiência de se estar num lugar outro, que não o nosso, pensamos em buscar referências, e as buscamos no passado, no já feito, naquilo que já foi escrito por nós, ou vivido por nós. Ao navegar no papel em branco, é com alívio que encontramos um após outro os portos seguros das memórias e serenamente vislumbramos os caminhos que ainda podemos trilhar com aqueles conhecimentos que já apreendemos.

Certo professor ensinou-nos, ainda no começo da graduação em psicologia, que toda a consciência que conquistamos é eterna. Melhor dizendo, depois que nos tornamos conscientes, não mais poderemos negar tal conhecimento. O estado de consciência não tem regresso. Não se pode fugir do que se sabe.

Analisando por este ângulo, todo começo é um recomeço. Todo texto que construímos baseia-se em sabedoria adquirida, seja por nós, seja pela humanidade. Toda vida que construímos teve seu princípio naquela que nos gerou. Toda família que fundamos traz as marcas dos nossos antepassados. E, para qualquer lugar para o qual nos mudemos, na bagagem estamos nós mesmos.

A despeito da compreensão dos fatos, a nova experiência sempre desperta uma insegurança, levando-nos a perguntar a quem nos é apresentado: Você é daqui? O que reflete a busca de ajuda, em alguém



que saiba como se dão as coisas neste “aqui”. Quais são as regras do jogo aqui?

E se nos deparamos com alguém que, como nós, não é daqui, queremos explorar a experiência alheia. Há quanto tempo você está aqui? Já se acostumou? Gosta de morar aqui? E sorvemos as respostas com a esperança de que a dor de não ser daqui tenha solução. De que o tempo – e isso ouvimos com frequência – venha a escrever uma memória de nossa vida aqui. E o vazio se preenche, ao menos temporariamente. Esperamos que a vinda, em seu movimento gradual, se torne uma chegada, e possamos nos deixar ficar.

São retalhos do que vivemos logo após a mudança. Resgatamos a palavra “mudança” como importante símbolo direcionador da dinâmica que pretendemos estudar. Da lembrança de nossa infância ilumina-se a cena do comercial de televisão, onde um garotinho olha pela janela de sua casa e anuncia para a família: “O caminhão da Granero chegou!”.

O momento da mudança envolve o desmonte de uma casa inteira, cujos objetos são cuidadosamente encaixotados, mas rapidamente acondicionados num caminhão e transportados até o novo destino. Quando se descarrega aquele monte de caixas, todas iguais... É então que nos damos conta da confusão de tudo o que é nosso, de tudo o que precisa ser encontrado e colocado no seu devido lugar – lugar que deve ser buscado e descoberto na novidade do espaço alterado –, e da reorganização de cada coisa, a reconstrução de uma rotina, de um lar no qual nos reconheçamos.

A imagem concreta da desorganização do espaço físico, em decorrência da situação de mudança, vem, como metáfora, nos contar a respeito da condição inter e intrasubjetiva em que se encontram a família migrante e seus membros.

Experiência presente em nossa história de vida, foi fator de influência na atitude da pesquisadora, pois tivemos o sentido da mudança impregnado em nossa primeira infância. Do nascimento até os sete anos de idade, chegamos a morar em sete diferentes cidades, distribuídas em quatro estados brasileiros. Da família nômade herdamos o hábito de carregar sempre a casa nas costas, como um caramujo, que ao se sentir ameaçado, fecha-se em si mesmo. Herdamos também a insatisfação com nossa bagagem de conhecimento, o que nos leva a estar sempre em movimento, em busca do que possa ter mais sentido, simbolizar melhor, ser ainda mais importante, ou ainda mais desconhecido.

Compomos este trabalho como resultado de uma reflexão iniciada a partir da migração de nossa família atual, para o município de Assis, ocorrida no ano 2000. Representa a busca de um espaço pessoal e profissional neste novo lugar.

Emigramos da cidade de São Paulo, onde se deu nossa formação profissional: graduação, aprimoramento, supervisões, grupos de estudo e análise pessoal. A linha teórica na qual desenvolvemos nosso raciocínio clínico foi eminentemente a psicologia analítica de Jung, apesar de que, na atuação profissional diversificada, pudemos ter

contato enriquecedor com diversas outras abordagens e formas de pensamento em psicologia e psiquiatria.

Nosso interesse por trabalhar com o tema Família foi despertado a partir da experiência como instrutora de um projeto executado no município de Tarumã. Naquele contexto, coordenamos vivências com um grupo de adolescentes, no sentido de promover a reflexão acerca do que consistia a família para cada um dos jovens, o papel deles no grupo familiar e as idealizações presentes quanto a esta instituição.

Ao buscar bases teóricas para melhor compreender a família e sua importância na vida dos jovens, não encontramos na psicologia junguiana a sistematização e o aprofundamento teórico presentes na psicanálise de família. Partimos então para o estudo de alguns autores psicanalíticos e percebemos, com certa surpresa, que algumas idéias psicanalíticas sobre a transmissão da herança familiar coincidiam com a visão filogenética da psicologia analítica.

Hoje percebemos que no processo de migração perdemos – ou melhor, rompemos – um elo de ligação com nossa filiação junguiana. Ou seja, precisamos, para conseguir partir, nos distanciar de tudo que representasse um apego ao lugar de origem. Desta forma, deixamos de cultivar nossos vínculos com nosso grupo de trabalho, discussão ou supervisão, o que de fato provocou uma sensação de orfandade, de desidentificação e mesmo nos desautorizou a pensarmos simbolicamente.

Mas, como já dissemos, não adianta renegar o que realmente somos. Ousaremos, portanto, neste trabalho, aliar a compreensão

teórica da psicanálise de família com a visão simbólica e analógica da psicologia analítica, fazendo as pazes com uma maneira de pensar criativa, na intenção de contribuir para o conhecimento acerca da subjetividade das pessoas que aceitam sair em busca de sua individuação, ou de seu caminho singular.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>14</b>
<b>I - Um breve histórico da família ocidental .....</b>	<b>18</b>
1. A família brasileira.....	23
A formação da família brasileira .....	23
Migrações internas: história recente do Brasil .....	26
2. Migrações, famílias e saúde .....	30
<b>II - Considerações teóricas acerca da família .....</b>	<b>43</b>
O nascimento do inconsciente familiar .....	46
A transmissão psíquica.....	49
Os psiquismos familiares .....	59
<b>III - A dimensão simbólica no processo de migração.....</b>	<b>66</b>
Imagens da migração.....	68
O processo de individuação .....	77
O dinamismo por trás da migração.....	80
<b>IV - Desenvolvimento da pesquisa .....</b>	<b>84</b>
Procedimentos metodológicos .....	84
Objetivos .....	88
Instrumento .....	89
Coleta de dados .....	91
População .....	91
Processo de análise dos dados .....	94
Sujeitos .....	98
<b>V - Análise dos dados .....</b>	<b>100</b>
A família Lapelli .....	100
A família Mafuz .....	118
A família Souza.....	134
A família Salviano .....	150
A família Negrete .....	168
<b>VI - Discussão dos dados.....</b>	<b>184</b>
<b>VII - Considerações finais .....</b>	<b>204</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>208</b>
<b>Apêndices</b>	
<b>A. Questões norteadoras para as entrevistas.....</b>	<b>212</b>
<b>B. Termo de Consentimento.....</b>	<b>213</b>

## INTRODUÇÃO

A criação deste trabalho foi impulsionada pela necessidade de buscar compreender a experiência psicológica de famílias que migram do espaço familiar originário e reiniciam uma vida em um novo contexto. O movimento migratório que abordaremos acontece quase sempre motivado conscientemente pela busca de melhores condições de vida, por novas oportunidades laborativas fora do contexto social de origem: enfim, em busca do que poderíamos chamar simbolicamente de “a terra prometida”.

Este trabalho investigará, no entanto, a existência de influências do psiquismo inconsciente – e possivelmente também do inconsciente familiar – no ato de migrar no qual a família se envolveu.

Tal movimento deixa atrás de si um rastro de saudade, povoado de memórias passadas ligadas às raízes familiares. Mas famílias migrantes têm diante de si o desafio de prosseguir seu cotidiano num outro espaço, o que exige o trabalho de reconstrução de uma rede social, familiar e afetiva. As características desta reconstrução, desta adaptação, serão mapeadas, com o intuito de descobrir se têm relação, de alguma forma, com a origem inconsciente dessa busca.

Como se dá essa reconstrução, cuja necessidade decorre, talvez, da opção da família por conquistar um espaço particular no mundo? O que se espera encontrar nesse novo “lar”, ou o que se busca na terra prometida? Como, finalmente, encontra-se delineada a subjetividade desta família, recontextualizada num outro espaço social? E mais

ainda: teria sido esta migração uma propagação de movimentos iniciados em gerações anteriores?

A dinâmica migratória envolve um futuro algo desconhecido, antecipado por uma expectativa. Assim, procuraremos entender o que buscava aquela família ao migrar, que sentido simbólico permeava aquela mudança. Portanto, falamos do futuro do passado, o que seria um porvir no momento do desejo. Através da lembrança daquele membro da família, viajaremos ao momento em que planos eram traçados, oportunidades ainda não haviam se concretizado e fantasias sobre o que seria o novo lar povoavam o imaginário de toda família.

A compreensão de uma experiência humana em sua riqueza de vida e transformação transborda os limites de nossa capacidade de entendimento intelectual. Lançamos mão, neste trabalho, da abordagem simbólica devido à insatisfação com a resposta racional que encontramos ao problema.

Pretendemos estudar o fenômeno migração familiar e suas implicações subjetivas. Não se trata de um estudo de psicossociologia, já que não enfatizaremos a articulação entre as dimensões sociais e psíquicas, mas focaremos nosso olhar na dinâmica inconsciente familiar. Nesse sentido, acreditamos que mesmo um movimento migratório que não implique numa adaptação a diferentes culturas ou idiomas pode produzir alterações no processo familiar.

Cabe informar que para Houaiss (2001), em seu Dicionário da Língua Portuguesa, migração define-se como *“movimentação de entrada (imigração) ou saída (emigração) de indivíduos ou grupo de*

*indivíduos, geralmente em busca de melhores condições de vida [Essa movimentação pode ser entre países diferentes ou dentro de um mesmo país]*" (2001, p.1920).

Tendo em vista que somos uma nação nova, povoada por diferentes raças, vindas de lugares tão distantes, justifica-se que busquemos compreender a origem inconsciente desta dinâmica, que faz parte da representação da identidade brasileira.

Trataremos do conceito de família através de dois prismas: o histórico e o psicológico. Para abordar a base histórica da família nos remeteremos a Philippe Ariès (1981), em sua conhecida obra *História Social da Criança e da Família*. A importância da família na constituição do psiquismo humano será explicada através de autores da psicanálise como Kaës, Berenstein, Eiguer e outros, que trabalham o conceito de psique intersubjetiva.

Ofereceremos também um panorama da situação peculiar da família brasileira, tendo em vista que muitos estudos têm sido desenvolvidos acerca da migração e de sua influência na caracterização da população nacional, porém poucos enfocam os núcleos familiares, ou mesmo a dimensão psíquica das famílias.

Ansiamos contribuir com esclarecimentos acerca da dinâmica psicológica familiar envolvida no processo de migração. O fator psíquico pode representar um elemento determinante no sucesso ou fracasso do projeto migratório da família, no que tange a trazer conseqüências saudáveis ou não, tanto para o núcleo familiar, quanto para cada um dos membros deste grupo.



Finalmente, ao considerar o processo de migração – em sua dimensão simbólica – como um movimento consoante com a busca da individuação, lançaremos mão de imagens cinematográficas e literárias no sentido de ampliar a percepção deste fenômeno humano.

## **I – UM BREVE HISTÓRICO DA FAMÍLIA OCIDENTAL**

A noção de família se desenvolveu paralelamente ao movimento de interiorização da vida social, segundo Philippe Ariès (1981), historiador francês, que delineou um quadro da transformação, tanto do conceito de infância quanto de família, desde a idade média, na sociedade ocidental.

Na Idade Média, e por muito tempo ainda, a função da família se relacionava à transmissão da propriedade e do sobrenome, enquanto que não tinha especial importância no que se referia aos laços afetivos, já que, até o século XVII, a convivência coletiva se sobrepunha a qualquer tendência aos relacionamentos privados.

A família não existia então como valor, ou como sentimento de pertencimento, ou ainda como locus de intimidade. Gradualmente, a instituição familiar foi se firmando, paralelamente ao surgimento da sociedade de classes, no século XVIII, e à tendência ao individualismo, como uma defesa ao convívio social, que outrora invadira toda a vida humana. Este convívio abarcava tanto homens como mulheres, incluindo as crianças, que desde o momento do desmame eram incorporadas à vida social dos adultos.

Conforme a infância diferenciava-se como uma importante fase da vida, e a criança considerada objeto de preocupação e de interesse, a família passou a assumir a função de educação e de formação moral de seus novos membros, inaugurando o que o autor denominou de sentimento moderno da família. Os pais passaram a incumbir-se de

preparar a criança para a vida, juntamente com a escola: *“a família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos”* (Ariès, 1981, p.277).

Observamos que a família foi se estruturando em torno da criança, e os sentimentos afetivos entre pais e infantes ampliaram-se então a todos os membros do grupo familiar. O movimento de recolhimento da vida coletiva e a necessidade de intimidade construíram, desta forma, o fenômeno da identidade familiar.

Ampliamos aqui a visão da família como fenômeno social, para a idéia da família como base para a constituição da subjetividade do ser humano. Como instância de formação e proteção dos indivíduos e como grupo primário onde o psiquismo nasce e se desenvolve. No contexto familiar acontecem experiências precoces que constituem matéria prima para o desenvolvimento de estruturas psíquicas. Desenvolveremos este tema sob o prisma da psicanálise, num capítulo à parte.

No momento discutiremos uma questão mais recente no campo de estudo da instituição familiar, que consiste no seu grau de importância para o indivíduo e para a sociedade contemporânea, ou ainda sobre sua possível extinção.

Berenstein (2002) questionou a relevância da família na atualidade, e se essa instituição caminha ou não para destituição de suas funções tradicionais. Discutiu o conceito de problema familiar, apontando que no momento em que um modelo se torna oficial, todas as outras situações passam a ser consideradas problemáticas.

Examinou, então, as situações familiares, considerando três áreas nas quais ocorrem transformações que possam vir a gerar problemas familiares. São elas as ocorrências provenientes: das relações familiares, do mundo interno dos indivíduos e do mundo social. Tais áreas seriam imbricadas e foram isoladas pelo autor para melhor compreensão de cada uma.

As transformações provenientes das relações familiares seriam aquelas relacionadas a situações de morte de algum membro da família, separações, infertilidade, famílias monoparentais, casais homossexuais, além da própria situação de migração, foco de nosso trabalho. Outras mudanças poderiam derivar da variação do mundo interno de um determinado sujeito da família, conduzindo o grupo todo, por vezes, em direção a relações mais íntimas e menos burocráticas.

As transformações familiares advindas do mundo social seriam conseqüências de guerras, de exílio ou perseguição política, ou – como enfatizou o autor – da situação social em que se vive: desemprego, pobreza, precariedade de empregos. Em suma, situações que causariam uma desqualificação social. *“Si sostenemos el criterio moderno de que el trabajo es junto con el amor una base de la salud, su pérdida trae un grave deterioro de la subjetividad.”* (Berenstein, 2002, consultado *on-line* em 17 dezembro 2004). E o sujeito, privado de seu espaço social, traria a privação para o âmbito familiar, e também para o íntimo de seu ser. Berenstein (2002) considerou, por outro prisma, que as situações familiares e seus possíveis problemas,

descritos acima, podiam ter um caráter de continuidade com o passado – ou “*invariância*” – ou um caráter de ruptura e/ou recomposição.

Citou Lévi-Strauss (1986), ao enumerar as propriedades invariáveis da família: originar-se no matrimônio, incluir filhos e, eventualmente, outros parentes e basear sua união em laços (jurídicos, econômicos e outros), e leis que regulam a sexualidade. No critério da ruptura caberiam as variantes deste modelo: famílias monoparentais – aquelas compostas por apenas um membro do casal parental e sua prole – recompostas, ou encabeçadas por pares homossexuais.

Concluiu o autor que a extinção da família não estaria em causa, ou seja, tal instituição não seria superada em si mesma, mas sim estaria em curso a produção de uma nova forma familiar, baseada em modos novos ou tradicionais de atuação.

Carvalho e Almeida (2003) discutiram, num enfoque sócio-econômico, o papel da família como mecanismo de proteção social na atualidade. Consideraram a família como uma das instituições sociais básicas. Apontaram como funções familiares a proteção e socialização de seus membros; a transmissão, tanto da cultura quanto do capital econômico e da propriedade; e a continência às relações entre gêneros e gerações.

Citaram os fenômenos que indicam modificações – que não são recentes – na estrutura tradicional da família ocidental: aumento dos domicílios individuais, redução do tamanho das famílias, crescimento de separações entre casais ou do número de casais sem filhos, multiplicação dos domicílios chefiados por mulheres.

Ressaltaram que o mito da família nuclear, composta por pai-mãe e filhos, pode ter sido um fenômeno efêmero da sociedade americana, na década de 50 do século passado, que foi tomado como um modelo universal. Mas que na realidade esta instituição sempre teria tido um contorno complexo e multifacetado.

Como fatores mais recentes que teriam alterado a conformação familiar ocidental, Carvalho e Almeida (2003) apontaram o avanço da urbanização e industrialização, que teriam descaracterizado a família como unidade de produção; mudanças nas relações de gênero; exercício mais livre da sexualidade; idéia da afetividade como condição para a permanência no casamento; flexibilização da relação pai-filho.

Criticaram a metodologia de pesquisa da abordagem de domicílio, baseados em dois fatores. Primeiro, sob o prisma do ciclo familiar: as famílias são estruturas dinâmicas, nascem com pequeno número de membros – número este que tende a aumentar e posteriormente diminuir no decorrer do tempo. Portanto, as modificações encontradas por uma pesquisa podem ser resultado de fases diferentes do ciclo familiar. Em segundo lugar, quanto à questão da confusão entre grupo familiar e grupo residencial: nem sempre o grupo familiar – no sentido de comunidade moral, composta por pessoas com as quais se tem um envolvimento emocional – coincide com o residencial. De forma que a instituição familiar, com suas funções específicas, pode não coincidir com o grupo residencial.

Após a abordagem da questão geral da família na atualidade, passaremos, então, a olhar para nossa realidade mais próxima. Como se caracteriza a família brasileira?

## **1. A família brasileira**

### **A formação da família brasileira**

A família brasileira não tem um só rosto. É o que concluimos da pesquisa de Samara (2002), que estuda as características da família brasileira ao longo do tempo. A autora enfatiza que o padrão de família no Brasil é heterogêneo, tanto se considerado quanto à evolução temporal, quanto se levarmos em conta a extensão e a peculiaridade de cada região do país. E revela que a documentação oficial não esclarece as reais condições em que as famílias viviam, tampouco sua dinâmica de funcionamento.

Por muito tempo o modelo de família patriarcal extensa foi considerado satisfatório para englobar todos os tipos de família que povoaram o Brasil, desde o colonialismo até a atualidade. Este padrão baseou-se nos estudos de Gilberto Freire, efetuados no início do século XX, com populações das áreas de lavoura canavieira do Nordeste.

Aquela autora defende que diversos critérios devem ser levados em conta e que este padrão homogêneo não serve para caracterizar famílias de todo o território brasileiro, durante um intervalo de tempo

tão extenso como o do colonialismo até a contemporaneidade. Há que se considerar contextos econômicos regionais, diversidade de etnia e grupos sociais, e movimentos migratórios das populações, além da contextualização histórica.

Na ótica de nossa pesquisa cabe enfatizar a influência dos processos migratórios na conformação da família brasileira. Segundo Samara (2002), a migração da população masculina para áreas de maior desenvolvimento econômico – ocorrida em diversos momentos da história do nosso país – operou alterações na estrutura familiar brasileira, tais como: mulheres chefiando famílias, mulheres saindo da reclusão do lar para ocupação de ofícios antes exclusivamente masculinos e redução da prole, entre outros.

Além da migração interna, o estímulo à imigração estrangeira – italianos e japoneses, principalmente – ocorrido pela ocasião da expansão cafeeira, trouxe um aumento populacional que não foi absorvido pelo trabalho agrário e que se fixou nas regiões urbanas. Como a comunicação nas regiões metropolitanas é muito mais rápida e o contato com o outro bastante facilitado, podemos trabalhar com a hipótese de que a chegada de pessoas diferentes com culturas diversas, inclusive com costumes familiares diversos, possa ter interferido nos valores familiares tradicionais.

Reafirmando o encontrado por Samara (2002), Souza e Botelho (2001) criticam o patriarcalismo como modelo único de família no Brasil, baseados em revisões de estudos clássicos sobre a família brasileira.



Trabalhando com autores que falam da especificidade da sociedade paulista na época do bandeirismo, reafirmam como este movimento – caracteristicamente uma migração em direção ao interior do país – influenciou a constituição das estruturas familiares na região do estado de São Paulo, e foi influenciado, por sua vez, pela origem e miscigenação étnica ocorrida nesta região. Os autores estudados são Ellis Jr. e Cassiano Ricardo.

Enfatizando o ponto de interesse do nosso trabalho, qual seja, a relação migração-família, consideramos relevante o que os autores colocam a respeito da diminuição da média de filhos por família, por oposição ao aumento da filiação natural, baseados em Ellis Jr., devido à corrida ao sertão empreendida pela população masculina.

Já Cassiano Ricardo, segundo Souza e Botelho (2000), remete às origens do povo paulista a razão da característica nômade do grupo, responsável pelo bandeirismo. Contribuiriam nesse sentido a mestiçagem com os índios, que são em si uma sociedade nômade, e a descendência castelhana, menos enraizada se comparada aos portugueses.

Também Cassiano Ricardo aponta o aumento da filiação natural, mas enfatiza que justamente a formação de famílias ilegítimas – ou a ligação fortuita entre brancos e índios – lado a lado com a existência da grande família patriarcal sediada no planalto, mas chefiada pelas mulheres na ausência dos bandeirantes, teria sido a base de sustentação do movimento bandeirante. Diferencia assim a família desta região do padrão familiar tradicional.

De qualquer forma, na opinião desse autor clássico, a instituição familiar – no caso paulista, bastante democrática – constituiu a unidade colonizadora do Brasil. Aponta Ricardo, segundo Souza e Botelho (2000), a importância da influência deste modelo social paulista na formação dos valores culturais brasileiros.

Refletimos a partir destes dados sobre o grau de importância dos movimentos migratórios e imigratórios na constituição da coletividade brasileira: a miscigenação das raças, a diversidade da conformação familiar, a conquista de um território novo, a busca pela terra prometida. São aspectos presentes no imaginário simbólico desse povo tão jovem.

Percebemos também que, desde o colonialismo no Brasil, há uma tendência à diversidade de estruturas familiares. Inclusive já havendo famílias chefiadas por mulheres, o que contraria a idéia de que este seria um modelo concebido na atualidade.

### **Migrações internas: história recente do Brasil**

Lançaremos um olhar, neste tópico, para a dinâmica migratória recente da população brasileira e sua influência no quadro demográfico do país.

Segundo Cunha (2003) – demógrafo, pesquisador do Núcleo de Estudos da População da UNICAMP –, durante as décadas que antecederam os anos 1980, a distribuição espacial da população brasileira sofria um movimento concentrador e urbanizador em direção

às grandes metrópoles, na região Sudeste: *“Desde 1950, o Sudeste concentra mais de 40% da população nacional, sendo que somente o Estado de São Paulo abrigou em média, no período, 19% dos brasileiros”* (Cunha, 2003, consulta on-line em 17 dezembro 2004).

O processo de urbanização brasileiro teve como resultado que, em 2000, o índice da população vivendo em cidades superava 80%. Ainda assim, vivem hoje na zona rural mais de trinta milhões de pessoas, metade deste contingente reside na região Nordeste, que, como veremos adiante, apresenta alto nível de emigração.

Nas duas últimas décadas do século passado, no entanto, houve uma alteração parcial de tal tendência concentradora, devido às transformações econômicas e sociais acontecidas em toda a América Latina. Mesmo com a observação de um movimento de relativa desconcentração demográfica, grandes centros urbanos ainda assim, representariam forte atração para a população. Ou seja, a maioria dos brasileiros continua buscando residir em cidades, porém as aglomerações tenderam à dispersão ao longo do território. Novas cidades nasceram e pequenos municípios do interior dos estados elevaram-se a um porte médio.

O autor revela que novos espaços regionais se tornaram importantes na dinâmica populacional, principalmente na região Sudeste do país. Dentro desta região, a capital do estado de São Paulo e seu entorno destacam-se quanto ao seu papel relevante nos movimentos demográficos brasileiros. Todavia, a tendência à aglomeração não se alterou, já que, mesmo rumando para o interior ou

para a periferia das grandes metrópoles, a população tende a formar núcleos habitacionais que vão inchando rapidamente.

Para entender a complexidade da dinâmica migratória atual, focando a maior região urbanizada do país – a cidade de São Paulo e sua região metropolitana –, devemos ter em mente o cruzamento de fluxos: por um lado, a imigração de população vinda de outros estados (região nordeste principalmente) e por outro, a emigração de pessoas em direção à periferia, ou ao interior do estado.

Segundo Cunha (2003), a taxa de crescimento demográfico da região Sudeste vem decaindo desde a década de 1980, mas de forma mais suave na década de noventa. O autor aponta a redução da taxa de fecundidade e a migração influenciando neste movimento, lembrando como o estado de São Paulo centralizava o setor industrial brasileiro antes da desconcentração produtiva. Atualmente, municípios de médio porte, espalhados em diversas regiões brasileiras, têm oferecido concorrência, quanto ao crescimento econômico, à região em questão.

A região Norte – e de forma semelhante, a região Centro-Oeste – apresentou crescimento populacional na década de 1980, devido à imigração de população para a conquista da fronteira agrícola do país. Porém, o fim de programas de incentivo governamental, bem como dificuldades técnicas e operacionais características da região, provocaram certa redução deste movimento. Mesmo assim, o saldo migratório para essa região permanece positivo, e seu crescimento

demográfico – em decorrência também da alta taxa de natalidade – acima da média nacional.

A região Sul apresentou, na década de 1980, a menor taxa de crescimento populacional do país, graças, em parte, ao movimento migratório da população rural do Paraná em direção às fronteiras agrícolas, iniciado na década anterior. Contudo, na década de noventa houve recuperação da população, devido ao desenvolvimento industrial. População destinada, como se conclui, à urbanização.

No caso da região Nordeste – tradicional fornecedor de migrantes para a região Sudeste – no mesmo período, a criação de pólos de produtividade, como o Pólo Petroquímico de Camaçari, na Bahia, além de outros fatores, que contribuíram para a abertura de novos postos de trabalho, absorveu trabalhadores que tenderiam a migrar, promovendo o retorno de migrantes que haviam deixado a região por falta de emprego.

A partir dos anos 1990, entretanto, o crescimento demográfico nordestino sofreu uma forte queda, coincidente com o aumento da emigração de sua população. A esse respeito, o demógrafo Cunha levanta algumas hipóteses a título de especulação, mas admite que o assunto necessita de maiores estudos, já que o movimento esperado seria – ao contrário – uma menor migração. Fatores como a seca, a redução da pequena propriedade e a crise das maiores cidades da região – locais estes onde bom número dos migrantes se estabeleceria – haveria contribuído para a evasão de nordestinos.

Na opinião de Cunha, a transformação demográfica ocorrida no Brasil, documentada por dados dos censos de 1970 a 2000, representa o resultado não só da redução da taxa de fecundidade – de quatro para 2,3 filhos por mulher – mas principalmente do fator migração. Em suas palavras: *“pode-se deduzir facilmente que o efeito da migração foi decisivo nesse processo de distribuição espacial da população brasileira”* (Cunha, 2003). E ainda: *“chama atenção que o volume de pessoas residindo há menos de dez anos nas várias unidades da Federação aumentou significativamente, sugerindo, a princípio, um crescimento da mobilidade interna no país”* (Cunha, 2003, consulta on-line em 17 dezembro 2004).

Nossa questão gira em torno das transformações no psiquismo familiar e na subjetividade de cada indivíduo que compõe toda esta massa populacional, que se desloca em busca de novos horizontes. Como se adaptam, que conseqüências pode esta mobilização acarretar à saúde do migrante. São aspectos que abordaremos a seguir.

## **2. Migrações, famílias e saúde**

O tema da migração tem sido abordado – como demonstrou a revisão bibliográfica – pelas ciências da sociologia, psicologia, história, demografia e antropologia, entre outras. Em estudos internacionais, observamos uma proliferação de trabalhos acerca das imigrações forçadas, principalmente com refugiados de guerras, no continente europeu, mas também sobre a questão da imigração de sul-americanos para os Estados Unidos ou a adaptação de cidadãos orientais à cultura

ocidental. Não nos aprofundaremos na descrição destes, já que não coincidem com nosso objeto de estudo.

Em termos nacionais notamos o interesse pelo estudo das populações ou indivíduos que saem dos campos ou de núcleos habitacionais pequenos e se dirigem às grandes metrópoles, principalmente o movimento do nordestino em direção ao sul-sudeste brasileiro.

Almeida (1997) estuda o tema da solidão, baseada em contatos com trabalhadores da construção civil que teriam migrado dentro dos dois anos anteriores, da região nordeste do país para a cidade de São Paulo.

Na parte de seu estudo dedicada ao tema migração, vincula o processo migratório ao quadro sócio-econômico, ou seja, é visto como única opção frente à seca ou falta de postos de trabalho na região de origem. Aponta ainda a alteração na dinâmica econômica, marcada pela descentralização industrial, entre outros fatores, como relevante para o aumento da migração para o interior do estado de São Paulo, de forma que cidades de pequeno e médio porte têm apresentado crescimento populacional significativo.

Um ponto de interesse para nossa pesquisa consiste na constatação de novas características – no processo migratório na última década do século XX – no que se refere à inserção do trabalhador no mundo do trabalho. O setor terciário, ou setor de serviços, tem aumentado sua demanda, o que influencia nas correntes migratórias.

A busca de melhor qualidade de vida aparece como o motivo da migração, em todos os casos analisados pela autora. É uma busca marcada pelo sentimento de solidão, o qual não teria conotação necessariamente negativa (sofrimento), mas poderia ser sentida como positiva (saúde). Tais sujeitos sofrem ainda abalos em sua identidade, sensação de serem estrangeiros excluídos, discriminações e medos de desemprego. Todavia, desenvolvem estratégias de enfrentamento de dificuldades, que se caracterizam principalmente pela busca de vinculações sociais: amizades, parentes, religiões.

Fica claro que os relacionamentos afetivos tornam mais suportável, ou mesmo viabilizam, o prosseguimento do projeto de vida. Teremos oportunidade de observar o que acontece quando a imigração não se dá em contexto solitário, mas envolve o núcleo familiar completo.

Azevedo (1993) enfoca a imigração sob o ponto de vista psicológico, tendo como objeto de estudo o movimento de mudança das cidades do interior dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro para a capital carioca. Embora trabalhe com sujeitos jovens que migraram individualmente, constata que a família intervém determinantemente nos processos de migração.

A princípio, coloca algumas diferenças entre as culturas familiares rurais e urbanas, considerando que os municípios interioranos menores ainda são fortemente influenciados por tais culturas, de características predominantemente patriarcais: hierarquia de papéis familiares, submissão feminina; mas também cujos laços de



sustentação social são mais fortes, de forma que o indivíduo se sente mais protegido. Por outro lado, as grandes cidades favorecem a superficialização das relações sociais, segundo a autora, levando o ser humano ao isolamento.

Aponta o desenraizamento como sentimento básico vivido pelos migrantes, caracterizando-o como perda de referenciais: temporais, espaciais, culturais e afetivos. Evidencia a força da instituição familiar na cultura brasileira, de forma que separar-se desta unidade tem um significado maior do que em sociedades mais individualistas.

Azevedo (1993) observa que *“quem migra junto ou ao encontro de alguém, tende a ter sua adaptação facilitada já que este outro representa uma ponte entre o novo meio que ele encontra na rua, e o familiar que ainda lhe é acessível ao voltar para casa”* (1993, p.200). Poderemos, ao focar famílias migrantes, avaliar a eficiência, ou não, deste ponto de referência familiar, correspondente ao conceito de eu-familiar explorado por Eiguier, o qual teremos oportunidade de explicar no capítulo seguinte.

Cavalcanti (1999) mergulha na vida da comunidade pernambucana de São Severino “dos Macacos” em busca da compreensão do mecanismo social de saída da pobreza, efetivado com o processo de migração para a cidade de São Paulo.

*“.as práticas sociais de saída da pobreza [podem] ser consideradas aqui como processos psicossociais. O conflito e o desejo de sair da pobreza atuam no imaginário social e nas representações dos indivíduos e vice-versa, mediante a criação de imagens, de ideais, de uma abstração sobre caminhos possíveis, ações possíveis. Neste estudo, procuro entender como essas interações do social com o psíquico atuam nos vários movimentos de lidar com as dificuldades que uma situação de pobreza produz, na escolha entre ficar no lugar*

*de origem ou deslocar-se para outro meio, caminhos de não conformação” (Cavalcanti, 1999, p.17).*

Em um consistente trabalho de doutorado que tem como hipótese o fato do deslocamento para a grande cidade provocar mudanças no imaginário dos sujeitos, que por sua vez produz o movimento de saída da pobreza, a autora trabalha com filhos, pais e avós, a fim de observar tais mudanças no transcorrer das gerações.

Acredita que movimentos de deslocamentos constantes aos quais aquela população – e poderíamos generalizar para a população rural nordestina – se submete, é mais do que a repetição de uma herança relacionada com os ancestrais ou uma determinação sócio-cultural, mas evidencia um caminho criativo de busca de singularização, de um lugar próprio no mundo, resgatando o mérito pessoal frente a um estigma social.

Evidencia a extrema importância da família para aquele grupo social, em termos tanto afetivos como de sobrevivência econômica, bem como as relações de parentesco mais amplo e de amizade. Mas, acima de tudo, vislumbra as possibilidades de transformações psíquicas dos sujeitos agindo por trás dos determinismos e preconceitos sociais e muitas vezes construindo táticas para viver do melhor modo possível na sociedade moderna.

Ainda enfocando o processo migratório do nordeste para o “sul-maravilha” – expressão citada por alguns autores para expressar o conteúdo imaginário de idealização com o qual principalmente a cidade de São Paulo é investida –, cabe comentar o trabalho de Mahfoud (1990) com migrantes baianos operários na grande São Paulo.

*“A primeira característica que salta aos olhos é a de que tratam de suas vidas como um processo de migração. Essa característica está sempre presente, tratem quer do passado, quer do presente e mesmo do futuro” (Mahfoud, 1990, p23).*

Nessas palavras o autor ressalta o peso da vivência da migração na subjetividade da pessoa que migra. A migração assume um sentido de inexorabilidade, nas circunstâncias abordadas nas pesquisas citadas até então – excetuando-se a pesquisa de Azevedo (1993) com jovens de classe média –, ou seja, em situações socialmente precárias e em função da garantia da sobrevivência, mesmo física, própria ou da família. Passa a ser considerada como a única opção que resta ao sujeito, vítima de um determinismo social que não lhe dá outra escolha.

Ao contrário, em nossa pesquisa, poucos são os que se sentem sem opção. Melhor dizendo, a realidade social diferente das observadas nas pesquisas anteriormente citadas proporciona, à maioria dos nossos entrevistados, maior liberdade de opção existencial.

No entanto, percebemos semelhança significativa entre nossos resultados e os obtidos em outras análises, no que tange às conseqüências emocionais do processo migratório, como: desidentificação, percepção de alterações espaço-temporais, choques culturais, busca de laços familiares no novo lar, entre outros.

Também fica claro que, independentemente da classe social do indivíduo e da possibilidade ou não de escolher engajar-se no processo migratório, dois fatores marcam tanto a procura pela migração, quanto a qualidade da adaptação ao novo lugar de vida: a família e o trabalho. Talvez possamos trazer como questão contemporânea a exclusão ou

inclusão no mundo do trabalho, fator comum tanto aos mais favorecidos economicamente quanto aos menos.

Nosso foco de interesse neste estudo, não obstante, consiste na questão da família. Passaremos, então, aos autores que enfatizam a família como grupo primário de grande importância e que desenvolveram pesquisas que ressaltam a compreensão dos aspectos psicológicos familiares inerentes ao processo de migração.

Mota, Franco e Motta (1999) elaboraram um estudo, baseados no referencial teórico de estresse e suporte social, no intuito de avaliar a correlação entre processos adaptativos e estados de saúde. Consideraram a migração como um fator psicossocial capaz de alterar a organização familiar.

Tais autores definem a migração como “*processo social determinado pelo modo como uma dada organização social provoca desequilíbrios entre grupos populacionais*” (Mota, Franco e Motta, 1999, consulta on-line em 17 dezembro 2004).

Considerando a migração como o fenômeno da mudança de residência que envolve o cruzamento da fronteira de uma unidade administrativa, apontam que as conseqüências no estado de saúde variam conforme características do migrante, sejam elas: sexo, idade, raízes étnicas. Ressaltamos a observação dos autores de que as razões que motivaram a migração e as expectativas e crenças quanto à mudança também devem ser levadas em conta nos fatores de risco à saúde.

Em termos gerais, segundo Mota, Franco e Motta (1999), o estresse psicológico envolvido na situação de migração gera um potencial patogênico. Mesmo alterações no ambiente físico e cultural, como por exemplo, a migração do campo para a cidade, ou vice-versa, podem gerar conseqüências no funcionamento orgânico e emocional do migrante.

Utilizam o conceito de alienação para expor os sintomas possíveis de estresse no processo migratório. Definem alienação como *“qualquer tipo de afastamento ou separação social”* (Mota, Franco e Motta, 1999, consulta on-line em 17 dezembro 2004). Seriam sintomas da alienação: impotência, auto-estranhamento, isolamento, ausência de sentido e vazio.

A impotência seria um tipo de desamparo aprendido, resultado da frustração ocorrida perante a exposição repetida a estímulos negativos. O isolamento significaria o sentimento individual de separação da rede social. A ausência de sentido – conceito difícil de ser definido, segundo os autores – teria relação com senso de significado, ou senso de propósito, que o indivíduo deveria ter para se sentir motivado a enfrentar problemas, e se adaptar ao novo ambiente. Tais dimensões, envolvidas no processo migratório, são alguns dos fatores que procuraremos explorar em nossa pesquisa.

Entre os conceitos trabalhados, investigamos o de sentimento de pertença, desenvolvido na teoria psicanalítica de família. Este sentimento se refere à familiaridade que as pessoas experimentam em seus ambientes naturais. A percepção de ser aceito e reconhecido

alimenta uma sensação de proteção que, no caso do migrante, encontra-se abalada, gerando estresse.

Continuando o estudo sobre migração e saúde, os autores conferem que a literatura disponível se refere aos processos imigratórios relativos ao movimento de deslocamento internacional, de forma que fatores como diferenças de idioma e cultura são considerados obstáculos mais difíceis de serem superados, do que o estresse ligado a fatores psicológicos. Não podemos ignorar que alterações objetivas, como a questão do idioma, possam trazer maiores complicações ao processo migratório, mas concluímos, analisando este artigo, que mesmo a migração interna representa risco de estresse psicológico, o que justifica nosso trabalho.

Outro importante fator que interfere no impacto da migração na saúde física e psíquica do migrante, segundo Mota, Franco e Motta (1999), seria o ambiente psicossocial. Dentro da questão psicossocial, resgatamos o que os autores salientam a respeito da família, nosso objeto de pesquisa:

*“As mudanças que ocorrem antes e depois da chegada no novo ambiente podem romper relacionamentos entre membros familiares e perturbar a organização familiar, fazendo o processo de elaboração mais difícil. Espin (1987) revela com seu trabalho a existência de fatores intrapsíquicos que se relacionam com o processo de adaptação de migrantes. Este autor destaca que pode haver diferenças de gênero nos mecanismos ou na intensidade com que os indivíduos são afetados por estes fatores e que membros familiares podem vivenciar o fortalecimento dos seus laços ou a ruptura dos mesmos” (Mota, Franco e Motta, 1999, consulta on-line).*

No momento em que a sociedade vive os paradigmas da globalização e da individualização, gostaríamos de resgatar a

importância de um ponto de referência grupal, na vida psíquica e prática do ser humano. Partiremos, desta forma, do pressuposto de que a instituição familiar – permeada pelo inconsciente familiar, no qual tem lugar o movimento de transmissão psíquica – continua funcionando como proteção e mediação entre o indivíduo e o grupo social maior.

Considerando o conceito de transmissão psíquica, Hashimoto (1995) investiga a subjetividade de imigrantes japoneses, em sua vinda para o Brasil no início do século XX, em busca de oportunidades de trabalho. Baseado numa visão psicanalítica, elabora uma compreensão de importantes dimensões psíquicas dos sujeitos, enfocando tanto o indivíduo como o grupo familiar. Fala dos desejos e dos mecanismos defensivos, do sofrimento e da utilização de recursos para a sobrevivência emocional numa terra inóspita.

Utilizando poeticamente a percepção do tempo e das estações do ano, mostra como os imigrantes se sentiam privados do referencial externo, espaço-temporal. Compreende as representações psíquicas familiares das estruturas de espaço e tempo e reflete sobre como tal desamparo dificultou a adaptação do imigrante à nova terra.

Importante referencial para nossa pesquisa, utiliza conceitos da psicanálise de família, inclusive autores como Eiguer, que pesquisamos por nossa vez, embora trabalhe com a análise final dentro de aspectos da psicologia individual.

Okamoto (2001) também estuda a imigração de japoneses para o Brasil, abordando em seu trabalho a constituição das associações nipo-brasileiras que foram fundadas por estes imigrantes. A autora trabalha

com a teoria psicanalítica de família e com o conceito de rede social. Revela que a formação destas associações derivou da necessidade de refazer laços afetivos e reconstituir uma rede social, perdida com a mudança de país. Aponta também que este movimento aconteceu só após a constatação, pelo imigrante, de que a estadia no Brasil seria definitiva, já que, a princípio, a vinda teria sido provisória, objetivando ganho econômico e retorno à terra natal.

Segundo a autora, através da formação das agremiações, os japoneses e seus descendentes puderam manter viva a cultura e as tradições do Japão, o que demonstra a valorização e o significado interno desse legado cultural.

Esta pesquisa tem como eixo central de análise os conceitos da psicanálise de família, tais como o ideal de ego, o habitat interior e sentimento de pertença familiar. Tais conceitos serão de grande importância para o nosso trabalho, servindo inclusive como orientador para a análise do material. No entanto, algumas diferenças pautam as duas pesquisas: Okamoto (2001) utiliza o conceito de rede social e trabalha com uma população específica de migrantes japoneses, enquanto que em nossa pesquisa não utilizaremos o conceito de rede social, mas trabalharemos com a transmissão psíquica intergeracional e com uma população brasileira, caracterizada pelo movimento de migração interna.

Machado (1997), estudando historicamente as mudanças nas relações intrafamiliares decorrentes do fenômeno migratório, procurou esclarecer algumas estratégias familiares e individuais de adaptação



ao novo meio. Trabalhou com a genealogia de uma família imigrante de origem germânica, estabelecida em Curitiba (PR) há um século e meio. Naquele contexto, observou a manutenção da endogamia étnica, rompida apenas na quarta geração, o que denotou a existência de uma comunidade fechada, resistente a integrar-se ao novo ambiente. Além da tradição cultural, a condição sócio-econômica e o trabalho também influenciaram na união dessa comunidade. Gradualmente as relações sociais foram sendo ampliadas e a noção de comunidade superou os limites da etnia. Mesmo assim os casamentos continuaram a ser efetuados dentro da comunidade. A esse respeito, a autora coloca que:

*“Embora os estudos sobre imigração tendam a caracterizar a mulher como ponte entre as gerações para a preservação da identidade étnica, pode-se imaginar o caráter muito mais amplo desse papel social feminino: o controle de sua socialização como meio de preservação dos laços comunitários”* (Machado, 1997, consulta on-line em 17 dezembro 2004).

Podemos considerar o papel feminino como sendo de grande importância para a manutenção do núcleo familiar e este, por sua vez, como base da comunidade, conseqüentemente estruturador das aglomerações urbanas. Família, comunidade, cidade: a mulher atuando no processo de enraizamento da sociedade.

Mudando o enfoque para a questão da herança intergeracional, Machado (1997) aponta que a tendência a dar continuidade à profissão ou ao conhecimento técnico passado de pai para filho diminuiu a cada geração, naquele contexto, assim como a manutenção da tradição cultural endogâmica tendeu ao afrouxamento. Podemos entender que a adaptação a um novo meio social exigiu um questionamento e a

modificação criativa do legado intergeracional, numa direção mais individualista, ou pessoalizada. Entraremos, enfim, na abordagem teórica do assunto, de forma a basear a utilização de tais conceitos.

## II - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DA FAMÍLIA

Existem diversas dimensões a serem consideradas quando se busca definir psicanaliticamente a instituição familiar. Berenstein (1988), ao elaborar uma definição de família, refere-se a duas diferentes ordens. A ordem teórica consiste na definição do sistema familiar como contendo no mínimo os três tipos de relações de parentesco: a relação de consanguinidade, a relação de aliança e a relação de filiação. A ordem empírica consiste na percepção dos membros da família, ou seja, o que denominam família, que pessoas fazem parte daquele núcleo familiar, segundo o apontamento do próprio grupo. Desta forma, pode ser considerado o conjunto restrito pai-mãe-filhos, ou as pessoas que habitam sob o mesmo teto, ou ainda as pessoas com as quais se tem um contato afetivo mais íntimo.

Uma ampliação deste conceito, através da consideração do contexto espaço-temporal, pode ser encontrada na definição de Soifer, que caracteriza a família como:

*“um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Este núcleo, por seu turno, se acha relacionado com a sociedade, que lhe impõe uma cultura e ideologia particulares, bem como recebe dele influências específicas.”* (1982, p.22).

Soifer (1982) aponta a continência como uma das funções familiares. Discorre, especificamente, sobre a função de conter as partes imaturas da personalidade, presente nos filhos enquanto crianças de forma concreta, e nos demais adultos da família, de forma

inconsciente. Através da convivência com o amor, com a solidariedade e com o respeito espera-se que se dê o controle dos sentimentos e ansiedades infantis.

Em termos psicológicos, a criança, tomando os membros de sua família como modelo de maturação e como possuidores de habilidades para sobreviver no mundo lá fora, vive a evolução, de acordo com Soifer, *“da relação narcísica de objeto, para a relação objetal, que culmina com a instalação do superego”* (1982, p.23). Inicialmente caracterizada por uma simbiose biológica, a relação criança-família saudável tende a se desenvolver devido ao impulso para o crescimento infantil, que, segundo a autora, é biologicamente determinado.

A introdução das crianças no mundo externo pressupõe que os adultos responsáveis lhes transmitam a noção de limites, de forma a capacitá-las a impor um controle sobre suas fantasias onipotentes. Imbuídos da autoridade parental, devem desempenhar esta função, que, em si própria, leva ao discernimento entre a fantasia e a realidade. Tal ensinamento fundamental constitui uma árdua tarefa para o adulto, devido à força dos impulsos autodestrutivos presentes no ser humano.

Até o momento, colocamos como importante função familiar a formação de seus novos membros, numa ênfase à distinção de papéis, a saber, os adultos que ensinam e provêem, e as crianças, que são objeto de cuidado. No decorrer da vida familiar, a dialética dos papéis fica mais evidente, na medida em que as crianças ampliam seu ambiente vital. Ao término da infância, a hierarquia familiar, no que

toca ao acesso ao conhecimento, se equilibra, dando oportunidade aos diversos membros familiares para desenvolver relacionamentos humanos nivelados.

Para desempenhar o papel de adulto responsável por uma família, o indivíduo lança mão de recursos e defesas aprendidos e construídos durante sua própria iniciação como ser humano, no relacionamento com seus pais e familiares, que, por sua vez, lhes foram ensinados por seus pais ou responsáveis. Estes, igualmente, recorreram a experiências vivenciadas por seus pais e assim por diante. Tais modelos vão sendo introjetados como dinâmicas psíquicas e se reproduzem inconscientemente, nos relacionamentos interpessoais.

Guardadas as devidas ressalvas para a possibilidade do indivíduo ser capaz de questionar ou modificar os modelos parentais por si próprio, nos deparamos aqui com o cunho determinista da cultura familiar. De geração em geração, constrói-se um modelo familiar psicológico de enfrentamento da realidade. É fácil observar nas famílias como as configurações reproduzem-se rigidamente, a despeito, muitas vezes, das alterações do meio-ambiente.

A respeito deste fato, Schützenberger, citando o conceito de Boszormenyi-Nagy do *mito familiar*, diz que:

*“o indivíduo é uma entidade biológica e psicológica – eu acrescentaria psicossocial – cujas reações se determinam tanto por sua própria psicologia como pelas regras do sistema familiar. Em um sistema familiar, as funções psíquicas de um membro condicionam as funções psíquicas do outro membro: há uma regulação recíproca contínua, e as regras que dizem respeito ao funcionamento do sistema familiar são tanto implícitas como explícitas, mas, principalmente implícitas. E dela não são conscientes os membros da família” (1997, p.30).*

Concluimos, com estas observações, como se torna importante o conhecimento da história da família num sentido mais amplo: que tipo de afeto permeia a comunicação, a ideologia intrínseca a determinada família e o tipo de defesa que a caracteriza. A consciência dos fatos, ou seja, a compreensão das redes inconscientes em que as pessoas encontram-se entrelaçadas, pode libertá-las para uma dimensão mais pessoal de existência.

Mas que poder é esse que envolve o indivíduo e transcende sua psique pessoal? Como chegamos a vislumbrar teoricamente a força abstrata do inconsciente familiar e como ela se constitui? A psicanálise buscou responder a tais questões, partindo de um momento anterior à existência da família como instituição.

### **O nascimento do inconsciente familiar**

A impossibilidade de vida humana em situação de isolamento aponta para uma das mais marcantes características do homem, que consiste em existir como ser social. Sua imperfeição o move em direção a uma existência grupal, de forma a que desenvolva entrelaços sociais e psíquicos com outros de sua espécie, na medida em que é um ser inacabado.

Apesar disto, nos primórdios do estudo da psique, a psicanálise chegou a considerá-la como uma entidade monádica, inerente ao indivíduo e independente da relação eu-outro. Mas Freud – já em 1912, em Totem e Tabu, e posteriormente em 1921, em Psicologia de grupo e análise do ego –, trabalhando na relação entre psicologia individual e

psicologia social, enfatizou quão difícil seria a tarefa de investigar a psique individual no homem isolado, já que para o ser humano o outro é imprescindível, seja como modelo, objeto de afeto ou adversário.

A partir da análise de estudos antropológicos, em *Totem e Tabu* (1912), Freud desenvolveu a hipótese de que a família não constituiria o primeiro sistema social no qual o ser humano se veria inserido. Anterior a tal estrutura, nos primórdios da humanidade, considera-se que haveria existido um sistema classificatório de parentesco, baseado no totemismo e em seu sistema de leis, o qual incluiria a exogamia e a proibição do incesto.

O totem consistiria num símbolo dinâmico para tais sociedades: o primeiro antepassado, posteriormente assimilado como o espírito guardião, sendo por fim representado por algum animal (ou fenômeno da natureza). Um dos primeiros traços herdados na história da humanidade, o laço totêmico seria mais forte do que a consanguinidade.

Considerado como um perigo que ameaçava todo o grupo, o incesto teria a intensidade e a ambivalência de um tabu, de algo ao mesmo tempo sagrado, misterioso e perigoso, impuro. Sua proibição ampliava-se para todos os membros de um mesmo clã e não se relacionava aparentemente com o fato de gerar filhos, mas chegava a restringir qualquer contato, principalmente entre irmãos e irmãs e entre filhos e mães.

Julgando a necessidade de compreender a origem do tabu do incesto, Freud passou a pensar no surgimento da exogamia. Localizou

sua origem num momento anterior ao do totemismo e formulou a hipótese de que o ser humano habitaria em pequenas hordas primevas – num modelo darwiniano – onde existiria um macho vivendo com quantas fêmeas pudesse alimentar e proteger. Este macho defenderia seus domínios de outros machos mais novos – seus descendentes – que, sendo expulsos como rivais, iriam procurar estabelecer seu território com outras fêmeas.

Os machos mais novos – unidos por laços fraternos – juntar-se-iam, matariam e devorariam o pai, colocando um fim à horda patriarcal. Isto teria sido possível devido à união de todos na inveja e temor ao pai. Devorando-o, cada um deles adquiriria parte de sua força.

No entanto, além desses sentimentos, os filhos também nutririam a admiração e o amor ao pai, que derivou no remorso e no sentimento de culpa pelo crime cometido, impossibilitando que algum deles assumisse então o posto do pai, que jazia morto.

A instituição da proibição do incesto teria sido o instrumento que manteria a união grupal da horda, antes patriarcal, agora fraterna. Como nenhum dos machos destacar-se-ia na assunção ao lugar do pai e da ordem, e em vista do desejo disseminado pelas fêmeas do grupo, o tabu do incesto coibiria as lutas internas e possibilitaria a coexistência dentro desse grupo. A tentativa de anular o próprio ato criminoso originou a proibição subsequente do ato. A morte do ancestral (totem) foi proibida e instituiu-se a renúncia às mulheres do clã, através da interdição do incesto.



A hipótese freudiana, brevemente retomada aqui, nos leva a vislumbrar um processo histórico da constituição grupal da humanidade que teria tido início com as mencionadas hordas primevas, transformando-se então em clãs totêmicos. O totemismo foi considerado por Freud como presente na origem da organização social, das leis morais e da religião. O desfecho deste processo resultou na constituição dos dois principais tabus da humanidade desde então, que em desenvolvimentos posteriores resultaria no que, na nossa sociedade, seria conhecido como complexo de Édipo.

Desse movimento também seria derivada a memória mítica do grupo original. A partir daquele momento, o ser humano levaria consigo a missão de viver em sociedade. Cada indivíduo traria, ao nascer, uma dívida filogenética, nas palavras de Eiguer (1985). A convivência grupal aconteceria como um destino natural da espécie humana.

Considerando que a família surge, em nossa sociedade, como o primeiro espaço grupal – essencial para a constituição psíquica do sujeito – antes e após seu nascimento, justifica-se o forte elo inconsciente existente entre os membros familiares, a ponto de formarem um psiquismo único.

### **A transmissão psíquica**

Correa (2000) – estudando a dimensão grupal na construção da subjetividade – aponta o desamparo inicial do ser humano como fator decisivo neste sentido, na medida em que propicia a criação de:

*“um vínculo de dependência do sujeito em relação a seu grupo primário ou familiar. Expresso em diferentes níveis, como a alimentação, os afetos e a proteção, esse vínculo de dependência se associa a um sistema de significações fornecidas ao sujeito. Como consequência, impõe-se constantemente um poder modelador, exercido em primeiro lugar pela função parental e pelos grupos primários” (Correa, 2000, p.58).*

René Kaës (2001) trabalha com a idéia de que a psique, derivada da experiência corporal e da vivência intersubjetiva, vem a ser determinada pela condição de herdeira da subjetividade humana. Procuraremos explicar aqui as proposições desse autor, baseadas em Freud.

A origem da psique individual precede o sujeito, foge ao controle deste na medida em que a concepção deste sujeito consiste no resultado da determinação do desejo do outro, seu ancestral. Paradoxalmente, para existir, o sujeito enfrenta a necessidade de apoderar-se de seu destino, de personalizar sua psique.

O nascimento do sujeito é um movimento de encontro de mais do que um casal. Cada um dos componentes do casal vem precedido por um grupo; portanto, o ser humano é nomeado, delineado, recebido e sonhado por um conjunto da humanidade que o precede. O desejo dessa humanidade o cria. Tal desejo encontra-se corporificado pelo desejo da mãe (figura materna) pelo filho. Inexiste psique humana isenta desta condição.

Nas palavras de Kaës:

*“O grupo precede o sujeito do grupo: isto significa que, de certa maneira, não nos é dado escolher não ser incluído no agrupamento, assim como não nos é dado escolher ter ou não ter um corpo; é assim que vimos ao mundo, pelo corpo e pelo grupo, e o mundo é corpo e grupo. A subordinação ao grupo funda-se na inelutável rocha da*

*realidade intersubjetiva como condição de existência do sujeito humano*” (Kaës, 2001, p.13).

O autor enfatiza ainda que nosso destino é sermos herdeiros da humanidade e somos desta forma precedidos por determinações culturais lingüísticas e corporais, informações transmitidas de geração em geração, das quais nos apropriamos em larga medida de forma consciente e prática. Tal herança, denominada **intergeracional**, constitui-se de conteúdos que permeiam nossa história de vida familiar, organizada e introjetada a partir de imagos, fantasias e identificações elaboradas pela psique individual. Portanto, fazem sentido em nossas vidas e até as constroem.

Outro quantum de informação transmitido psiquicamente habita o inconsciente, de forma que nossa vida vem a ser direcionada e influenciada por conteúdos anônimos e inacessíveis ao controle. Esta qualidade de herança – denominada **transgeracional** – caracteriza-se por ser composta de elementos brutos – vivências traumáticas, segredos familiares – os quais não passaram por elaboração pelas gerações anteriores. Movimenta-se atravessando autonomamente os espaços psíquicos dos herdeiros, por vezes irrompendo alternadamente nas psiques individuais, “pulando” gerações. São legados que não fazem sentido, por não apresentarem elo de ligação com conteúdos pessoais do sujeito.

Segundo Kaës (2001), nossos ancestrais de certa forma nos tornam reféns de seus desejos insatisfeitos, seus recalcamientos, suas renúncias:

*“De nossa pré-história tramada antes de nascermos, o inconsciente nos tornará contemporâneos, mas só passaremos a ser seus pensadores pelos efeitos **a posteriori**. Essa pré-história em que se constitui o originário, a de um começo do sujeito antes de seu advento, se escreve na intersubjetividade. Arrisquei formular que o sujeito é primeiro um ‘intersujeito’” (Kaës, 2001, p.13).*

Tanto a herança intergeracional, quanto a transgeracional, são movimentadas por transmissões psíquicas. O impulso de transmitir consiste num imperativo inconsciente do qual depende a sobrevivência da espécie humana. No entanto, surge eventualmente a urgência em interromper a transmissão, quando esta se caracteriza como fonte de sofrimento. No momento em que o indivíduo se vê invadido por forças de heranças violentas, identificadas apenas como um não-eu – tal qual uma possessão –, torna-se impossível a elaboração do legado e assim se constitui a enfermidade.

Kaës explica que Freud pesquisou três tipos de transmissão: a intrapsíquica, inerente às formações intermediárias, faz a ponte entre as instâncias inconsciente/pré-consciente, sonho/vigília; a transpsíquica, através dos sujeitos e apesar deles, não aceita limites nem espaços subjetivos, é concernente à multidão e se baseia no contágio psíquico. E finalmente a que será abordada aqui: a transmissão intersubjetiva.

Entendemos que a transmissão intrapsíquica é o movimento de translação das representações psíquicas, com seus diferentes graus de intensidade, de uma instância a outra do aparelho psíquico. Esta compreensão se baseia no ponto de vista econômico, caracterizado pelo fluir de afetos, deslocamentos de energia e investimentos libidinais.

A transmissão transpsíquica, como diz o próprio nome, já pressupõe a existência da possibilidade de um processo psíquico externo ao sujeito, e vai mais além, não se restringindo ao limite individual, mas transpassando a psique pessoal.

A transmissão intersubjetiva tem como espaço o grupo familiar, ou grupo primário, denominado espaço da intersubjetividade, que precede o sujeito singular. O grupo encontra-se estruturado por uma lei constitutiva, e é onde seus sujeitos/membros estabelecem relações de diferença e de complementaridade.

A transmissão se desenvolve num processo de escoamento e tem como característica a mobilidade, a continuidade espaço-temporal. No entanto, sua temporalidade pode variar de linear a circular, ser intermitente, ou ainda, esburacada. O transmitido é conservado em forma de traços, tal qual memórias de modelos básicos.

*“A memória do afeto e da representação será um traço que poderá seguir um destino no inconsciente; ele se manterá vivo, apesar do recalçamento, fora da consciência do sujeito. O que se transmite é o afeto e o representante da pulsão” (Kaës, 2001, p.41).*

O processo de transmissão implica a existência de uma barreira de proteção, que filtra o trânsito do conteúdo transmitido. Esta mediação faz-se pelas pára-excitações. Neste sentido, o ego exerce a função de articulação. A existência de um mecanismo de regulação da transmissão psíquica é o diferencial entre a transmissão intersubjetiva e a transpsíquica. E esta resistência egóica é fundamental para a garantia da integridade psíquica do indivíduo.

Conforme salienta Kaës, Freud percebeu que a transmissão psíquica relaciona-se com o laço entre as gerações, e que esse entrelaço contribui para a formação do psiquismo. Buscando compreender como se daria esta relação, encontrou a resposta na questão do tabu e na sua transmissão por contágio.

Definindo tabu como *“código não-escrito mais antigo da humanidade”* (Kaës, 2001, p.49), o autor explica sua transmissão por contágio: a proibição é expandida para todos os sujeitos humanos. Seus desejos, deslocados constantemente, acabam buscando realização através de atos ou objetos substitutos, criando assim a cultura.

Tais proibições, repetidas de geração em geração e sustentadas pela tradição, foram incorporadas ao aparelho psíquico dos sujeitos herdeiros, tornando-se o que Freud chamou de partes orgânicas da vida psíquica. Desta forma, fazem parte da vida psíquica – derivados de uma herança transmitida inconscientemente – tanto o desejo como o tabu, ou seja, a tendência à transgressão deste código. Assim se constitui a humanidade: em cada um dos sujeitos, em cada psique individual.

A psique do ser humano leva uma marca de duplicidade em sua constituição: por um lado a individualidade; por outro, a coletividade – ou o desígnio de fazer parte da humanidade.

Poder apropriar-se do legado e “sujeitificá-lo”, determinando-o em si mesmo, é o que constrói a individualidade. Para tal utilizamos o que Freud denominou aparelho para interpretar – o aparelho inconsciente

da transmissão – que confere sentido ao transmitido. A recepção da herança não se dá de forma passiva, mas é vivenciada simbolicamente, com o movimento de re-atualização desta numa individualidade.

Evelyn Granjon (2000) trabalha com a questão da articulação da realidade psíquica do sujeito singular com a realidade psíquica do grupo, e entende que a vida psíquica é transmitida de geração em geração, de forma a caracterizar-se por uma continuidade – que também é encontrada no inconsciente – entre grupo e indivíduo. Acredita que o inconsciente é ao mesmo tempo individual e grupal. Seguindo o pensamento dessa psicanalista francesa, podemos dizer que o processo de transmissão psíquica, caracterizado pela continuidade, anula a concepção temporal de presente-passado-futuro, fundando uma mistura de tempos que se aglutina no aqui-e-agora do indivíduo singular.

Como, então, elaborar uma organização egóica baseada na orientação espaço-temporal-realitária perante experiências tão anacrônicas? Este é o desafio da pessoa singular: construir uma subjetividade própria, nascida de tantas heranças.

O indivíduo ocupa um lugar nesta teia geracional, local este determinado antes de seu nascimento e inscrito nas relações grupais pré-existentes. O grupo familiar é a primeira estrutura – por isto denominada grupo primário – a receber o sujeito. Formado por laços (aliança, filiação e fraternidade), tem funções específicas e finalidades particulares, principalmente a de perpetuação de si próprio.

O aparelho psíquico familiar, conforme foi entendido por Granjon (2000), compõe-se de um espaço psíquico e de um tempo psíquico próprios do grupo familiar. A origem desse aparelho se dá na aliança, no encontro do casal, e constitui-se da composição da herança genealógica dos dois parceiros, que por sua vez é resultado da transmissão psíquica transgeracional, com suas marcas e traumas.

A transmissão psíquica vai além de um processo de comunicação puro e simples, envolvendo a transformação do que é herdado. O problema se dá quando acontece algum empecilho à comunicação ou à aceitação do conteúdo transmitido. Neste sentido, Granjon coloca uma distinção entre duas modalidades de transmissão psíquica: uma estruturante, outra alienante da personalidade individual.

Assim como Kaës, aquela autora enfatiza a inerência da transmissão psíquica intergeracional ao ser humano, como instrumento constituinte da cultura da humanidade. Uma geração não pode prescindir do conhecimento adquirido pela geração anterior, com o risco de ter que voltar a estaca zero em termos culturais e evolutivos. Quanto ao pessoal, cada ser humano tem uma história familiar e um lugar no mundo que o contextualiza e sedimenta suas novas experiências. Nesse sentido, é estruturante de sua personalidade.

Mas a transmissão psíquica transgeracional se torna alienante na medida em que impõe um conteúdo em estado bruto ao herdeiro ou desrespeita os limites subjetivos de espaço-tempo, bem como a capacidade egóica de elaboração do legado.



Fustier e Aubertel (1998) explicam o mecanismo que acaba por produzir um sintoma naquele que herda o objeto da transmissão transgeracional:

*“O aparelho psíquico familiar, articulando o eixo de geração e o eixo intragrupal, irá delimitar um espaço psíquico grupal no interior do qual o que é vivo, o que se experimenta na atualidade, irá poder inscrever-se em uma cadeia de sentido tanto familiar quanto individual. Mas, pode-se produzir uma quebra nesta cadeia de sentidos, uma alteração nas capacidades de elaboração ligadas ao funcionamento do aparelho psíquico familiar”* (Fustier e Aubertel, 1998, p.135).

Para exemplificar a questão do legado não assimilado, podemos recorrer à imagem de um armário, herdado de um parente ancestral, que contém em seu interior um esqueleto.

Existem, de fato, vários “esqueletos” – faltas, culpas, interditos, mortes, delitos – que devem ser passados de geração em geração e que não podem ser simplesmente abolidos. No entanto, ninguém em sua consciência se dispõe a confrontá-los espontaneamente, de forma que diversos mecanismos de defesa são desenvolvidos, com a finalidade de que o legado prossiga seu caminho, sem que seja pelo sujeito elaborado ou integrado à sua existência pessoal.

Forma-se em torno daquele “esqueleto” um halo de terror e mistério inconsciente, muitas vezes mais pavoroso ainda que o próprio esqueleto. Esta poderosa aura congela o legado como está. O tempo vai passando e o processo de imposição deste para a próxima geração segue tendo continuidade.

O próximo sujeito é obrigado inexoravelmente a receber tal conteúdo, cuja história ele não conhece, nem pode acessar ou transformar. Vê-se impregnado por acontecimentos, memórias ou

afetos irrepresentáveis, pois soltos no espaço-tempo de sua subjetividade. Seus laços afetivos familiares muitas vezes não explicam nem são continentes ao legado – de forma que se constitui numa ilha de não-eu psíquica, resultado de uma falha no processo de transmissão familiar, e motivo de grande sofrimento. Tal sofrimento muitas vezes segue gerando cisões psíquicas: defesas utilizadas conforme a possibilidade de elaboração egóica.

Assim é que, muitas vezes, nos deparamos com sintomas ou vivências que não fazem sentido para seu portador, nem mesmo para seu grupo familiar imediato, já que não se encontram inscrições deste na história familiar, devido à impossibilidade de elaboração do traço que deu origem ao sintoma, pelo aparelho psíquico daquela família.

Cada família lida de determinada maneira com os eventos da vida – de forma traumática ou não – de acordo com a capacidade de continência de seu aparelho psíquico familiar. Segundo Fustier e Aubertel (1998), *“essa continência passa pela aceitação da mudança, pela possibilidade de ‘pôr no passado’ os acontecimentos, isto é, pela capacidade de a família efetuar um trabalho de luto”* (p.137). Vivências traumáticas provocam sofrimento nas famílias e sobrecarregam seu aparelho psíquico, de forma a provocar o sentimento de aniquilamento. O mecanismo de defesa familiar é imediatamente ativado, levando a um recrudescimento dos vínculos familiares.

Granjon aponta a função filogenética do aparelho psíquico familiar, já que

*“O projeto do grupo familiar é **transmitir** a herança psíquica adquirida e fundadora de cada um e do conjunto, e **perpetuar-se**, dando a vida para além dos mortos, conservando sempre sua identidade, sua ‘alma’, isso graças e por meio das gerações e das alianças” (Granjon, 2000, p.20).*

A aliança entre um casal, e a constituição de uma nova família, asseguram a continuidade da transmissão psíquica de ambos os grupos de origem. Abordaremos então o processo de formação desta nova aliança, que virá a se encaixar nesta corrente de gerações através das quais o inconsciente vai moldando os psiquismos, no decorrer da humanidade.

### **Os psiquismos familiares**

Tudo começa, aponta Eiguer (1985), a partir da proibição do incesto, fator que leva a família a preparar seus filhos para a formação de um novo grupo. Portanto, o ser humano parte em busca de um objeto de amor exterior ao seu núcleo familiar, porém baseia sua escolha nos modelos iniciais parentais.

*“A escolha de objeto sexual,..., ao mobilizar os inconscientes individuais, dá nascimento ao inconsciente do casal e, em seguida, ao da família. (...) Quando da vinda do filho, os objetos do mundo interno inconsciente da família são projetados nele” (1985, p.34).*

A escolha do parceiro representa para Eiguer um dos três organizadores grupais do psiquismo familiar. O organizador – conceito inicialmente utilizado por Spitz na psicologia do desenvolvimento infantil, para explicar a maturação de uma nova organização psíquica no recém nascido – define-se como o elemento polarizador de forças

psíquicas em função da estruturação e integração de novas instâncias mentais.

Segundo Eiguer (1985), tal conceito foi aplicado na teoria de grupos, de forma a caracterizar uma certa predisposição para a organização grupal. O organizador, em última análise, é o que dá liga a um determinado grupo, diferencia-o dos demais, potencializando e direcionando suas capacidades de vínculo interno. Seria a explicação para o fato de determinadas pessoas investirem libido umas nas outras e formarem um determinado grupo X, diferente do grupo Y, caracterizado pela interação de outras tantas pessoas, diferentes das primeiras.

A primeira etapa desta sensação de pertencer a um grupo seria marcada pela ilusão grupal: no início desabrocharia nos indivíduos uma percepção de indistinção entre um e outro membro, de identificação narcísica, que também seria o resultado de um esforço inconsciente de integração, de fusão com o grupo. Mas no grupo familiar, devido à sua função peculiar – que consiste em garantir a preservação da realidade social da humanidade – considera-se a escolha do parceiro, determinada, como explicamos anteriormente, pela questão edípica, como o primeiro organizador inconsciente.

Em nossa sociedade é senso comum a percepção da semelhança entre pai e marido, ou entre a mãe e a esposa. Escolhe-se exogamicamente, mas segundo um modelo endogâmico.

A segunda instância organizadora do psiquismo familiar consiste no eu familiar, definido como *“o investimento perceptual de cada*

*membro da família, que lhe permite reconhecê-la como sua, numa continuidade têmporo-espacial” (Eiguer, 1985, p.38).*

Poderíamos explicá-lo como a presença de um elo comum e particular a uma dada família. Uma percepção inconsciente carregada de afetividade, uma marca que só um dos seus membros pode identificar e que é comum a todo o grupo. Cria-se um mundo familiar imaginário, através de uma química que só existe mediante a existência destes reagentes, e que só tem sentido mediante seus olhos.

O sentimento de pertença – um dos componentes do eu familiar – fala daquela sensação original de familiaridade que se encontra no interior daquele grupo: a sensação de estar em casa. O aconchego de sentir que há um lugar no mundo para si, ao qual se pertence hoje, sempre se pertenceu e pertencer-se-á até, ou após, a morte.

Contam-se, em família, estórias de antepassados, de acontecimentos, alegóricos ou trágicos, e desta forma vai se escrevendo o romance, a mitologia daquela família. E a existência desta história pregressa traz a tranqüilidade de se existir hoje, integrado ao passado e fruto deste passado originário.

O pertencer a uma determinada família implica em que os membros se conheçam em seus pensamentos e sentimentos mais particulares. O conhecimento do não dito, do não explicado. Que saibam que o outro é assim, sente assim, e reage assim. É como numa representação teatral, onde todos os atores conhecem todos os personagens em sua essência, a priori. Além disso, têm uma história em comum, um passado que os compôs. Essa identidade emocional

não pode ser dividida com ninguém fora da família: todos os outros são estranhos, estrangeiros neste mundo de impressões familiares.

Essa entidade familiar – como a própria instância egóica individual se corporifica – materializa-se no que Eiguer denomina de habitat interior, ou “*a pele*” (Eiguer, 1985, p. 40) da família. O habitat interior compreende a introjeção do que existe de concreto relativo à família e a sua história, desde a casa, até um simples objeto que contém uma história ou simboliza um sentimento familiar. O lugar fisicamente ocupado pela família no mundo passa a ser uma representação concreta desta família.

A função do habitat interior reside em evitar o desmembramento do psiquismo familiar, que é formado por diversos integrantes que tendem a se dispersar no decorrer da vida. Instaurado este lugar próprio, e investida de libido, dia após dia, a sede da família torna-se uma marca mnêmica universal para os membros que a compõem.

A edificação concreta deste lugar corresponde à edificação inconsciente da instância psíquica grupal. De forma que para onde formos, por quanto tempo nos ausentarmos, estamos sempre saudosos deste lugar-lar. Se nos permitíssemos a arrogância de psicologizar a saudade da terra natal, poderíamos dizer que ela representaria uma ligação libidinosa entre um sujeito e sua Casa, que não esmoreceu com o tempo.

A residência da família torna-se reconhecida por seus membros como o lar, um local que possui um mana, um poder de atração sobre aqueles que partilham da ascendência comum. Este espaço se deixa

inscrever pelas singularidades de cada um, pelas rivalidades ou alianças, pelo que de individual vai sendo somado ao grupal.

A cadeira de balanço do avô, o terço de madrepérolas da avó: coisas que adquirem sentido no conjunto da “*imagem corporal do corpo familiar*” (Eiguer, 1985, p41). Tal imagem tende a se desprender dos objetos concretos e sofrer uma introjeção nas psiques dos indivíduos, tornando-se uma representação mental deste grupo. Nos casos em que não ocorre esta introjeção – ficando o habitat familiar muito estruturado sobre o ambiente externo – a família fica sujeita ao medo da fragmentação dessa instância familiar, em casos de mudanças ou alterações no ambiente externo.

O prazer e a segurança proporcionados pela sensação de pertencimento àquele corpo familiar constroem dia após dia a convivência em família e se somam a sua história, como podemos observar nos casos de famílias funcionais.

Famílias ditas normais caracterizam-se por uma hierarquia marcada pelo respeito aos papéis de cada membro do grupo, o que gera um movimento dinâmico e leve na execução de tarefas nem sempre simples. São estruturas bem sedimentadas em seu passado, situadas afetivamente no presente e direcionadas ao futuro.

O projeto de toda família funcional passa pelo desejo de se perpetuar enquanto grupo e de evoluir, em termos sociais, culturais, econômicos ou religiosos, dependendo do que esteja em evidência em seu ideal de ego coletivo. Esse destino que permeia a psique grupal pode igualar-se ou ser diferente dos ideais de ego pessoais de cada

participante do grupo. Em caso de diferença, encontram-se lado a lado com os desejos pessoais, na medida em que são simplesmente compartilhados por todos os membros, como marcas inconscientes do eu familiar.

Em busca de alcançar esse ideal de ego, desenvolve-se uma organização rotineira de trabalho e estudo, elabora-se um orçamento familiar, adia-se a satisfação de desejos imediatos, busca-se uma rede de relacionamento social, compromete-se com uma postura ética, constrói-se patrimônios. Enfim, cria-se cultura, tanto em termos familiares quanto sociais.

Todo esse processo secundário de orientação de libido para o objetivo futuro tem como líder a figura paterna, em famílias tradicionais, ou mesmo a dupla parental, que molda, desde antes do nascimento dos filhos, uma imagem psíquica daquele filho idealizado. Maternidades estão repletas de futuros jogadores de futebol, atrizes famosas, engenheiros, manequins e médicos. Destinos estes fantasiosos, mas extremamente importantes no desenrolar da possibilidade daquele filho, de desejar seu próprio caminho.

Destinos traçados pelos pais, num movimento de construção de mais um personagem que virá a compor a história da família atual, que por sua vez consiste no resultado da união e da “coincidência” entre os conteúdos das histórias de cada uma das famílias de origem, o que vem a compor a trama mítica original desse núcleo.

Tal atividade interfantasmática se define como o terceiro organizador grupal. O que o casal tem em comum, que experiências



semelhantes fazem parte do relato das suas memórias. A identificação de um com o outro, através destas semelhanças, os aproxima, sedimentando a relação e reforçando os vínculos.

O conceito de fantasma faz referência ao produto da ligação entre inconsciente, consciente e pré-consciente, que consiste numa representação fantasiosa de algum conteúdo recalcado. Mas é uma representação diferente do fato em si, transformada, idealizada.

Constrói-se, desta forma, através do cruzamento, da mistura das duas representações individuais, referentes aos dois membros do casal, uma terceira dimensão: a dimensão mitológica da nova família.

Criamos os filhos para o mundo: são palavras de casais parentais que souberam possibilitar o crescimento e a emancipação de seus descendentes, já que o caminho individual nasce no mito familiar, mas floresce e se singulariza na medida da elaboração pessoal da herança familiar que nos é transmitida, de geração em geração.

### III - A DIMENSÃO SIMBÓLICA NO PROCESSO DE MIGRAÇÃO

Faremos, neste momento, uma reflexão a respeito do tema migração e família numa visão junguiana, ou seja, procuraremos compreender o sentido simbólico do engajamento da família no processo da migração. Tal abordagem se faz presente, como já mencionamos no começo deste trabalho, em sintonia com nossa linha de formação na psicologia analítica.

A dimensão simbólica é eminentemente a qualidade de experiência vital mais importante para a humanidade, na visão da psicologia de Jung. Sua obra tem grande importância no resgate do símbolo – e de sua função de ligação psíquica entre consciente e inconsciente – no âmbito das ciências ocidentais.

A linguagem simbólica é a forma de expressão primária do inconsciente. Os símbolos são o produto da psique humana, que surgem impregnados de energia inconsciente e têm a função tanto de estabelecer uma ponte entre o consciente e o inconsciente quanto de – através desta relação – ampliar a consciência e dar sentido a aspectos desconhecidos ou até então conflituosos na vida das pessoas.

O trabalho envolvido na experiência simbólica, ou seja, a elaboração de um símbolo, envolve mais do que a função intelectual, sendo necessária a vivência subjetiva daquele conteúdo. O símbolo é uma experiência que nunca poderemos definir com clareza ou compreender plenamente, já que vai além de nossa capacidade intelectual. A aproximação com os símbolos, na medida em que se

apresentam na vida dos indivíduos ou das coletividades, faz parte do processo de desenvolvimento psíquico, que tem como objetivo a integração de novos conteúdos à consciência, de forma a ampliá-la.

A valorização da dimensão simbólica requer um reconhecimento da limitação da consciência humana e a aceitação do fato de que na natureza inconsciente encontra-se a fonte da energia psíquica.

Aquilo a que chamamos de símbolo pode ser uma imagem, um objeto ou uma palavra. Algo que possui um significado além do manifesto, ou por trás do que aparenta de imediato. Pode ser-nos enviado através de: sonhos, imagens, sintomas, manifestações artísticas, mitos, lendas. Na atualidade, muitos símbolos encontram expressão em filmes ou outras técnicas artísticas contemporâneas.

*“Toda vez que a psique tenta se apresentar à consciência [a partir] de uma dimensão interna da experiência para a qual não há precedente (já que até o momento aprendemos apenas a nos orientar para as coisas exteriores), isso pode ocorrer somente através da associação deste território interior novo e desconhecido com a imagem de algum objeto exterior ou através da expressão desse território em termos desta imagem” (Whitmont, 1995, p.27).*

Lembramos que, para Jung (1971), o inconsciente não é apenas constituído de material reprimido, mas consiste na condição psíquica primária, e que a imagem, portanto, teria uma ligação mais forte com a coisa em si do que o conceito racional. A imagem simbólica, na psicologia analítica, não é considerada resultado de distorção de conteúdos reprimidos, mas adquire status de componente básico do funcionamento psíquico.

Desta forma, ao nos permitirmos acrescentar a este trabalho acerca da psicologia das famílias migrantes uma abordagem diversa da

racional, acreditamos estar contribuindo para uma compreensão mais completa das experiências subjetivas envolvidas na questão da migração. Ousamos dar ouvidos à intuição e à sensação, como outras funções psíquicas que nos instrumentaram a captar aspectos da questão que ainda estão faltando.

### **Imagens da migração**

Formulada a questão da migração, a imagem de Moisés foi a primeira associação que nos surgiu, já que esse personagem bíblico guiou todo seu povo no caminho em busca da terra prometida.

O Êxodo – um dos principais acontecimentos narrados na história bíblica – consiste num tema mítico judaico-cristão que retrata a saída do povo de Israel do Egito, onde era escravizado. A missão de Moisés, nomeado de Deus e líder do povo escolhido, revelou-se como sendo a de conduzir os hebreus na jornada, desde o Egito, passando pela travessia do Mar Vermelho e marchando, através do deserto, até a Terra Santa.

A presença do povo hebreu na terra do Egito foi resultado de uma sofrida migração, muito tempo antes, de um menino, o filho da velhice de seu pai, e depositário da esperança de um futuro melhor. O Gênesis, livro inaugural da Torá, o sagrado Pentateuco do Judaísmo, conta a história de José, filho de Jacó, o pai das Doze Tribos de Israel. Aos dezessete anos de idade, José era o filho favorito de Jacó, e, assim, alvo dos ciúmes de seus irmãos, mais velhos. Decidiram, então, matá-lo. A intervenção de um dos irmãos, Rúben, salvou-o da morte.

José foi vendido por vinte moedas de prata a ismaelitas, que rumavam para o Egito a fim de mercadejar especiarias e bálsamo.

No Egito, seus dotes de vidente e intérprete de sonhos acabaram por levá-lo à presença do faraó, que o tomou a seu serviço. Mas José não apenas interpretava sonhos: era também um bom administrador, zeloso e sagaz. Por essas qualidades, foi alçado ao governo de todo o Egito pelo próprio faraó. Já governador, José recebeu sua família de origem no Egito, pois havia fome na terra de seus antepassados. Perdoou seus irmãos e fez que lhe trouxessem o pai, Jacó, e que se fixassem no Egito.

Morreu Jacó – a quem o próprio Deus tinha mudado seu nome para Israel – no Egito, mas deixou instruções claras a José para que fosse sepultado na terra de Canaã: a terra prometida a Abraão e a todos os seus descendentes. O Gênesis conta que o primeiro hebreu a fazer a aliança com Deus, Abraão, teve de sua mulher, Sara, seu filho Isaque quando já eram bem velhos. Isaque, o pai de Jacó, também foi salvo da morte, por um anjo, quando estava prestes a ser imolado pelo próprio pai em ritual de sacrifício ordenado por Deus.

José cumpriu as instruções. Com autorização do faraó, após os rituais de embalsamamento, fez sepultar Jacó – Israel – na Terra Prometida. Quando ele próprio estava prestes a morrer, depois de ter passado toda sua vida adulta na terra para a qual migrara à força, e a despeito de ter-se tornado o governador dessa terra, José rogou que o enterrassem na Terra Prometida. Foi embalsamado e posto em um caixão no Egito.

Moisés cumpriu o juramento dos antepassados. Tomou os ossos de José consigo e iniciou a longa jornada rumo à Terra Prometida.

Colhemos da Bíblia (1955) algumas passagens que ilustram parte dessa história de um povo escravo, que busca seu lugar no mundo e a legitimação de seus costumes religiosos e de suas leis.

*“E os filhos de Israel partiram de Ramessés por Socot, sendo perto de seiscentos mil homens de pé, afora os meninos. ... Ora o tempo que os filhos de Israel tinham morado no Egito, foi de quatrocentos e trinta anos. Completos os quais, todo o exército do Senhor saiu no mesmo dia da terra do Egito. Esta noite, em que os tirou da terra do Egito, deve ser consagrada ao Senhor; e todos os filhos de Israel a devem celebrar nas suas gerações.*

*[Palavras de Moisés:] ‘Vós saís hoje no mês dos trigos novos. Quando o Senhor te tiver introduzido na terra ..., que ele jurou a teus pais que te havia de dar, terra onde corre o leite e o mel, celebrarás este rito sagrado neste mês.’*

*... E o Senhor ia adiante deles para lhes mostrar o caminho, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo, para lhes servir de guia num e noutro tempo. Nunca se retirou de diante do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo, durante a noite.*

*[Palavras de Deus:] ... ‘Dize aos filhos de Israel que... assentareis o acampamento defronte deste sítio junto ao mar. Porque Faraó há de dizer acerca dos filhos de Israel: Eles estão cercados no país, estão encerrados no deserto.’*

*... E como Faraó se aproximasse, levantando os filhos de Israel os olhos, viram os egípcios nas suas costas; e tiveram grande medo, e clamaram ao Senhor, e disseram a Moisés: não havia talvez sepulturas no Egito, e por isto nos tirastes de lá para morrermos no deserto. Por que quiseste fazer isto, tirar-nos do Egito? Não é isto que te dizíamos no Egito: Retira-te de nós, a fim de que sirvamos os Egípcios? Porque era muito melhor servi-los do que morrer no deserto. Moisés disse ao povo: Não temais; estais firmes, e considerai as maravilhas que o Senhor fará hoje; porque os egípcios, que agora vedes, nunca jamais os tornareis a ver. O Senhor combaterá por vós, e vós estareis em silêncio.*

*[Palavras de Deus para Moisés:] ‘E tu levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e divide-o, para que os filhos de Israel caminhem em seco pelo meio do mar.’*

*... E tendo Moisés estendido a mão sobre o mar, o Senhor, soprando toda a noite um vento forte e ardente, o retirou e secou; e a água dividiu-se. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar enxuto; porque a água estava como um muro à direita e à esquerda deles.*

*... E o Senhor disse a Moisés: Estende a tua mão sobre o mar, para que as águas se voltem para os egípcios, sobre os seus carros e os seus cavaleiros. E Moisés, tendo estendido a mão sobre o mar, (este) ao romper da manhã, voltou para o lugar habitual e, fugindo os egípcios, foram as águas sobre eles, e o Senhor os envolveu no meio das ondas.*

*[Cântico de louvor de Moisés e dos Israelitas:] Foste por tua misericórdia o guia do povo que resgataste; e o conduziste com tua fortaleza para a tua santa morada.*

*... Tu os introduzirás (o povo escolhido), e os estabelecerás no monte da tua herança, na tua firmíssima habitação, que tu fundaste, ó Senhor, no teu santuário, Senhor, que tuas mãos firmaram.*

*... No terceiro mês, depois da saída dos Israelitas da terra do Egito, neste dia chegaram ao deserto do Sinai. Porque tendo partido do Rafidim, e chegando ao*

*deserto do Sinai, acamparam naquele mesmo lugar, e Israel levantou aí as suas tendas defronte do monte” (Bíblia, Êxodo,1955).*

Nesta parte da história, extraída da narrativa do Êxodo, o povo eleito migra do Egito e chega ao monte Sinai. A trajetória, que parte da libertação do povo e atravessa desertos e mar – auxiliada por milagres e maravilhas de Deus –, consiste no preâmbulo da organização social do povo de Israel.

O monte Sinai representa a primeira morada, não a definitiva, onde se estabelecem temporariamente os peregrinos e onde são promulgados os primeiros mandamentos – que baseiam as leis civis, morais, cerimoniais e religiosas que regem o povo eleito.

Mas a viagem não cessa por aí. Um longo caminho ainda se apresenta por ser percorrido. Através de desertos e lutas com povos inimigos, eis que morre Moisés, após abençoar seu povo e escolher um sucessor, que possa assumir a liderança da migração até a terra que Deus prometeu dar aos seus pais e à sua descendência. Apresenta-se aqui um processo migratório eterno, uma peregrinação sem fim, até um “paraíso” que nunca é alcançado.

O elemento que nos marcou inicialmente foi a idéia da Terra Prometida. Onde se encontraria? Como se desvelaria tal imagem? A terra do leite e do mel, o paraíso perdido, o nirvana, enfim, várias são as metáforas que simbolizam a terra prometida. Como ocidentais, temos o hábito de fixar nossa atenção no ponto final, no destino, em detrimento do caminho a ser percorrido. Cabe questionar então o que se busca com o processo de migração. Onde queremos chegar, nós, migrantes? O que queremos ou desejamos encontrar?

Sem nos atirmos a uma interpretação mais detalhada desse mito – o que daria por si só uma longa dissertação –, nossa intenção aqui consiste na apreensão da densidade deste caminho: a aventura que constitui esta busca, que não termina antes da vida de Moisés. Mares se abrem para a passagem de um povo, e se fecham sobre os poderosos inimigos, nuvens e fogo servem de guia, enfim, toda a natureza se envolve no processo que é mais do que um fim: sobretudo um meio.

Vislumbramos, gradualmente, a importância do caminho, do processo, prioritariamente ao lugar onde se deseja chegar, ou do lugar de onde se partiu. O caminho impõe-se como um símbolo. Na mitologia cristã, o personagem de Moisés vai se construindo durante o êxodo, o sentido de sua vida vai se tecendo juntamente com a conformação dos filhos de Israel. Sua identidade vai se formando em conjunto com a identidade do povo judeu.

Enquanto se viaja, a própria natureza, o ambiente, se mistura à identidade do migrante. Tal identidade é construída nessa peregrinação. Essa construção observada na figura de Moisés também pode ser encontrada no personagem Fabiano, criado por Graciliano Ramos (1984), em seu conhecido romance *Vidas Secas*, parte da literatura clássica nacional. O autor traduz, já no título, a confluência entre a identidade da família migrante e a situação da seca nordestina.

Tendo como cenário uma paisagem árida e angustiante, Graciliano Ramos conta a história de uma família expulsa de sua terra pela seca, suas expectativas e esperanças em contraste com a



realidade de pessoas em constante migração, em busca da sobrevivência.

Já no início podemos vislumbrar o que deseja o personagem Fabiano: tornar-se dono daquelas terras abandonadas, onde se encontravam provisoriamente. Então – sonha ele – viria a chover, e com a chuva voltaria à vida toda aquela natureza nutridora, e como consequência, renasceria a vida da família.

*“Sinhá Vitória [a esposa] vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinhá Vitória remoçaria, as nádegas bumbas de sinhá Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinhá Vitória provocaria a inveja das outras caboclas” (Ramos,1984, p.15).*

No entanto, vem a chuva e com ela o verdadeiro dono da terra. Fabiano passa a trabalhar como vaqueiro naquela fazenda. Reflete sobre seu caminho, e sente a família como um peso que deve carregar pela vida afora. A memória da seca e do caminho que ela impõe permeia sua vida, bem como a de sua família.

Sinhá Vitória também carrega a marca da seca e da migração. Descontente com sua cama de varas, ela sonha com uma cama de couro, mas esse sonho se enlaça com a memória da desgraça, da seca. Desconjura, mas a lembrança insiste: seus pés de papagaio, o papagaio de estimação que tiveram que comer para sobreviver, no percurso.

A seca novamente se avizinha, prometendo colocar em movimento aquela gente, como se repete há gerações. Fabiano se revolta com esta possibilidade, e tenta em pensamento buscar uma alternativa singular, diferente daquela sina de matuto retirante.

Qualquer coisa serviria: até ser criminoso, até ser detento, até ser cangaceiro. Algum desses caminhos o aproximaria da humanidade. “Seria homem então!”, pensa, indignado.

O caboclo ainda se agarra à esperança de não precisar migrar. Torce pela chuva, mas nos sinais da natureza é versado, e nestes está escrita a iminência da seca. Seu coração se aperta.

A chegada das aves, “arribações” – nas palavras de Ramos (1984) – anunciam a seca. As aves beberiam a água, o gado morreria de sede, as aves comeriam o gado, a família seria morta pelas aves, as aves comeriam os humanos ou seriam comida para os humanos, em sua retirada. Fabiano se confunde entre a vida e a morte, a humanidade e a natureza, inerte e impotente diante do ciclo da vida.

Novamente a família em retirada. Agora seus membros relutam antes de colocar o pé na estrada, pois estão mais velhos e mais fracos, sem a cachorra Baleia, que morreria. Migrando para um local onde talvez não houvesse gado para tanger. Fugindo da morte, indo em direção a uma vida desconhecida.

Sinhá Vitória fala de como seria bom voltar a ser como no começo, voltar ao lugar de onde vieram, voltar a ser como eram. Mas sempre haveria o medo da seca.

A seca, a migração, o desterro, o desconhecido, permeiam os personagens e suas vivências internas. Independentemente de passado, presente ou futuro, o que é negado a estes personagens é um lugar de vida, a ponto de nos questionarmos sobre que força os move através do sertão.

Por não pertencer a um lugar, ou por não possuir um lugar no mundo, o personagem de Fabiano muitas vezes chega a duvidar de sua condição humana. A vivência interna se reflete nas experiências reais. No caso de Fabiano e sua família, humanidade significa sobreviver com um mínimo de decência: uma cama de couro para sinhá Vitória, algum gado para Fabiano tanger. A existência de Fabiano, sua essência, se vê ameaçada, e a migração representa a busca por esse lugar interno, a construção de sua verdadeira identidade. Daí a força que o move. A força do símbolo, a busca do lugar-lar, do seu lugar no mundo, de onde possa sobreviver.

O sentido simbólico do lugar-lar concreto aproxima-se da representação interna de prazer, felicidade, bem estar. Qualidade de vida, como disseram alguns entrevistados de outras pesquisas (Brasil,1996; Almeida,1997; Azevedo,1993), ou conhecidos migrantes. Percebemos que qualidade de vida não consiste num produto final da busca, ou na chegada à terra prometida, mas sim que qualidade de vida permeia a vida toda. As pessoas não desejam viver e depois ter qualidade de vida, mas viver em condição de qualidade na vida. Viver – dia após dia, no trabalho, na rotina diária, com a família e os amigos, no lazer – em condição de bem-estar.

No que consiste, em termos simbólicos, a migração: uma viagem, uma busca, um caminho, uma peregrinação, uma retirada. O abandono de um lugar conhecido, seguro ou não, em prol do desejo, ou da necessidade, de algo mais, de chegar a conquistar um estado de satisfação.

Esse caminho que o migrante percorre em sua vida objetiva representa a concretização de um outro caminho, no nível psíquico, de permanente confronto da consciência com o inconsciente, com o psiquicamente desconhecido. Como o migrante, a consciência constrói-se dinamicamente nesse processo. A personalidade vai sendo ampliada e transformada no decorrer dessa jornada.

Ângela Brasil (1996) desenvolve, em sua tese de doutorado, uma analogia entre a trajetória migrante e o mito do herói. O significado da migração é entendido não apenas como uma mudança geográfica, externa ao universo psíquico do indivíduo, mas o processo concreto de mudança acarreta toda uma alteração nos níveis psíquicos consciente e inconsciente, e encontra-se relacionado a um processo que tem sua origem no universo simbólico das pessoas.

*“O mito do herói, em suas grandes performances, delineia padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. O herói é um modelo de bravura, coragem, perseverança, tenacidade e criatividade, para enfrentar o desconhecido e o obscuro de seus caminhos. Sempre que algo novo e transformador vai ser implantado em nossa consciência pessoal e coletiva, algum dinamismo heróico é ativado.”* (Brasil, 1996, p.5)

Na medida em que se construiu esta imagem do processo, do desenrolar da existência das pessoas, lembramos que, para Jung (1975), a finalidade dessa existência consiste em buscar sua verdadeira identidade e realização pessoal. A tal busca, ele denominou processo de individuação.

## O processo de individuação

*“Tudo o que nele [no inconsciente] repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade”* (Jung, 1975, p.19).

A psicologia analítica não concebe o ego como o centro da psique. O inconsciente coletivo – um *a priori* da vida psíquica, em outras palavras, condição inata ao ser humano – é de onde germina e se desenvolve, a partir do contato com a realidade exterior, toda a estrutura da personalidade pessoal, de acordo com o movimento de transformação da libido, ou energia psíquica.

O inconsciente coletivo é constituído não por aquisições individuais, mas por um patrimônio coletivo da espécie humana. Esse espectro coletivo é essencialmente o mesmo em qualquer lugar e em qualquer época, não varia de pessoa para pessoa, representando uma condição psíquica prévia da humanidade.

Em desenvolvimentos posteriores da teoria junguiana, o inconsciente coletivo passou a ser denominado de psique objetiva, em contraposição à psique subjetiva, ou individual, que se constrói a partir do nascimento do ser humano. O inconsciente pessoal consiste num depósito de material que já foi consciente, mas foi esquecido e reprimido. O ego se forma como o centro da personalidade pessoal.

Os processos psíquicos e sua manifestação vital são compreendidos, nesse contexto, como reflexo do entrelaço constante de forças energéticas antagônicas. Numa analogia com a

física, podemos dizer que a tensão entre os pares de opostos gera energia potencial, com a qual vai sendo construída a estrutura da personalidade.

Esse vasto campo energético que consiste no inconsciente coletivo possui um princípio ordenador denominado Self, ou Si-mesmo, o eixo central da totalidade. Em função desse princípio, as forças psíquicas interagem, em movimentos de regressão e progressão. A regressão da libido se dá quando a energia se volta para o inconsciente. A progressão da libido significa o direcionamento da energia psíquica para a construção da consciência, e através desta, para o mundo externo.

Por meio dessa dinâmica, no curso do desenvolvimento humano, uma instância – o ego – vai emergindo do inconsciente e se diferenciando. O ego vai sendo sedimentado como a base da consciência e funcionando como intermediário entre a totalidade do indivíduo e seu meio ambiente: o mundo dos objetos.

O ego consiste no centro da consciência e abriga as funções psíquicas como a percepção, o pensar, o sentir e o intuir. Ele fornece um sentido de consistência e direção em nossas vidas conscientes. Tende a contrapor-se a qualquer coisa que possa ameaçar essa frágil consistência da consciência. Valorizamos, freqüentemente, o ego como o elemento central de toda a psique e chegamos a ignorar que, a princípio, a psique é apenas o inconsciente.

O ego é responsável pela adaptação do indivíduo ao meio, e por seus atos representa sua identidade consciente e desfruta de certa

autonomia na vida diária, porém tem suas raízes no inconsciente e dele deriva sua energia. É o centro da psique consciente, que faz oposição às tendências inconscientes de indiscriminação e sincretização.

O ego realiza, materializa, diferencia-se, delimitando uma individualidade, ou uma identidade singular, perante todos os outros seres humanos. Caracteriza-se por conter os aspectos manifestos da vida psíquica.

Assim sendo, o ego existe no aqui e agora, enquanto o Self é uma instância em potencial. Através do ego, o Self tem possibilidade de se realizar. O processo de individuação consiste no tornar-se consciente, mas também na aceitação da primazia do Self. A característica dupla do processo de individuação revela-se no movimento de ir e vir neste eixo ego-Self: o emergir de conteúdos e o mergulhar no inconsciente.

A individuação revela-se uma dinâmica circular, cíclica, caracterizada pela inter-relação entre o ego e o Self. Uma busca de completude, porém jamais a perfeição, pois o completo inclui o perfeito e o imperfeito.

O ser humano sempre esteve em busca de algo inalcançável, o que o moveu a conquistar toda a terra e o que o move ao espaço cósmico. Em outra direção, essa busca o levou ao que se encontra subjacente à racionalidade, ou à consciência. Consideramos que a busca do migrante por outros lugares equivale simbolicamente a uma busca interna, por si próprio, ao seu próprio Self.

## O dinamismo por trás da migração

No caso do nosso trabalho, destacamos o nível familiar, consciente e inconsciente, e sua implicação no processo da migração. Tratar-se-iam então de famílias heróicas – fazendo um paralelo com o dinamismo heróico do migrante (Brasil, 1996) – em busca de seu autodesenvolvimento? Ou famílias presas a mitos de base arquetípica, que algum dia tiveram sentido, mas que não são mais atuais? Famílias que permitem o ir e vir de seus filhos, ou famílias cujos membros engajaram-se na peregrinação como uma maldição herdada de pai para filho?

Não existe, ainda, o conceito de individuação familiar, mas existem sim famílias que permitem a seus membros que se desenvolvam individualmente, como pessoas integradas e autoconscientes. E nesse sentido, sim, são famílias heróicas, já que enfrentaram fantasmas do passado e lutaram contra destinos préestabelecidos com garra, pois sabemos o quanto têm força tais conteúdos inconscientes.

Uma bela imagem que ressalta o que vimos dizendo até então – a respeito de legados e heranças familiares que podem tanto nos levar ao crescimento quanto nos aprisionar num destino coletivo – encontra-se no filme *Chocolat* (Inglaterra/França, 2000).

Uma pequena parte da vida de Anouk é relatada por ela própria: uma menina em torno dos oito anos de idade, descendente de uma



tribo indígena nômade da Guatemala por parte da avó materna e de um avô materno de origem francesa.

Num certo dia de inverno, com o vento que soprava do norte, Anouk e sua mãe, Vianne, chegam a uma pequena aldeiazinha na França, no final dos anos de 1950, onde o povo acreditava em tranqüilidade. A comunidade presa às tradições; uma mãe e sua filha amarradas a uma herança. Um povo paralisado por convenções sem vida; duas mulheres levadas por um árduo movimento sem fim. O povo da cidade e a família errante têm em comum o legado a ser carregado, e o encontro dessas duas tradições virá a transformá-los.

A menina possui um amigo imaginário: Pantoufle – um filhote de canguru que não sabe saltar, porque tem a perna machucada, um ferimento de guerra – que não suporta mais essa sina de mudar de cidade em cidade, tão logo começa a soprar o vento norte. É ele que pergunta a Vianne quanto tempo ficarão nesta cidade tão bonita.

Esse personagem imaginário aponta para o paradoxo do movimento estático que envolve essa família. Migram durante gerações, percorrendo longos caminhos, mas psiquicamente encontram-se paralisadas, vítimas de uma maldição, sem poderem seguir seu próprio desenvolvimento existencial.

A mãe vai desfazendo as malas, colocando em seus novos lugares os objetos familiares, inclusive a urna contendo as cinzas de Chitza, avó de Anouk.

Assim se delineia essa ascendência matrilinear que parte de Chitza, guatemalteca de tribo nômade, cujo povo errava, levado pelo

vento norte, de aldeia em aldeia, aviando remédios antigos, sem nunca se estabelecer ou criar raízes. Ao casar-se com George, boticário francês, tentou em vão constituir uma família estável. Mas, ao soprar o vento norte, foi por ele carregada, e continuou a migrar, levando consigo sua filha Vianne.

Mãe e filha estavam fadadas a vagar de aldeia em aldeia, aviando remédios antigos à base de cacau, viajando com o vento, como o povo de Chitza fazia há gerações. Mas a terceira geração, na pessoa de Anouk, já não aceita automaticamente o legado e pede dia após dia que a história lhe seja contada, como se buscasse compreender a teia na qual estava enredada. Então, no inverno seguinte, reluta em prosseguir o caminho e enfrenta a mãe, momento em que as malas despencam escada abaixo, fazendo em pedaços a urna ancestral.

O legado dessas mulheres vem imbuído de uma missão: a missão de resgatar, através do chocolate, energias telúricas inconscientes que agem transformando a vida tanto coletiva como individual. Mas essa missão as aprisionava numa vida carente de elos afetivos estáveis e seguros com outras pessoas. Não consistia mais no caminho de autodesenvolvimento, tanto para a mãe como para a filha. O novo desafio delas seria o de ficar e assumir seu lugar naquela comunidade, transformando-se com ela.

Neste capítulo, utilizamo-nos de imagens simbólicas coletivas para ilustrar e ampliar a questão da migração enquanto processo não apenas social ou familiar, mas também psicodinâmico. Partindo de tais idéias – e também destas premissas tão pouco racionais – nos

aproximaremos da realidade de pessoas que migraram de seu lar, buscando compreender o sentido psicológico mais profundo por trás desta jornada.

#### IV - DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

*Quem não utiliza a sua fantasia poderá ser um bom verificador de dados, porém nunca um investigador.*

Bleger

##### **Procedimentos metodológicos**

Cabe inicialmente esclarecer a característica qualitativa desta pesquisa. Trabalhamos com o intuito de distinguir e investigar alguns processos psíquicos presentes na subjetividade de seres humanos e suas famílias. Da riqueza do dinamismo psíquico humano pinçamos uma pequena amostra, tendo o cuidado de reconhecer o quão limitado foi nosso alcance. Principalmente porque nos propusemos a pesquisar o inconsciente familiar, e enquadrar tal objeto de estudo numa metodologia de estudo num tempo delimitado, consistiu num desafio.

O procedimento que julgamos que melhor nos instrumentaria, na tarefa de nos aproximarmos do inconsciente grupal e suas representações, foi a entrevista psicológica. O foco desta entrevista, no entanto, foi a história de vida familiar.

Carreiro (2003) explica a abordagem metodológica conhecida como romance familiar, utilizada na psicossociologia, enfatizando sua utilidade como forma de propiciar uma apreensão da articulação entre as dimensões sociais e psíquicas da vida do sujeito da pesquisa.

Embora consideremos muito interessante tal abordagem – na medida em que trabalha com a narrativa do indivíduo acerca de sua própria história de vida, o que possibilita uma expressão da subjetividade muito mais fidedigna, já que dá a palavra ao sujeito para

que fale de sua experiência singular –, não poderíamos caracterizar com esta denominação nossa estrutura metodológica.

A utilização da história de vida implica numa análise das confluências psíquicas, familiares e sociais. A ênfase recai, nesta proposta, na determinação social dos comportamentos humanos. Teóricos citados pela autora do artigo, como Gaulejac e Bourdieu, que “*concebe o indivíduo como um corpo socializado*” (Carreteiro, 2003, consulta on-line em 17 dezembro 2004), preocupam-se em investigar, pela história de vida, o entrelaçamento de diversos níveis de experiência, como o sociológico e o econômico, além do próprio psicológico.

No entanto, algumas características desse instrumento metodológico nos encantaram: além do que já colocamos anteriormente, sobre a rica possibilidade de dar ouvidos ao próprio protagonista da história, a consideração acerca da questão temporal, ou seja, da memória do sujeito enquanto uma importante fonte de significado do que já foi vivido.

Carreteiro (2003) explica que o trabalho com a história de vida propicia uma reconstrução do passado feita no presente, permeada por uma compreensão atual deste. Portanto, pode refletir o processo de elaboração das vivências. No caso do nosso trabalho, a investigação sobre a qualidade da adaptação do sujeito ao novo lar/espço familiar esteve refletida em como o sujeito lidou com esta reconstrução de suas memórias.

Nossa ênfase recaiu nos processos inconscientes. Mais especificamente no inconsciente familiar, de maneira que nosso recorte analítico visou o sentido que o sujeito atribuiu à sua história: seu passado – ou que forças o levaram a migrar, o que buscava – e seu presente, ou seja, as características da adaptação.

Como desenvolvemos uma pesquisa no campo da psicologia e utilizamos a entrevista psicológica semi-estruturada como instrumento, o que implica em considerações acerca das características próprias deste método, cabe falar um pouco a respeito destas.

Bleger (1980) aponta uma característica fundamental da entrevista psicológica aberta, que se encontra na possibilidade do entrevistado configurar o momento da entrevista conforme sua própria personalidade, que fica, desta forma, refletida, marcada por sua subjetividade. Portanto, a entrevista aberta permite uma maior projeção do entrevistado. Devido, porém, a limitações de tempo, necessitamos impor determinado foco à entrevista, o que foi levado em conta ao analisarmos a relação que se estabeleceu entre a pesquisadora e os entrevistados.

Em primeiro lugar, devemos ressaltar a importância da motivação ou mobilização dos sujeitos para participar da pesquisa. Na medida em que as entrevistas não resultaram de uma demanda dos sujeitos entrevistados, ou num benefício diretamente perceptível a estes, seu interesse foi trabalhado num momento anterior à entrevista propriamente dita. Desta tarefa dependia o sucesso da coleta de dados.

Fica claro o papel atuante da pesquisadora, que começou no primeiro contato com os sujeitos, passou pela capacidade de envolver os possíveis entrevistados no interesse pela pesquisa e desenvolveu, por fim, um campo fértil e seguro no qual os entrevistados puderam se sentir a vontade para trazer sua história. Bleger (1980) já apontava o quanto o pesquisador fazia parte do próprio fenômeno a ser estudado.

Outra marca da entrevistadora nas entrevistas desta pesquisa consistiu na questão na qual a investigação é centrada. Sabe-se que o entrevistador levanta hipóteses e é guiado por interesses de pesquisa, o que obviamente interfere na escuta e na observação do sujeito. A sugestão de Bleger é que tais hipóteses estejam sempre conscientes e sejam passíveis de confirmação ou negação, conforme se delineia a entrevista, de forma que não se comportem autonomamente, tornando-se então viés metodológico.

No caso desta pesquisa, a implicação pessoal da pesquisadora com o tema migração foi colocada desde o início, e gerou o aprofundamento teórico que veio a possibilitar a análise do material colhido nos contatos com as famílias de migrantes. Além disso, pretendíamos conduzi-la criativamente para a tarefa de envolver e despertar nos sujeitos o interesse pelo tema. Tínhamos, porém, a clareza da necessidade de permanecermos conscientes e mantermos distância ideal dos sujeitos a fim de não contaminar os dados da pesquisa com conteúdos pessoais da pesquisadora.

## **Objetivos**

### **1 - Objetivo geral**

O objetivo do trabalho consiste em investigar os processos de subjetivação de famílias que viveram um movimento migratório dentro do território brasileiro, e a decorrente reconstrução de um espaço familiar num novo meio social.

Presente a consideração teórica da transmissão do psiquismo entre gerações, pretendemos investigar o que poderia ter influenciado, em termos do inconsciente familiar, o engajamento das famílias na migração.

### **2 - Objetivos específicos**

**2.1** – Apreender dados acerca da história familiar, da geração atual e de gerações anteriores, focando o interesse na questão da migração, mobilidade social e mudanças em geral sofridas por esta família.

**2.2** – Na medida em que compreendemos que conteúdos do inconsciente familiar, que perpassam as gerações, podem influenciar o destino e a vida prática das famílias, buscaremos indícios das possíveis influências de determinações psíquicas transmitidas de outras gerações, no movimento migratório deste núcleo familiar.



**2.3** – Compreender as características da adaptação que vem ocorrendo, entendendo que envolve um processo de reconstrução familiar, com reflexos na formação da subjetividade desta família.

**2.4** - Verificar a relação entre a existência de determinações transgeracionais ou intergeracionais na migração, e a qualidade da adaptação familiar.

### **Instrumento**

A pesquisa se baseou no material colhido em entrevistas com membros adultos de famílias de migrantes.

Como instrumento, utilizamos entrevistas semi-estruturadas, centradas na história do núcleo familiar atual e na história das gerações anteriores. Colhemos, através das entrevistas, a história de vida e de migração das famílias dos sujeitos pesquisados, bem como dados sobre sua adaptação atual.

Cada entrevista estava programada para durar até duas horas, e tínhamos a possibilidade de combinar um novo encontro, caso julgássemos necessário. O que não foi o caso, já que nos centramos no material fornecido espontaneamente pelos sujeitos, considerando, tanto o conteúdo manifesto, como os “não ditos”, para fins de análise interpretativa.

As entrevistas foram gravadas – para que os relatos fossem fidedignamente reproduzidos – mediante o consentimento dos sujeitos, e devidamente transcritas. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para análise nesta pesquisa. A pesquisadora

permanecerá com a guarda do material, tanto fitas quanto transcrições, por um período de cinco anos, após o qual todo o material será destruído.

O conteúdo obtido através deste procedimento consiste no material desta pesquisa e será utilizado exclusivamente para tal finalidade.

Foi assegurada a privacidade dos sujeitos envolvidos, bem como o anonimato dos mesmos, através da alteração de nomes próprios, bem como de nomes de localidades que viessem a propiciar a identificação dos sujeitos em questão. Além disso, foi garantido aos sujeitos o direito a se recusar a participar – ou retirar seu consentimento – em qualquer fase da pesquisa, sem risco de penalizações ou prejuízos pessoais.

Aos sujeitos foi entregue o termo de consentimento, que apresentamos em anexo, previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP – Campus Assis.

As questões norteadoras para a entrevista, apresentadas no apêndice, visaram garantir a eficiência da coleta de dados, os quais foram analisados psicologicamente. Tiveram como objetivo obter dados da história das gerações anteriores, da questão da migração deste núcleo familiar e das características do processo adaptativo neste novo ambiente. Foram utilizadas como um guia e não propriamente como questionário.

## **Coleta de dados**

A coleta de dados aconteceu durante os meses de maio a julho de 2005, no município de Assis, ou na cidade de residência da família.

A própria pesquisadora realizou todas as entrevistas, programadas para as dependências do CPPA – Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus Assis, mas a maior parte delas aconteceu em outra clínica psicológica, devido a questões práticas de horários; uma delas teve como espaço a casa da família, por opção dos sujeitos entrevistados.

Foram verificados todos os cuidados e precauções que garantissem o sigilo e segurança dos entrevistados e do material colhido.

Não foi oferecida ajuda de custo para os sujeitos, de forma que a disponibilidade para se locomover até o local indicado partiu exclusivamente do interesse destes em engajarem-se nesta pesquisa.

## **População**

A população estudada consistiu em núcleos de famílias migrantes.

Trabalhamos com cinco famílias que viveram um processo de migração interna, dentro do território brasileiro.

A abordagem da família e coleta dos dados foi efetuada através de contatos com os adultos responsáveis por aquela família. No caso

de casais parentais, pretendíamos entrevistar ambos os membros conjuntamente. No caso de adultos divorciados ou viúvos, que mantivessem a guarda de filhos menores, a entrevista desses sujeitos visaria seu papel como representante da família.

Não ocorreu a abordagem de nenhuma família monoparental. Entretanto, tendo sido marcada entrevista com um dos casais, apenas a esposa veio a comparecer, de forma que a entrevista aconteceu com um membro do casal como representante da família.

Optamos em abordar adultos, devido à necessidade de informações acerca da história da família e da compreensão, ou avaliação pessoal, de como consideram a qualidade da adaptação da família ao novo ambiente. Não fazia parte de nosso objetivo observar a relação entre os membros da família atualmente.

Portanto, entramos em contato com pessoas adultas, com autonomia plena, que tivessem constituído família, de ambos os sexos, sem restrição de etnia, profissão, cor ou classe social. Optamos por não incluir no trabalho pessoas portadoras de grave transtorno mental, ou incapazes de responderem por seus atos.

Ressaltamos que não pretendemos trabalhar com nenhum tipo de comparação entre classes sociais, etnias ou profissões.

O recrutamento de famílias aconteceu através de busca ativa de famílias que passaram por processo de migração, em locais de convívio social, como escolas, postos de saúde, instituições religiosas, ou através de indicação que atendesse a nossos critérios.

As famílias selecionadas obedeciam aos seguintes critérios:

- Migrantes
- Município de destino no Brasil
- Município de destino: atual município de residência
- Município de destino: diferente da cidade natal de ambos os membros do casal
- Residência há dois anos ou mais no município atual
- Disposição dos membros adultos, responsáveis pelas famílias, a submeterem-se ao processo investigativo através de entrevistas
- Concordância dos membros adultos destas famílias com a divulgação pública dos resultados da pesquisa
- Fase da família: casal com filhos residindo em casa

Consideramos como risco de pesquisa a mobilização de conteúdos inconscientes dos entrevistados, mas, na medida em que não estaríamos lidando com uma população de risco, avaliamos como um benefício a possibilidade da reflexão acerca de acontecimentos passados, o que pode permitir uma reelaboração de tais conteúdos.

Estivemos, no entanto, atentos à capacidade egóica dos entrevistados e nos colocamos à disposição, ao final dos contatos, para esclarecimentos de dúvidas ou necessidade de novas conversas.

Apontamos, neste sentido, a qualificação da pesquisadora como psicóloga clínica, sua prática em atendimento psicológico e a capacidade de avaliação da eficácia de mecanismos de defesa psíquicos, que devem ser respeitados.

Avaliamos, por fim, que a maioria dos sujeitos entrevistados beneficiou-se do encontro propiciado pela pesquisa, caracterizado por um reencontro com sua história, com o cônjuge, ou mesmo com seus sonhos esquecidos.

## **Processo de análise dos dados**

### **1 - Elaboração de genograma – história das famílias de origem**

Baseados nas informações fornecidas nas entrevistas, elaboramos um genograma segundo o modelo de Schützenberger (1997), que consiste numa árvore genealógica formada a partir da memória dos sujeitos, prescindindo da busca de informações em documentos.

Este trabalho visa a organização de elementos subjetivos da vida das famílias, como principais acontecimentos, vínculos afetivos; enfim, tudo o que se encontra marcado na memória familiar – ou foi apagado dela – para além das informações de parentesco.

A representação gráfica da família permite o estabelecimento de ligações prováveis entre os acontecimentos. No caso da nossa pesquisa, focalizamos a questão da migração e verificamos a possível interação com outros eventos emocionalmente significativos.

### **2 - História do núcleo familiar atual**

Com intuito de complementação do genograma e principalmente centrado no aspecto da adaptação atual, o relato cursivo da história de

vida do núcleo familiar fornece dados para a análise psicológica da influência da migração na subjetividade e na dinâmica atual da família.

### **3 - Análise psicológica**

Baseamos nossa análise na compreensão de que conteúdos do inconsciente familiar perpassam as gerações e podem influenciar o destino e a vida prática das famílias. Por meio do genograma e da história familiar conseguimos identificar indícios das determinações psíquicas transmitidas de outras gerações, quando existiam, no movimento migratório deste núcleo familiar.

A teoria da transmissão psíquica entre gerações enfatiza que nosso destino é sermos herdeiros de nossos antepassados, precedidos por determinações transmitidas de geração em geração. Buscamos compreender a elaboração de tais legados, já que consideramos que, para existir enquanto indivíduo diferenciado, o sujeito enfrenta a necessidade de apoderar-se de seu destino, de personalizar sua psique.

Sabemos que o legado transmitido é conservado em forma de traços. Estes podem se manifestar por via do afeto, que pode ser observado na entrevista, por meio de reações do sujeito, da seleção inconsciente de determinado fato ou episódio a ser relatado, do conteúdo da fala do sujeito e também dos hiatos presentes nesta fala.

Analizamos a história de vida familiar, imagos, fantasias e identificações elaboradas pela psique individual. Pretendemos investigar em que grau a questão da migração foi elaborada

pessoalmente pelo núcleo familiar atual – ou seja, o quanto o grupo apropriou-se ativamente do legado – ou, por outro lado, em que medida a família atual encontra-se num movimento migratório herdado passivamente, inconscientemente e pouco elaborado.

Para realizar a análise da adaptação familiar, utilizamos os conceitos descritos por Eiguer (1985) como organizadores do psiquismo familiar. O organizador, como explicado no capítulo teórico, é o que dá liga a um determinado grupo, diferencia-o dos demais, potencializando e direcionando suas capacidades de vínculo interno.

Tomamos a instância organizadora do psiquismo familiar denominada eu familiar, como critério para analisar a adaptação da família migrante. Centramos nossa discussão na investigação dos seguintes conceitos: sentimento de pertença, habitat interior e ideal de ego familiar. Avaliamos, a partir destes princípios, como se encontra a estrutura do mundo interior familiar, e se ela foi modificada pela migração da família.

O sentimento de pertença consiste na sensação original de familiaridade que se encontra no interior daquele grupo: a sensação de estar em casa. O pertencer a uma determinada família implica em que os membros se conheçam em seus pensamentos e sentimentos mais particulares. Como se comporta tal identidade emocional presente em todos os membros do grupo e somente nestes, frente ao impacto do relacionamento com todos os outros que são – logo após a chegada ao novo meio social – efetivamente estranhos e desconhecidos?

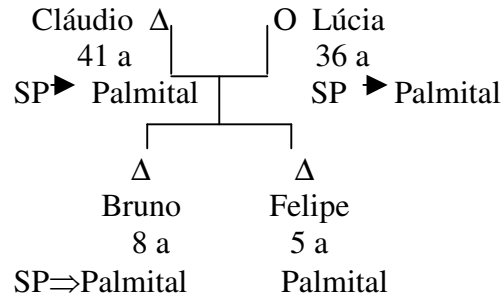


O habitat interior compreende a introjeção do que existe de concreto relativo à família e a sua história, desde a casa, até um simples objeto que contém uma história ou simboliza um sentimento familiar. O lugar fisicamente ocupado pela família no mundo passa a ser uma representação concreta desta família. A função do habitat interior reside em evitar o desmembramento do psiquismo familiar. A edificação concreta deste lugar corresponde à edificação inconsciente da instância psíquica grupal. Analisamos, portanto, a resistência desta imagem corporal familiar introjetada, frente à mudança concreta do corpo, ou seja, do espaço da família.

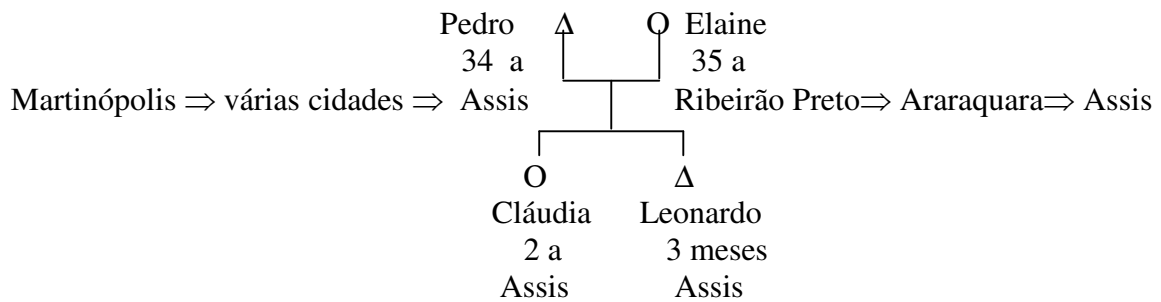
O ideal de ego familiar sintetiza os planos de futuro desta família, os projetos de evoluir, em termos sociais, culturais, econômicos ou religiosos. Consiste no que se sonha para o futuro de um filho e na possibilidade de se fazer sacrifícios em prol desse desejo. Este destino familiar pode igualar-se ou ser diferente dos ideais de ego pessoais, de cada participante do grupo, mas pertence a todos os membros, como marcas inconscientes do eu familiar. Analisaremos que lugar tem o processo de migração neste sonho familiar, e as diferentes significações da migração dentro da família.

## Sujeitos

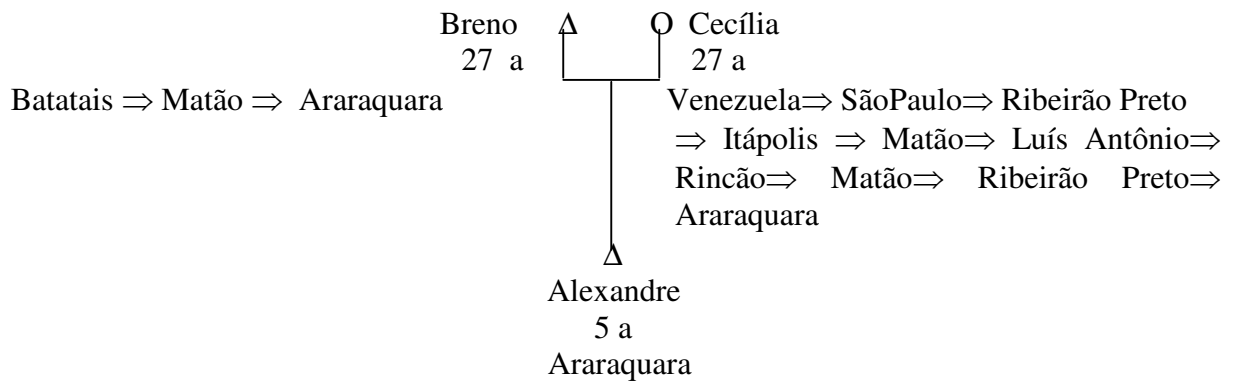
### 1 - A família Lapelli



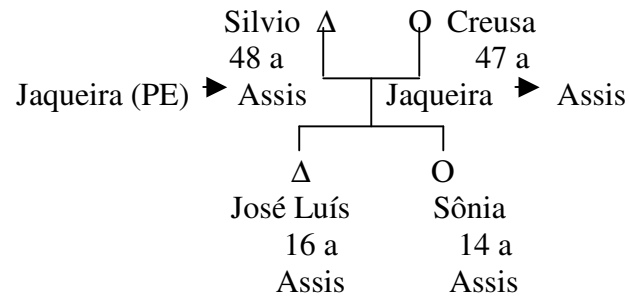
### 2 - A família Mafuz



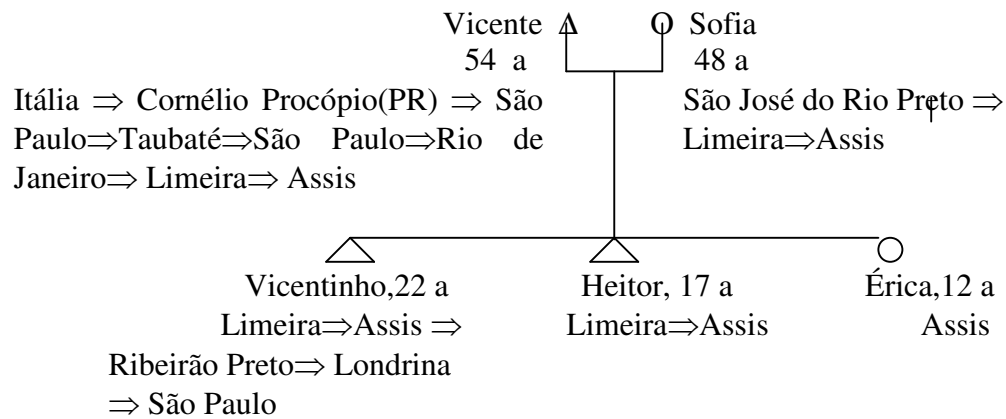
### 3 - A família Souza



#### 4 - A família Salviano



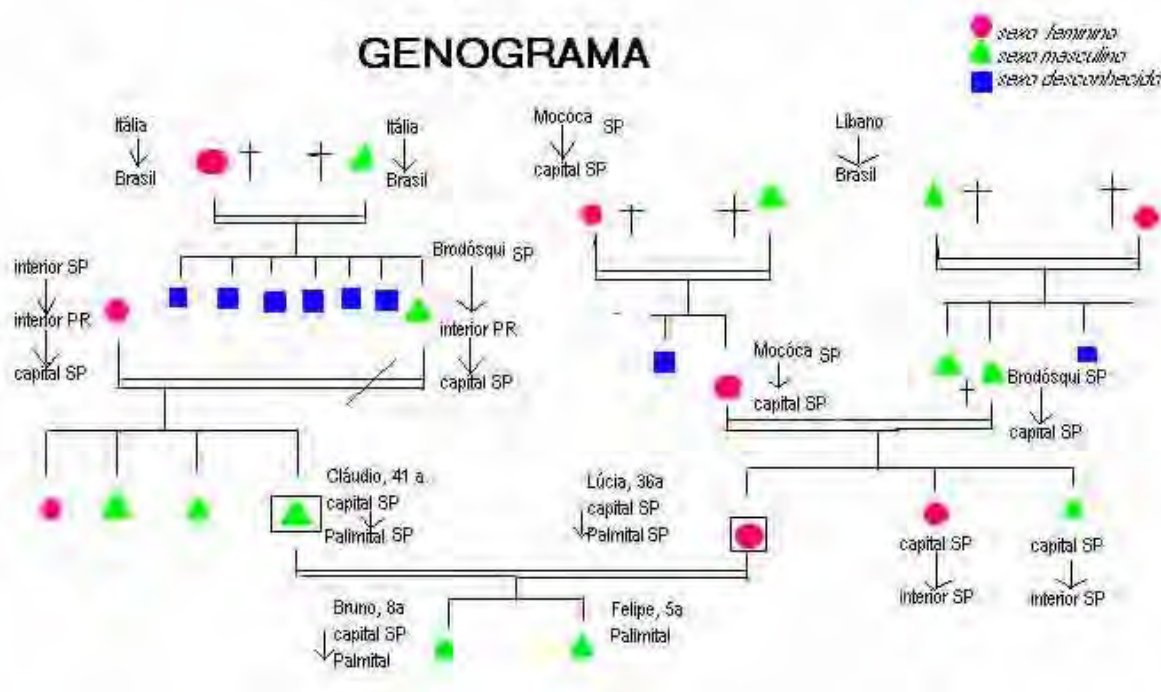
#### 5 - A família Negrete



## V – ANÁLISE DOS DADOS

*Para entrar no segredo das coisas  
é preciso primeiro entregar-se a elas.  
Simone de Beauvoir*

### 1 - A família Lapelli



Data da entrevista: 20/05/2005

#### História do núcleo familiar atual

Lúcia, 36 anos, e Cláudio, 41 anos, são naturais da cidade de São Paulo. O casal se conheceu há 16 anos, quando cursavam a faculdade de medicina: Cláudio fazia residência quando Lúcia ingressou no curso. Namoraram por três anos. Casaram-se há 13 anos.

Permaneceram sem filhos durante os quatro primeiros anos de casamento, devido aos estudos de Lúcia. Quando julgaram pertinente, num momento de estabilidade, durante a residência médica de Lúcia, planejaram a gestação, que aconteceu conforme programado. Nasceu Bruno.

Descrevem a vida na capital como muito corrida, violenta e estressante. O filho permanecia longos períodos na creche e cuidado pela mãe de Lúcia, enquanto o casal trabalhava e estudava em período integral e cumprindo plantões médicos, em algumas noites.

Após várias propostas de emprego para Cláudio em outras cidades, avaliadas conforme benefícios para a profissão de ambos os cônjuges, resolveram pela migração para o município de Palmital. Relataram estar em busca de melhor qualidade de vida. Palmital reunia em si alguns pontos positivos: trazia vínculos empregatícios que Cláudio já possuía, “financeiramente valia a pena”, havia um contrato de emergência para Lúcia, com a possibilidade de haver concurso.

Quanto à questão social, apontam como de grande importância a existência de antigos amigos residindo naquela cidade.

Relatam com prazer o namoro com a cidade, o período de conhecimento, as negociações, sentindo a torcida das pessoas da cidade com quem tinham contato para que tudo desse certo.

Migraram para o novo lar no sétimo ano de casamento, com um filho de dois anos. Dois meses após a chegada engravidaram de Felipe, atualmente com cinco anos.

Encontram-se ambos empregados em suas próprias profissões, como médicos. Lúcia fez mestrado, concluído há seis meses. Os dois filhos estudam em escola na cidade. A família pertence a grupos sociais organizados.

Consideram-se bem adaptados, porém não descartam possibilidade de tornarem a migrar, caso lhes sejam oferecidas melhores oportunidades.

### **História das famílias de origem**

O bisavô de Cláudio emigrou da Itália para o Brasil no início do século XX, com a esposa e filhos, vindo a construir um patrimônio no interior do estado de São Paulo, região de Ribeirão Preto.

Com o falecimento do bisavô seus filhos herdaram as fazendas, dentre estes o avô paterno de Cláudio que se casou e constituiu uma família com sete crianças. Ainda durante a infância dos filhos, perdeu o patrimônio em jogos e com mulheres, terminando por abandonar a família.

O pai de Cláudio, que possui também o prenome Cláudio, como filho mais velho, então com 10 ou 12 anos, assumiu o cuidado das irmãs mais novas e da mãe, tendo que trabalhar na roça para sustentá-las. Migraram para o Paraná em busca do apoio familiar de tios e primos.

Posteriormente, já no início da vida adulta, o pai de Cláudio migrou para São Paulo, capital, em busca de oportunidade de trabalho

oferecida por um conhecido. Voltou para o Paraná para se casar, retornando a São Paulo e lá construindo um patrimônio e estabelecendo sua família.

A mãe de Cláudio é natural de Rancharia, município do interior do estado de São Paulo. Migrou para o Paraná, na infância, em virtude do emprego do pai, como capataz de uma fazenda daquela região.

Casou-se com o pai de Cláudio e migrou para São Paulo, acompanhando o marido.

Os avós paternos de Lúcia emigraram do Líbano para o Brasil no início do século XX, estabelecendo-se na região de Ribeirão Preto, onde adquiriram fazendas.

O pai de Lúcia estava destinado pela família a administrar as fazendas, devendo, para este fim, formar-se em agronomia. Renegando esta responsabilidade, migrou para a capital de São Paulo com o intuito de estudar medicina, de forma que um irmão acabou tomando a frente nos negócios.

Esse tio de Lúcia acabou levando a cabo o patrimônio, envolvido com jogos e mulheres, enquanto que o pai de Lúcia se estabeleceu em São Paulo, onde exerceu a medicina e formou família.

Os avós maternos de Lúcia são naturais de Mococa, interior do estado de São Paulo, bem como a mãe dela. A família desenvolvia atividade de comércio naquela cidade, até o falecimento do avô. Migraram para a capital em busca de melhores oportunidades de trabalho e sobrevivência.

### **Análise psicológica – Família Lapelli**

Lúcia e Cláudio aceitaram com tranquilidade o convite para a participação na pesquisa, comentando que costumam conversar sobre o assunto com certa frequência, em reuniões com amigos ou familiares. Demonstraram que a questão da migração vem sendo trabalhada cotidianamente, o que pareceu lhes dar segurança quanto ao fato da entrevista não representar um risco frente a algo desconhecido.

Apresentaram-se em harmonia durante a entrevista, completando-se em suas colocações, respeitando o momento da fala do outro. Lúcia, a princípio mais á vontade, permite se emocionar e deixa brotar as lembranças carregadas de afeto com naturalidade e espontaneidade. Cláudio mais desconfiado inicialmente, vai baixando suas defesas gradualmente, como se as dissolvesse em copos e copos de água, que vão sendo ingeridos.

É ele quem começa a falar, com a anuência da esposa, sobre como se conheceram, há dezesseis anos, e se casaram, há treze. Lúcia traz, logo em seguida, a explicação sobre os filhos, o que já incide na questão da migração.

*Lúcia – “Casamos. Eu tava no quarto ano de faculdade, ele no R4. Ficamos quatro anos sem ter filhos. Por opção. Porque eu tava terminando a faculdade, terminei... entrei na residência... Aí num período da residência que estava interessante, aí a gente programou e deu certo, veio o Bruno. E... Depois o Felipe foi nascer já aqui. A gente já teve o Felipe aqui.”*

*Cláudio – “Em São Paulo ia ser só o Bruno, né?”*

*Lúcia – “É, se a gente ficasse lá, num cabia mais filho...”*



Percebemos a primeira consequência da mudança: a criação de um espaço familiar onde coube mais um filho. Na rotina de vida na capital, que é descrita pormenorizadamente, a questão da maternidade e paternidade não parecia ser a prioridade. A migração promoveu a ampliação do habitat interior desta família, permitindo a concretização do desejo de ter mais um filho. A fala seguinte mostra o ambiente concreto refletindo a ampliação do espaço familiar.

*Lúcia – “Nem pensávamos, né? Se bem que o Bruno era novo, né? Quando a gente mudou o Bruno fez três anos. Então a gente não tava ainda com fôlego pra mexer com um segundo filho. Mas eu... a gente não tinha também muito ânimo.”*

*Cláudio – “Não é real, Lúcia. A gente mudou pra cá em junho, e engravidou do Felipe em agosto.”*

*Lúcia – (risos) “É verdade.”*

*Cláudio – “Mudamos em junho. Ó que casona grande, hem? Legal, aqui dá pra ter outro filho. Maravilha..”*

Após sete anos de casamento – período em que Lúcia ainda cursava a faculdade de medicina e completava a residência médica – concretizou-se a idéia da mudança. Planos nesse sentido eram antigos e freqüentes, bem como propostas de trabalho fora da capital, mas a realização dependia da finalização da formação de Lúcia.

*Lúcia – “A gente procurava uma opção já pra sair. A gente procurava qualidade de vida. Eu tive duas tentativas de assalto em São Paulo: uma eu tava sozinha no carro, uma eu tava com Bruno. Então foram coisas que a gente assustou um pouco. Já tava com esta vontade...”*

As propostas surgiam para Cláudio e eram consideradas pelo casal segundo alguns critérios. Entre estes havia: vantagem financeira, possibilidade de colocação para Lúcia e uma boa estrutura de trabalho para Cláudio o que significava uma autonomia ou um cargo de chefia. Estes critérios consistiam em pactos não verbalizados, mas implícitos,

conhecidos e compartilhados pelo casal, tal qual uma identidade familiar, que denominamos de sentimento de pertença.

*Lúcia – “Mas a gente tinha um pouco esse pacto, sim, que mudaria se tivesse pros dois. Né? Tinha uma coisa, tipo combinado, não falado...”*

*Cláudio – “É, ninguém falava, mas...”*

*Lúcia – “Não cogitava de sair sem ter nada...”*

*Cláudio – “Não passa pela cabeça ficar em casa... sei lá, ficar...”  
[como dona de casa]*

Então surgiu a possibilidade de vir para o município de Palmital, no oeste paulista, que reunia em si alguns pontos positivos: trazia vínculos empregatícios que Cláudio já tinha, “financeiramente valia a pena”, havia um contrato de emergência para Lúcia, com a possibilidade de haver concurso.

Tais questões compunham o ideal de ego desta família, herdado por sua vez das famílias de origem de ambos. Em prol de uma melhor qualidade de vida, da possibilidade de criar os filhos num local mais tranqüilo e humanizado do que a capital, e em busca de um progresso social e financeiro, engajaram-se no projeto da migração.

Relatam com prazer o namoro com a cidade, o período de conhecimento, as negociações, sentindo a torcida das pessoas com quem tinham contato para que tudo desse certo.

*Lúcia – “Aí foi muito engraçado... Quando começou a gente ficou um mês em negociação, pra vir. Então a gente veio, conheceu a primeira vez, fez a proposta e tal. Aí depois veio de novo, pra... Então, teve algumas vindas. E cada vinda, a gente sentia uma... um assédio assim... uma coisa de convencer a gente pra ficar. Verificaram que seria uma boa saída então, a gente era super agradado, só falavam coisa boa da cidade... (risos) Lembro que um dia eu cheguei e falei assim: olha, tudo bem, vocês querem que a gente venha, mas o que que tem de ruim, não é possível que não tem nada de ruim nesta cidade! (risos)”*

Como se despedindo da cidade natal, falam de seus objetivos com a mudança, relacionando-os com as difíceis experiências vividas na capital: as longas distâncias a serem percorridas para fazerem frente às várias responsabilidades assumidas, no plano profissional; o desgaste físico e emocional nos quais estavam envolvidos, até inconscientemente.

*Cláudio – “Não, é trampando, beleza. Apartamento é a melhor coisa do mundo...”*

*Lúcia – “Você encontra à noite, faz uma jantinha, tá junto, tá se vendo, dá uma escapada, vou ao plantão dou uma olhada. Mas a hora que vem o filho você se dá conta que tá uma porcaria.”*

*Cláudio – “Você compara o que tem agora com o que tinha antes, né? Então nosso apartamento não era um superluxo, mas era um apartamento legal.”*

*Lúcia – “Era bom...”*

*Cláudio – “Tinha noventa e poucos metros... playground, piscina. Mas eu começo a lembrar do playground, por exemplo. O playground tinha uma grama... uma grama sintética! (risos) Verde. Que horror aquilo lá! A gente fica empapuçado... É aquela coisa pasteurizada, né? Só conhece criança do condomínio”.*

*Lúcia – “Fora as mil otites...que o Bruno tinha.”*

*Cláudio – “Porque ficava em creche, né?”*

São Paulo ficou neste, momento, marcada como um lugar no qual não cabiam mais: não cabia o filho, não continha nem mesmo o afeto entre o casal. A vivência interna de solidão marcando o habitat interior familiar.

*Lúcia – “Teve uma coisa, não sei se você lembra, mas ....(chora) me emociona falar....Você sabe que eu choro... Mas uma das coisas ... que a gente ... é ... nessa coisa de vir, de mudar, tudo... Que a gente voltou a ter um projeto, junto! De repente a gente tava distanciado... E a gente... Eu lembro até a volta, quando a gente voltou que a gente decidiu que ia vir. Você lembra? Falei isto pra você? A gente voltou a ter cumplicidade nas coisas. Porque a gente tava cada um vivendo a sua vida. Aí de repente a gente voltou a ter um projeto junto que era a NOSSA VIDA, que a gente perdeu em algum momento.”*

A migração surge como a tentativa de resgatar a cumplicidade, recompor um corpo familiar dilacerado pelas distâncias espaciais e temporais. Nos diversos hospitais, consultórios, universidades e nas ruas que os separam estão os membros do casal. Na creche, na grama sintética do playground, na casa da sogra, está o filho. Desencontram-se nas noites de plantão e encontram-se nos finais de semana, na casa da sogra.

A migração tem como função a manutenção da existência desta família em três âmbitos: reaproximação do vínculo conjugal ameaçado pelo distanciamento, promoção de condições mais adequadas para a criação do filho e diferenciação deste núcleo familiar em relação às famílias de origem, já que havia uma tendência à indiscriminação.

*Lúcia – “A gente queria um pouco sair de perto da família. Isso a gente não ia falar, lógico né, pra eles. Mas essa coisa de ter a NOSSA VIDA, o nosso núcleo, né?... Eu sou de família árabe, ele, italiana, então é... Já viu né? A minha mãe, meu pai, tudo em baixo da asa, fica sempre junto e também a família dele, então tinha fim de semana que acabava o final de semana e a gente tinha a sensação que não fez nada. Porque ou foi pra casa da mãe de um ou na da mãe do outro. Tinha uma obrigação de estar sempre ali. Isso incomodava um pouco a gente”.*

Interessante apontar como o movimento de Cláudio relativo à necessidade de se discriminar, desenvolver ou conquistar seu lugar no mundo aparece tanto na dimensão profissional como na familiar.

*Cláudio – “O meu (objetivo com a migração) era trabalhar de uma maneira mais... sossegada. Só. E mandar no meu nariz, né? Porque lá em São Paulo, embora eu tivesse uma situação confortável, mas o único... Não tinha nenhum lugar que fosse eu... Eu mando.”*

Esse desejo de “mandar no seu nariz”, em termos profissionais, coincide com a necessidade de conquistar seu território, perante o

domínio paterno do território de sua família de origem, então representado pela cidade de São Paulo. Movimento este que foi executado anteriormente por seu pai, não quando de sua primeira migração, para o Paraná, mas ao voltar para São Paulo, na juventude, e construir lá sua vida e seu patrimônio. E este pai aprova sua mudança, que acontece em conformidade com um ideal de ego familiar, já mencionado, de busca pela prosperidade social e econômica.

*Cláudio – “... o consultório era do X. Tudo o que eu fazia era meu, mas o consultório era dele, ele mandava empregado embora, ele que contratava... então não era meu. Embora a produção minha, fosse minha. O Hospital... Eu era o Chefe... Mas também tinha hierárquico superior. No M. eu era Chefe de Equipe, mas também tinha hierárquico superior. Não mandava em nada. Não tinha nada dono do meu nariz.”*

Tanto na família como na profissão Cláudio se destacava como o filho pródigo, mas como “filho”, ou seja, “tinha hierárquico superior” (sic). No território familiar não havia a possibilidade de desenvolvimento de um papel de liderança, então já ocupado pelo pai, na família, ou pelo professor, na profissão. Neste sentido percebemos como a migração vem ao encontro a uma necessidade principalmente masculina.

A figura paterna como portadora deste ideal de ego familiar também pode ser encontrada na família de origem de Lúcia. No caso da família de Lúcia, o ideal familiar segue a linha da busca por um caminho personalizado, representado pela atitude do pai de Lúcia, que renegou a responsabilidade de administrar uma herança em busca da profissão almejada. Neste caso, a ênfase na história pregressa da linhagem paterna – aliás, como em Cláudio –, bem como a escolha da

profissão, remetem a uma identificação de Lúcia com seu pai. Mas congruente com um modelo familiar materno, Lúcia se dispõe a seguir o marido na conquista de um novo território para seu núcleo familiar.

*Lúcia – “Engraçado, é a mesma história... Meus avós vieram... Do lado do meu pai, né? Vieram do Líbano. Meu avô tinha uma situação boa, era fazendeiro, tanto que minha mãe casou com filho de fazendeiro rico. Mas quando meu avô morreu...”*

*Cláudio – “Mas aí não foi seu pai, foi seu tio...”*

*Lúcia – “Dividiu e aí um dos irmãos do meu pai cuidava das fazendas, tudo, e perdeu tudo. A mesma história: jogo, mulher, tal. Só que meu pai nunca quis cuidar... meu pai era pra ser o que ia cuidar das fazendas, ia fazer agronomia, tal, mas não quis. Fugiu pra fazer medicina. Então ele acabou mudando pra SP pra estudar.”*

Observamos – de fato, a própria entrevistada faz este comentário: “é a mesma história” (sic) – a coincidência de conteúdos em ambas as histórias pregressas dos cônjuges. A linhagem paterna das duas famílias origina-se de migrantes advindos de outros países – Itália e Líbano – que se fixam na mesma região do Brasil – Ribeirão Preto, estado de São Paulo.

Na família de Cláudio há a repetição de padrões: bisavô, avô, pai e Cláudio são migrantes. Tanto o bisavô quanto o pai migraram com o objetivo de construir um patrimônio e de garantir o desenvolvimento e a segurança social da família. O avô, no entanto, como a geração intermediária – ou seja, o herdeiro que recebeu o patrimônio pronto –, traz a marca do segredo familiar: a traição da família e a perda do patrimônio. Cláudio encontra-se nesta mesma posição, ou seja, tem a possibilidade de ser um herdeiro de um legado patrimonial já construído, mas opta por se desvincular desta responsabilidade.

Portanto, Cláudio tenta escapar da herança de usufruir da herança, bem como da sina de repetir o destino do avô.

Observamos a relutância de Cláudio ao abordar este assunto, e a contrariedade ao mencionar os insucessos do avô, ao mesmo tempo em que é a única linha familiar a ser relatada detalhadamente. Nega a hereditariedade da migração, num primeiro momento, e depois enfatiza a diferença entre processo migratório das outras gerações e o seu, considerando ter mudado por opção pessoal.

*Entrevistadora – “Como é que é a família de origem de vocês? Eles também mudavam? Ou não? Como é que é?”*

*Cláudio – “Não.”*

*Lúcia – “Mudavam!”*

*Cláudio – “Quem?”*

*Lúcia – “Não, não a família...”*

*Cláudio – “Minha família veio da Itália, mas foi bem no começo do século XX”.*

*E – “Seus avós?”*

*Cláudio – “É, meu avô veio pequeno, né? Criança. Mas o meu pai... Meu pai mudou porque ele teve outro problema, né... Meu pai tinha uma família que tinha uma situação boa, perto de Ribeirão Preto. Aí meu avô perdeu tudo, por causa de jogo, mulher, essas coisas. De burrada. Largou a família, aí meu pai com dez, doze anos teve que trabalhar na roça pra sustentar a mãe e as irmãs. Aí mudou pro Paraná. Porque tinha família no Paraná, não porque ...era garoto...”*

*E – “Família, primos, assim? Tios?”*

*Cláudio – “Tios e primos...Aí ele começou a trabalhar em -----, no Paraná, daí mudou pra São Paulo porque um cara que era amigo dele lá. Um senhor. E abriu um [comércio] em São Paulo. Aí ele voltou pro Paraná pra casar com a minha mãe. Aí eles mudaram pra São Paulo. Mas foi só essa aí. No começo de vida. De sessenta e dois até hoje, tá em SP. Não saiu de lá. Não tem essa de... Foi só ... necessidade mesmo, porque o pai abandonou a família. Minha mãe só mudou porque casou. Senão não tinha mudado também.”*

*E – “A sua mãe era do Paraná?”*

*Cláudio – “Não, ela nasceu em Rancharia, mas morou a vida inteira no Paraná. O pai dela era capataz de uma fazenda lá. Mas, num...”*

*Lúcia – “Mudou pra caramba, vai!”*

*Cláudio – “Não, mas é diferente.”*

*E – “Qual é a diferença?”*

*Cláudio – “A diferença é porque... assim... Eu não tenho nenhuma necessidade de mudar de São Paulo. A gente queria mudar de São Paulo para procurar qualidade de vida melhor. Meu pai não, meu pai não tinha o que fazer lá onde ele tava, em Brodósqui. Não tinha opção. Perdeu tudo que tinha. O pai abandonou a família. Ele era garoto. Seis*

*irmãos, todos menores, a mãe. Tinha parente só ali no Paraná. Teve que ir pra lá..”*

A opção de seguir um caminho singular também se faz observar no caso do pai de Lúcia, o que nos leva à consideração sobre o sentido do movimento migratório do núcleo familiar em questão estar ligado diretamente ao marido e indiretamente à esposa, através da identificação desta com seu pai, já que o marido repete o movimento do pai.

Tal interfantasmática também envolve o tema da construção/destruição do patrimônio, vivido de geração em geração por cada uma das famílias de origem.

Fica claro o ponto de encontro, neste núcleo familiar, dos fantasmas de cada família de origem, compondo um mito familiar que gira em torno do tema da migração como símbolo da busca da terra prometida, ou a conquista de um novo território. E de fato Lúcia parece se sentir, em alguns momentos, envolvida numa aventura.

*Lúcia – “Dá uma sensação de liberdade, assim... Acho que a vinda para cá, quer dizer, a gente foi meio na loucura, não na loucura, assim. A gente veio... sozinho... Não tinha assim, família... metendo a cara, vamos dizer assim.”*

*Cláudio – “Não é loucura. Veio negociando...”*

*Lúcia – “Não, não é nesse sentido... Acho que a gente veio com segurança, e tudo. Mas a gente veio metendo a cara mesmo. Não tinha uma família... Quer dizer.... Eu tinha esse medo um pouco. E se eu não gostar das médicas, dos médicos e das mulheres dos médicos? E se eu não conseguir fazer amizade? Eu tinha um pouco essa neura assim. Mas... Então a gente veio sem conhecer ninguém. Até a amizade do Z. você tinha, mas eu não tinha. Foi alguma coisa construída. Mas deu uma sensação de liberdade. A gente tem essa tranquilidade, que se precisar a gente pega as coisas e vamos embora.”*



A sensação de liberdade surpreende e anima Lúcia, a princípio tão apegada à família, e ao mesmo tempo transforma-se num bálsamo contra o sofrimento da separação. A ambivalência relacionada à migração encontra como pólo de expressão a esposa, e concretiza-se numa dificuldade inicial de adaptação.

*Lúcia – “Eu tinha um pouco de preocupação com a minha opção profissional. A minha área. Eu sofri muito nos primeiros anos em relação a isso. As pessoas não entendem muito bem o que eu faço, né? (risos) Lá em São Paulo já não entendiam muito, né? Mas aqui parece que é pior. Mas acho que agora as pessoas estão começando a entender. Eu estou começando a ganhar um certo espaço. Enfim. A vinda foi motivada por ele, né? Então eu tive que eu ganhar um espaço aqui. E acho que de alguma forma eu ganhei. Consegui um espaço. Mas às vezes ainda dá umas crises assim... Na minha área tudo o que está acontecendo é nos grandes centros, né? Então às vezes você fica meio..”*

Nota-se então que, apesar de terem pensado em oportunidades profissionais para ambos, o carro chefe da mudança tem relação com a colocação do marido, e com um projeto de vida mais diretamente ligado a ele.

Outros fatores vêm a retardar a adaptação da esposa ao novo ambiente: a gravidez e licença maternidade, a perda da identidade pessoal/profissional em prol da identidade familiar (esposa e mãe), o início da vida profissional.

*Lúcia – “Aí eu tive o Felipe. Juntou isso com a gravidez. Aí eu fiquei os nove meses grávida, aí a licença. Aí logo em seguida eu já estava por aqui, não sabia mais o que fazer. Aí alguém falou: ‘Tem um mestrado..., vamos? Vamos.’ Aí fui. Meio sem querer, e quando eu cheguei lá e viram meu currículo, adoraram meu currículo; ‘Porque você tem que prestar a prova, não sei o que...’ Daí eu prestei, passei e aí de repente eu resgatei então quem eu era um pouco.”*

*Lúcia – “Eu senti uma perda de identidade, de cara. Eu virei a mulher do Dr. Cláudio. Por muito tempo... e o fato da gente trabalhar no mesmo ambiente. Em SP a gente trabalhava em locais diferentes.*

*Então eu tinha uma vida profissional muito diferente da dele, e vice-versa. Aí de repente a gente teve que começar a conviver no mesmo espaço de trabalho.”*

A importância da proximidade com uma referência familiar se mostra muito mais intensa para Lúcia. Tanto que a existência de antigos colegas de Cláudio, e a rápida e intensa vinculação afetiva com estes, contribuiu como fator determinante na escolha do município de Palmital.

*Cláudio – “No dia que a gente tava vindo conhecer a cidade. Tinha esse amigo meu, da panela da faculdade. Liguei pra ele do Rodoserv: Como é que vai pra Palmital? Vem reto. Foi legal, né? Ter o Z. e a W. aqui, né? Um suportezinho.”*

*Lúcia – “Um suportezão, né? Eles acolheram, mesmo!”*

*Lúcia – “E o Z. e a W. teve essa coisa de acolher mesmo, né? Então já era... Eu não conhecia os dois. Porque foi da época de faculdade do Cláudio.. depois eles saíram e eu não cheguei a conhecer. Mas eles acolheram a gente. Casa pra alugar... a W., meio mãezona, me levou na quitanda, me apresentou pra dona da quitanda, dona do açougue, quer dizer, teve uma referência meio familiar, assim, a gente encontrou... é... irmãos aqui... Sei lá! Então isso acho que também pesou bastante pra gente vir”.*

Esta nova família construída aqui tenta compensar o distanciamento com a família de origem, vivido como exclusão dela em relação à proximidade dos outros três membros – mãe, irmão, irmã –, apesar de cada um deles viver, na realidade, em uma cidade diferente, e apenas a mãe em São Paulo.

A capital representa ainda a terra *mater*, a terra da mãe, seu habitat. De onde veio e para onde espera voltar um dia.

*Lúcia – “Eu gosto de morar aqui, mas não me vejo enterrada aqui ainda.”*

*Lúcia – “Engraçado, né? Você.. Eu imagino que isso seja uma ... um parâmetro assim pra dizer: ‘Não, agora eu tou aqui...’”*

*Cláudio – “É a minha terra...”*

*Lúcia – “Finquei raiz, é... Eu não sinto isso não, eu tenho impressão que a hora que os filhos forem embora, forem tocar a vida deles eu vou arrumar alguma coisa... fora...”*

*Lúcia – “Então o Bruno foi isso, se adaptou rápido, mas o Bruno é engraçado né? Tem... O Bruno tem umas falas de SP, assim... Quando a gente vai pra SP passear, tal, ele fala ‘Eu queria morar em SP’. Às vezes ele fala. Deve ter alguma coisa...”*

*Cláudio – “Já falou que queria morar em apartamento...”*

*Lúcia – “De morar em apartamento... A gente tem o maior casarão e ‘eu queria morar em apartamento!’ Não sei se isso é um pouco de saudade, mas também não sei do que né? Ele deve ter algumas lembranças de lá, né? Ele fala isso...Que SP tem tudo. Mas não sei se isso também ele escuta a gente falar, né?”*

A fala do filho, a fala de Lúcia – são indícios de que a família ainda tem como habitat interior a cidade de São Paulo. A identidade emocional e a sensação de pertencer ao antigo lar debatem-se num conflito com o ideal familiar de conquista de um novo território. Mãe e filho como representantes dos vínculos antigos, pai carregando a bandeira do novo projeto de vida.

Cria-se um quadro ambivalente que envolve a complexa representação das duas cidades – São Paulo e Palmital – como tendo tudo (cultura, lazer) e não tendo nada, o passado e o futuro, a luta pela sobrevivência individual e as possibilidades de conquista.

*Cláudio – “SP tem tudo. Pô! É lógico que eu tenho saudade de SP... Mas não tenho saudade do estilo de vida que a gente tinha. Tenho saudade do conforto de SP. Queria morar em SP... igual meu pai, né? Que a gente tava falando outro dia. Meu pai em SP é uma maravilha, né? Mas no nosso estilo não dá ainda não”.*

*Entrevistadora – “Por causa da condição financeira?”*

*Cláudio – “É. Meu pai mora em [bairro de classe alta de SP]”*

Percebemos que Cláudio tem clareza de ter encontrado aqui o que jamais teria em São Paulo: um lugar de destaque profissional, sucesso financeiro e social, enfim, um espaço singular de existência.

*Cláudio – “Eu gosto... Sabe uma coisa que no começo me... me motivava a morar aqui? Aquela... sentir importância. Em SP, era ----- (especialidade), embora fosse um ----- muito bom, mas eu era só mais um -----, porque tem a Escola, por exemplo, que forma cinco por ano. Quatro por ano, então... Se por um acaso eu sofresse um acidente, ou, ‘num quero mais trabalhar!’ ou sei lá, qualquer coisa, não dura doze horas sem outro no meu lugar. Quando a gente veio pra cá não. A gente... Dá aquela sensação de você ser importante naquele lugar. De ser... de não ser uma peça descartável. De ocupar um lugar que... isso na minha própria... Disso eu gostei muito.”*

Por outro lado, ele faz questão de enfatizar a não existência de um vínculo afetivo, negando a criação de raízes na cidade.

*Lúcia – “Consegui um espaço. Mas às vezes ainda dá umas crises assim... Na minha área tudo o que está acontecendo é nos grandes centros, né? Então às vezes você fica meio...”*

*Cláudio – “Outro fator que é legal é que não tem apego, também, né?”*

*E – “Como assim?”*

*Cláudio – “Nenhum apego. Se precisar... Se aparecer uma proposta em outro lugar, vamos...”*

A fala marcando a mobilidade, o desapego, acontece algumas vezes durante a entrevista, sempre seguindo uma fala da esposa, que indica certa dificuldade de adaptação por parte desta. Tal sentimento parece defensivo, como se a falta de apego fosse um elo de lealdade com a esposa em sua desadaptação. Esta pseudomobilidade tranqüiliza, retira a obrigatoriedade de dar certo a mudança para Palmital e nega, sobretudo, a possibilidade de ruptura familiar no caso de oposição de destinos: um desejando ficar, outro desejando voltar. Está implícito que se não for bom para um membro do casal, também não será para o outro.

Avaliam a migração como um desafio externo, que não ameaça a unidade familiar. Pelo contrário, no sentido de fortalecimento do núcleo

familiar perante as famílias de origem a migração representou um avanço para uma relação mais adulta com seus pais e irmãos.

*Cláudio – “Agora, morando aqui, por exemplo, a minha família eu curto muito mais morando aqui do que quando eu estava lá. Porque lá em SP eu ia na casa do meu pai, na casa da minha mãe, na casa de irmão domingo, sábado. Tava cumprida a obrigação. Logo no primeiro ano que eu mudei pra cá, comecei a [atividade de lazer desenvolvida com o pai]. É uma semana que eu passo com meu pai. Agora são duas vezes por ano. São duas semanas que a gente passa junto o dia inteiro. Acorda e dorme junto. Mesmo quando eu vou lá, com a minha mãe o relacionamento é muito mais tranquilo do que era antes. Com meus irmãos... a gente ta conseguindo...eu acho que a gente ta conseguindo...”*

*Lúcia – “Se aproximar mais, assim...”*

*Cláudio – “É...”*

*Lúcia – “Eles vêm pra cá, ficam hospedados na nossa casa. Eles nem iam na nossa casa”.*

A interdependência das famílias de origem, que adiava a coagulação deste novo núcleo familiar, e foi gradualmente substituída por uma relação mais afetuosa e menos obrigatória.

Percebemos que ao final obtêm o ganho de partilhar, um com o outro, vivências e percepções não verbalizadas anteriormente e surpreendem-se pela compreensão de que ainda existem caminhos não percorridos no relacionamento conjugal e na história familiar: aqui não é o ponto final.

*Lúcia – “Não sinto que vou ficar velhinha aqui, de cadeira de rodas..”.*

*Cláudio – “Não.”*

*E – “Você também não?”*

*Cláudio – “(sinal de não) Principalmente como médico. Não dá.”*

*Lúcia -“Mas será que daqui a vinte anos a gente vai estar aqui e vai ficar frustrado por essa sensação? Não tem uma expectativa de sair, não é isso...”*

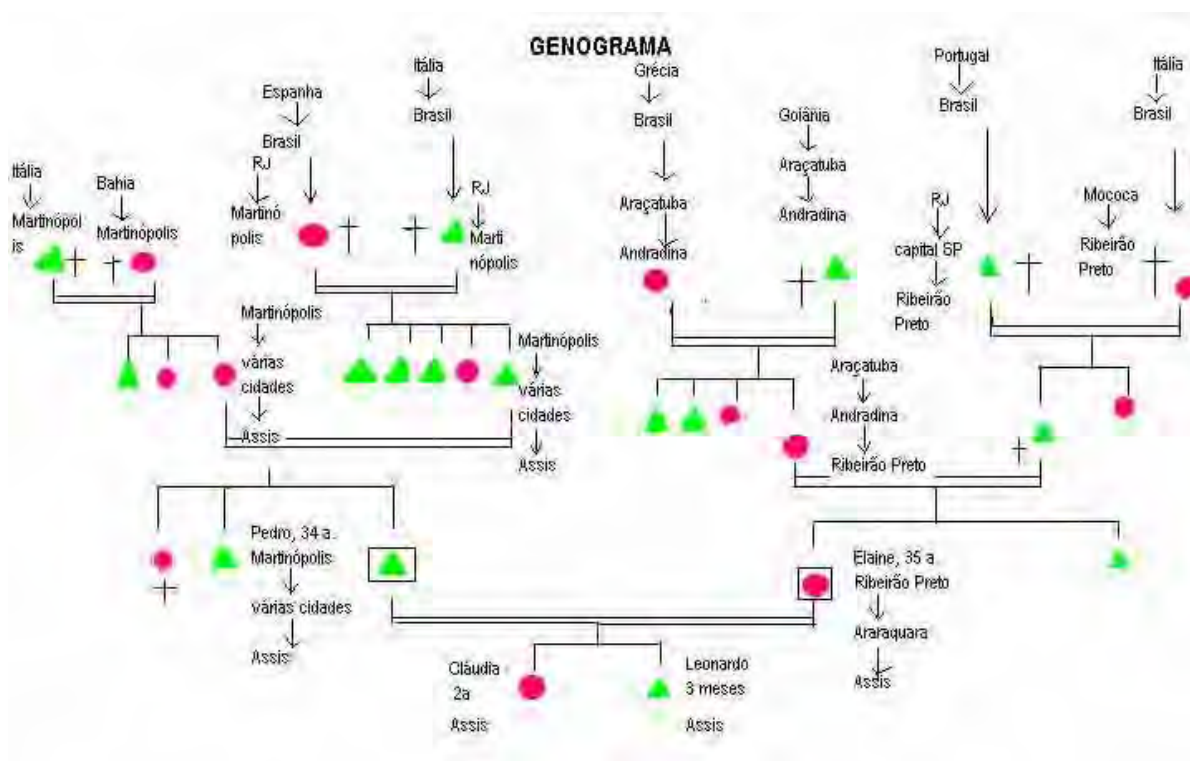
*Cláudio – “Não, Lúcia, a gente vai... Mas é aquilo que eu falei, a gente vai continuar aqui enquanto aqui for legal, for bom. Se aparecer coisa melhor, vão bora”.*

*Lúcia – “Mas aí não vamos ter nem idade pra...”*

*Cláudio – “É um negócio pra ir sempre avaliando as oportunidades que aparecem. E aparecer não parou de aparecer. Eu recebi outro dia uma cantada do ---- lá em Marília.”*

*Lúcia – “Aonde? Em Marília? (risos)”*

## 2 - A família Mafuz



Data da entrevista: 23 e 30/05/2005

### História do núcleo familiar atual

Elaine, 35 anos, e Pedro, 34 anos, são ambos cirurgiões dentistas. O casal se conheceu durante a faculdade de odontologia, em Araraquara. Namoraram por dois anos. Casaram-se há 10 anos e passaram a morar em Assis, onde Pedro já residia havia dois anos.

Elaine é natural de Ribeirão Preto, onde residiu durante toda sua vida, exceto pelo período de faculdade, quando morou em Araraquara. Ao formar-se, voltou para a cidade natal, onde se estabeleceu profissionalmente por quatro anos, antes do casamento.

Pedro é natural de Martinópolis, interior do estado de São Paulo, mas devido à profissão do pai, migrou para várias cidades no decorrer de sua infância e juventude, inclusive Assis. Fez o colegial em São José dos Campos, faculdade de odontologia em Araraquara. Quando se formou escolheu se estabelecer profissionalmente em Assis, apesar dos pais terem fixado residência em São Paulo. Permaneceu em Assis, por quatro anos solteiro, e nesta cidade formou sua nova família.

Portanto, encontram-se em Assis como uma família há 10 anos. Permaneceram sem filhos durante os sete primeiros anos de casamento, cinco dos quais por opção de Pedro, e mais dois devido a dificuldades de engravidar. Então nasceu Cláudia e um ano depois Elaine já engravidava de Leonardo.

A escolha da cidade por Pedro tem relação com o episódio do falecimento da irmã, na infância, ocorrido aqui, bem como com as vantagens que uma comunidade menor pode oferecer. Refere-se como vantagem: o reconhecimento social, a possibilidade de desenvolver-se e diferenciar-se profissionalmente num ambiente social mais personalizado. Tal opção foi contra a orientação paterna de mudar-se para São Paulo após a faculdade.

Quando do casamento, ambos relatam terem cogitado ficar na cidade natal de Elaine, mas em termos profissionais Assis oferecia melhores condições a Pedro, do que Ribeirão Preto a Elaine, de forma que optaram pela cidade onde já residia o marido. Além desse motivo, existia a busca de um certo distanciamento da família de Elaine.

Para Elaine, no entanto, o fato de se distanciar da família de origem implicou em sofrimento, compensado pela nova relação matrimonial. Os vínculos afetivos – principalmente com o marido, mas também de forma importante com amigos – garantem o sucesso desta migração.

Quanto ao aspecto social, apontam ter ótimas relações com a comunidade nesta cidade, inclusive com fortes vínculos de amizade. No entanto, colocam discordância quanto a alguns pontos que consideram característicos da cultura local, como a valorização das pessoas por suas posses, ou a falta de “espiritualização”. Também comentam sobre as condições desfavoráveis da cidade, como falta de opções de lazer.

Encontram-se ambos empregados em suas próprias profissões, mas mantêm outras atividades econômicas complementares. Fazem parte de instituições sociais da cidade. Encontram-se num momento familiar de transição, com dois filhos muito pequenos, mas resultantes de um processo de amadurecimento do casal, no sentido de ter sido opção de ambos a vinda dos filhos neste momento do casamento.

Consideram-se bem adaptados, pretendendo manter a família em Assis, onde consideram ter criado raízes, até o momento em que a escolha depender deles, ou salvo força maior.

### **História das famílias de origem**

Os bisavós paternos de Pedro migraram da Espanha e da Itália para o Brasil, no início do século passado. Seus avós paternos



nasceram no Rio de Janeiro, tendo migrado para o interior do estado de São Paulo. No município de Martinópolis nasceram seu pai e mais quatro tios. O pai, devido à atividade profissional como funcionário de um banco, migrou por diversos municípios – inclusive Assis – levando consigo esposa e filhos, até que se estabeleceu em São Paulo.

A avó materna de Pedro era natural da Bahia e seu avô materno havia emigrado da Itália. Tiveram três filhos, dentre os quais a mãe de Pedro, todos naturais de Martinópolis, cidade para onde a família tinha imigrado. Após o casamento, a mãe de Pedro migrou por diversas cidades, acompanhando o marido. Teve dois filhos em Martinópolis e uma filha em Cidade Gaúcha, município do estado do Paraná. Esta filha faleceu com cinco anos, em acidente de automóvel ocorrido em Assis.

Os bisavós paternos de Elaine migraram da Itália e de Portugal, também no começo do século XX. Sua avó paterna veio a nascer em Mococa e migrou para Ribeirão Preto, onde conheceu seu avô paterno, que era natural do Rio de Janeiro. Casaram-se e tiveram um casal de filhos em Ribeirão Preto, um dos quais o pai de Elaine, que residiu por toda a vida naquela cidade. Tinha a medicina como profissão e também possuía um curso pré-vestibular, onde lecionou durante algum tempo.

Não se sabe precisar a origem dos bisavós maternos de Elaine, exceto um deles, que era natural de Mikonos, na Grécia. O avô materno nasceu em Goiânia e migrou para Araçatuba, cidade natal da avó materna, onde juntos fundaram nova família, que veio a se estabelecer no município de Andradina. Tiveram quatro filhos, dentre eles a mãe de Elaine. Esta, na juventude, foi estudar em um curso pré-vestibular em

Ribeirão Preto, tendo sido aluna do pai de Elaine. Desta forma se conheceram o pai e a mãe de Elaine. Tendo se casado, vieram a ter dois filhos, Elaine e seu irmão, que ainda reside em Ribeirão Preto.

### **Análise psicológica – Família Mafuz**

O contato com esta família se deu em dois momentos. Em ambos os encontros compareceram trazendo o bebê, Leonardo, de três meses. A família completa se fez presente na ocasião da interrupção da primeira entrevista, devido ao chamado da escola, onde a pequena Cláudia, de dois anos, encontra-se em fase de adaptação. Percebemos que – como vivem um momento familiar que exige dedicação completa do casal, principalmente da figura materna – talvez a possibilidade de reflexão a respeito da condição familiar esteja um tanto comprometida. Num momento em que as pessoas se encontram física e psiquicamente tão envolvidas numa determinada situação, fica difícil uma análise mais objetiva ou distanciada da questão. Essa foi nossa compreensão inicial acerca da qualidade do contato.

Experimentamos com esta família uma inter-relação que nos pareceu superficial e com características defensivas, não obstante toda a disponibilidade deles em comparecer ao local e data marcados. A utilização maciça de mecanismos de defesa como idealização e negação, não só na relação com a entrevistadora, mas também entre o casal, ficou evidente. A sensação de impenetrabilidade foi marcante. Havia a presença do bebê, que por si só já poderia eliciar um movimento defensivo, mas parecia haver algo, além disso, como que

impedindo a aproximação. Sentimos ter permanecido num contato social, tanto que em determinado momento Pedro passa a perguntar da família da entrevistadora: há quanto tempo está em Assis, de onde veio, etc.

O casal começa contando como se conheceu, durante a faculdade, mas explica que foi a solidão que os uniu, mais tarde, enquanto namorados.

*Pedro – “Nós nos conhecemos desde a época da faculdade... mas a nossa relação como homem e mulher, como namorados, aconteceu em 93 e a partir daí nós nos casamos em 1995, outubro. Então o contato foi pela faculdade, depois de concluída a faculdade a gente ainda ficou dois anos, onde nós não namorávamos, mas nos encontrávamos casualmente em congressos, cursos e com outros colegas também. E a partir daí, a gente veio de outros relacionamentos e coincidiu de ambos, cada um desmanchou com seus namorados e namoradas e aí talvez na solidão de cada um a gente começou a namorar e estamos juntos desde aquela época, 1993, 2005, doze anos, né?”*

Logo em seguida, com o intuito de informar que ele já residia em Assis antes do casamento, explica sua vida repleta de migrações e a escolha pelo município de Assis para fixar residência após o término da faculdade. Neste momento, começa a descortinar-se o que avaliamos como sendo um conteúdo carregado de significados inconscientes não elaborados. O que talvez explique este incômodo contratransferencial no contato com a família.

*Pedro – “Na verdade, quando eu era bem garoto, **dez ou onze anos**, meu pai trabalhou numa cidadezinha próxima de Assis... E depois de um ano que nós morávamos lá, a gente teve alguma dificuldade em conseguir uma escola que fosse interessante a nível de ensino pra gente. E por conta disso, ele, meu pai e minha mãe resolveram que nós moraríamos em Assis e ele continuaria trabalhando... lá. **[lacuna temporal]** E a partir daí eu fui embora depois, fiz meu colegial em...E quando eu me formei, ganhei os parabéns do meu pai, ganhei um consultório e ganhei o recado que dali pra frente o papel dele tinha sido cumprido, entendeu? E que eu é que ia me virar com o resto. E*

*Assis foi uma cidade que eu gostei de morar, naquela época quando eu era garoto, dez anos, onze anos, **eu fiz muitos amigos e tive algumas histórias marcantes também naquela ocasião. Tive uma irmã que faleceu aqui num acidente de carro, meu pai teve dois acidentes de automóvel também nessas viagens dele ... E vim pra cá sozinho e com a mala, o consultório e o parabéns, e de lá até hoje eu estou aqui.***

Apesar de posteriormente colocar outros motivos conscientes que o levaram a escolher este município para a migração e o estabelecimento de sua residência – dez anos após o acidente –, fica claro que a morte da irmã, que aconteceu aqui, marcou este lugar com um magnetismo que veio a atraí-lo, mesmo que os pais não morassem aqui há muito tempo. A lacuna temporal observada no discurso, bem na fase de sua vida em que se deu o episódio trágico, aponta para o grau de força inconsciente ainda presente nesta vivência.

Este conteúdo – a saber, a morte de um filho/irmão – aparece no discurso em dois outros momentos: na história passada dos ancestrais, e na fantasia sobre o que pode acontecer no futuro.

*Pedro – “É, meu pai quatro irmãos e minha mãe dois. Isso aí, na verdade né, que eles sabem é isso, é o oficial. **Minha avó, mãe da minha mãe, fala que ela tinha cinco filhos. Mas nenhum dos três filhos, minha mãe e os irmãos da minha mãe que ainda são vivos, conheceram esses outros dois filhos. É, e pela cronologia, ela teria que ter tido esses filhos com dez, onze anos, você está entendendo?**”*

Pedro, ao descrever a história de seus antepassados para a composição do genograma, fala que na história familiar existe um mito que conta que a avó poderia ter tido dois outros filhos, além dos três oficialmente conhecidos. Filhos imaginários, ou talvez natimortos, que coincidentemente estão relacionados com a idade de dez, onze anos,

ou seja, mesma idade marcada para Pedro com o desaparecimento de sua irmã. Filhos desaparecidos na geração anterior, no passado.

Em outro momento da entrevista, falando sobre seu vínculo com a cidade de Assis, Pedro repete o conteúdo não elaborado em forma de fantasia de futuro, que poderia levá-lo a abandonar a cidade, como aconteceu com seus pais.

*Pedro – “Claro que a gente tem metas de vida, né, mas a idéia não é ir embora daqui. Salvo força maior que hoje eu digo força maior mesmo, nada me vem à tona quando eu tenho que dizer alguma **força maior**, eu acredito que não exista algum acontecimento que venha a nos **arrebanhar** daqui, nos **arrebatar** daqui pra outro lugar. Mas a vida é um jogo, né, e nesse jogo você está sujeito a determinadas situações. **De repente numa fatalidade, eu perder meus filhos aqui, num acidente etc. e tal, será que eu vou conseguir morar aqui o resto da vida?** Não sei, né, mas a gente não tem intenção de sair daqui, os nossos negócios estão aqui, os clientes estão aqui, os amigos nossos são daqui, então a gente criou raízes aí que eu acho que dificultaria muito você ter que sair. A não ser por uma situação que hoje não faz parte da nossa vida.”*

Surge a imagem da perda de filhos, na geração posterior, no futuro. A linguagem forte, com termos como “arrebanhar”, “arrebatar” e “forças maiores”, transmite a vivência da tragédia e a fantasia de que ela pode se repetir.

Este trânsito entre passado, presente e futuro, esta mobilidade que caracteriza o conteúdo do falecimento ou desaparecimento de uma filha/irmã é encontrada eminentemente em conteúdos herdados cuja transmissão transgeracional impede a elaboração.

Observamos que este legado transgeracional – a “força maior”, nas palavras de Pedro – interferiu no processo de migração da família de origem, na escolha da cidade onde Pedro se estabeleceu no início da vida adulta, bem como veio interferindo, durante o casamento, na

estrutura familiar, na medida em que ele teve resistência em gerar os próprios filhos – já que poderiam desaparecer ainda na infância? Tal herança tem influência também no ideal de futuro, na medida em que pode vir a reincidir sobre seu núcleo familiar atual – como a repetição de uma maldição – determinando imaginariamente o engajamento em um novo processo de migração.

Interessante apontar a “coincidência” – sincronicidade seria o conceito adequado, numa linguagem junguiana – acontecida na primeira entrevista. Justamente no momento em que Pedro descreve o episódio trágico, ou seja, quando falava da questão da saída e do retorno para Assis e do que estava envolvido nessas migrações – toca o celular da esposa: a filha pedindo ajuda na escola. A entrevista é então bruscamente interrompida, num momento emocionalmente delicado para Pedro, e no próximo encontro ele já se evade de falar diretamente do assunto.

Observando o sentido transgeracional da migração para um dos membros do casal, pareceu-nos relevante enfatizar as questões hereditárias pessoais de Pedro, já que influíram de forma determinante na constituição desta nova família, tanto no que concerne ao habitat que vai sendo preparado para esta família que nasce, quanto no que se refere à sua própria perpetuação, à possibilidade de gerar descendentes.

O lugar da família Mafuz coincide com o lugar do desaparecimento de uma criança da família; é o mesmo lugar. Mais ainda, o desaparecimento define como sendo este o lugar possível do

novo núcleo familiar. Da mesma forma, a possibilidade de um próximo desaparecimento acarretará a emigração deste lugar, o abandono deste lugar. Parte da infância de Pedro, entre os dez, onze anos até a idade em que começou a cursar o colegial, parece ter sido abandonada neste lugar – o que é mostrado pela lacuna no discurso –, o que o fazia resistir a ter nele suas próprias crianças. Local de desaparecimento de crianças e de infâncias. Local que ele só consegue povoar com sua descendência dez, onze anos após seu retorno.

Paradoxalmente, Assis foi um lugar onde Pedro gostou de morar, onde era feliz antes do acontecimento trágico. E é onde escolhe para fincar raízes e buscar a diferenciação deste drama familiar.

*Pedro – “E quando eu me formei, ganhei os parabéns do meu pai, ganhei um consultório e ganhei o recado que dali pra frente o papel dele tinha sido cumprido, entendeu? E que eu é que ia me virar com o resto. E Assis foi uma cidade que eu gostei de morar, naquela época quando eu era garoto, 10 anos, 11 anos, eu fiz muitos amigos e tive algumas histórias marcantes também naquela ocasião... e um professor meu orientava que eu tinha que me virar, já que a regra era ‘se vira’, depois que eu ganhei o parabéns e o consultório. Eu tinha um professor que me orientava ir pra algum lugar **onde eu fosse o dentista e não um** dentista. E dos lugares que eu tinha morado até então, eu achei que Assis fosse ser um lugar que desse certo. E vim pra cá sozinho e com a mala, o consultório e o parabéns, e de lá até hoje eu estou aqui.”*

Em outro momento coloca que o pai, então residente em São Paulo, preferia que ele fosse para lá e ofereceu-lhe um imóvel para montar o consultório na capital.

(Questionado sobre se a vida aqui seria mais fácil do que em SP)  
*Pedro – “Basicamente em todos os aspectos, entendeu? Econômico, social, acho que a implantação da minha profissão no mercado de trabalho, aqui eu teria mais oportunidades do que lá e eu não queria morar muito perto de pai e mãe, de... entendeu? E lá em SP eu ia acabar tendo que morar com eles, ou ficando juntos, ou até cortar o cordão umbilical que eu já tinha cortado no período de faculdade e*

*talvez eu iria religar. E isso não me interessava, mas isso não foi meu argumento principal. Eu não gostaria de ir pra um lugar que eu ficasse no meu consultório a ver navios, ou sem atividade, entendeu? Ou trabalhar demais sem conhecer pessoas, não era esse o objetivo. Meu objetivo era ir pra um lugar que eu pudesse me diferenciar um pouco mais rápido, que eu pudesse decolar um pouco mais rápido e mesmo solteiro eu vim pra cá.”*

Manifesta a busca de qualidade de vida, de reconhecimento profissional e de uma possibilidade de organização de uma identidade própria, não familiar. O casamento e a migração surgem então com duas funções: o resgate de partes familiares e pessoais que ficaram desaparecidas nesta cidade, e a construção de um lugar singular no mundo. Elaine, portanto, chega para acompanhá-lo em sua tarefa solitária de se diferenciar.

O fundamental para Elaine, como deixa bem claro em seu relato, consiste na relação afetiva, no vínculo com o marido, pelo que sacrifica a proximidade com a família de origem, os caminhos profissionais já percorridos e a própria identidade, por algum tempo, já que se propõe a construir um novo papel, como esposa.

*Elaine – “Eu também nunca tive dificuldades de adaptação, sempre achei que você estando num lugar com a pessoa que você gostasse, fazer amigos, novos amigos, seria até interessante. No começo, logo que nos casamos, lógico que todo casal tem a fase de adaptação, que acredito que todos passam, né, normalmente o primeiro ano é uma fase mais difícil, mas quando você está com a pessoa que você gosta, acho que isso é tranquilo pra gente superar. Eu, particularmente, a gente sente que perde um pouquinho da identidade quando a gente vai pra um lugar, por exemplo, que o marido já estava. Por que eu deixei de ser, por um tempo, pequeno até, a Elaine e passei a ser a esposa do Pedro. E todo mundo já conhecia o Pedro aqui em Assis, eu, me conheciam muito menos, né, então passei a ser a esposa do Pedro e não a Elaine. Mas isso foi por um tempo pequeno até eu conhecer as pessoas também e no começo a gente sente um pouco pela família e pelos amigos. Eu sempre morei em Ribeirão, exceto o período de faculdade.”*



*Elaine – “Como eu sempre morei lá, eu tinha muitos amigos também lá e a gente tinha um pouquinho de dificuldade de largar esses amigos lá e tal. Eu acho que pra mulher é um pouco mais difícil largar a família que pro homem. Não sei, mas acho que o homem tem mais um ideal de se separar e ser autônomo, auto-suficiente e tal, a mulher eu acho que é mais apegada à família.”*

Apesar da grande dificuldade em deixar a família de origem, o faz num movimento que repete a experiência da mãe, que saiu da cidade natal para se casar. Portanto, sua migração é coerente com o ideal de ego familiar, validando sua escolha de constituir família na cidade de referência do cônjuge.

*Elaine – “Meu pai é de Ribeirão e minha mãe é de Andradina, mas já está em Ribeirão há muitos anos e hoje ela já se considera ribeirão-pretana também. Tanto é que meu pai já é falecido e ela continua morando lá, não sai de lá. Então, assim, nós somos de Ribeirão mesmo.”*

*Elaine – “Então eu acredito que principalmente pelos meus pais, né, deve ter sido difícil. Mas assim, eu achei que eles foram... conscientes né, de que eu estava optando pela minha vida, que estava na hora, quer dizer, que eu estava casando, que eu tinha escolhido vir pra cá e eles estavam conscientes de que eu gostava do Pedro e vim consciente de que eu estava vindo pra sempre, que era uma coisa pra sempre. Nosso casamento foi fundamentado nisso... Então acho que foi difícil, claro, mas foi tranquilo, eles entenderam bem... Eu estava fazendo o que eles tentaram a vida inteira ensinar pra gente...”*

A migração para Elaine está fortemente vinculada ao casamento e vice-versa. O sucesso do casamento deriva da migração para uma cidade distante de ambas as famílias de origem. O habitat natural desta nova família consiste no município de Assis.

*Elaine – “Hoje eu não voltaria pra Ribeirão, morar em Ribeirão. Se me disserem ‘Elaine, tem uma proposta excelente pra você ir pra Ribeirão’, eu não voltaria a morar lá porque eu acho que o círculo de amizade que a gente fez aqui, o nosso relacionamento aqui, o nosso casamento aqui foi uma coisa que fortificou, que cresceu, né, que criou laços de amigos.”*

A identidade do novo núcleo baseia-se também em sua capacidade de agregar amigos. Os amigos refletem, e, mesmo, garantem a unidade e coesão do pequeno núcleo familiar – até há pouco tempo composto apenas pelo casal – e representam sua inserção na comunidade, à qual não são ligados por raízes de consagüidade. O suporte afetivo dos amigos compensa a falta das famílias de origem.

*Elaine – “Eu acho que o relacionamento em cidade pequena nesse nível de vizinho se tornar amigo é muito mais fácil, e o contato dos amigos na sua casa ou você na casa dos amigos também é mais fácil, porque é mais perto, e não tem tantas opções de bares, de festas pra gente ir, então a gente acaba se reunindo mais em casa e eu acho que o contato com os amigos fica mais forte, é um laço mais próximo dos amigos quando eles freqüentam a sua casa, você vai à casa deles e não só em barzinho.”*

*Pedro – “Existe um detalhe interessante, que as pessoas da nossa faixa etária, a grande maioria não é fruto de Assis, é gente que veio de fora e acabam entrando no mesmo barco que nós, entendeu? Não têm pai, mãe, sogro, sogra, etc e tal, não têm um vínculo familiar passado, então você acaba tendo que se suportar, entendeu, nessas pessoas.”*

O pertencimento ao grupo se desenvolve a partir da identidade de migrante, compartilhada por muitos outros, o que facilita sua ligação. A importância do pertencimento também se reflete na mitologia desta família. A família de origem, por mais distante que esteja, permeia os contatos de amizade, colorindo-os com o sangue familiar. A força do laço consangüíneo se estende pelas relações de amizade, legitimando-as. O estranho se torna familiar.

*Pedro – “O interessante aí é que o pai da Elaine, meu sogro, foi professor de cursinho durante muitos anos e durante esse... do meio pro fim da carreira de professor, ele comprou o cursinho, deixou de ser professor e era dono. E quando dono ele e os sócios dele eram donos e no começo da sociedade ele também dava aula. Então nós temos em Assis alguns amigos mais ‘irados’ do que nós que foram alunos dele.*

*Médicos. Então é o caso do..., foi aluno dele, do..., que é muito amigo meu e foi aluno dele, o Dr. ... que é oftalmologista, meu sogro era oftalmologista, foi bicho dele, né, calouro dele na época da faculdade... então foram contatos que nós tivemos aqui que não por intermédio do meu sogro, mas como consequência, por serem amigos nossos. 'Ah, de onde você veio, quem que é seu avô, quem que é não sei quem...', 'Ah, fui aluno do cara', você entendeu?"*

*Elaine – “É interessante a gente ouvir de vez em quando ‘nossa, eu fui aluno do seu pai em Ribeirão’... Hoje muita gente às vezes que a gente conhece, até fora daqui de Assis falam ‘nossa, eu estudei em Ribeirão, em tal cursinho’, eu falo ‘nossa, meu pai que foi professor desse cursinho’, e aí a gente conversando vê que foi aluno ou que foi colega de faculdade dele, é muito interessante.”*

No entanto, toda essa rede construída pelo casal não compensa, para Elaine, a falta de filhos. Quase que definição imposta pela esposa, os filhos resgatam o sentido de continuidade para Pedro.

*Elaine – “Isso [ausência de filhos] inicialmente foi uma opção nossa, de curtir um pouco o casamento, o relacionamento, né... eu sempre quis ter filho, o Pedro. também gostava de criança...”*

*Pedro – “Mas não queria ter filho.”*

*Elaine – “Passamos por uma fase que ele não queria ter filhos e aí depois com muita conversa eu acho que fruto de muita oração também né... ele acabou resolvendo ter filhos também, talvez pela grande vontade que eu tinha de ter filhos, nós passamos por uma fase que ele não queria, e eu queria, insistia tal, mas não de imediato. Logo após o casamento até uns quatro anos, cinco anos eu achei que até dava pra gente esperar e curtir o casamento. Aí eu comecei a querer ter e ele era resistente.”*

Observamos que houve um lento trabalho de convencimento por parte da esposa. Mas o momento certo demorou a chegar. O projeto desta nova geração, de se perpetuar, sucumbia ainda perante o legado transgeracional, relacionado ao desaparecimento de crianças.

*Pedro – “O trato era ter filhos no terceiro ano, quando a gente namorava o trato nosso era ter filhos no terceiro ano de casados. Aí no terceiro ano eu consegui enrolar ela um pouquinho. Aí no quarto eu consegui enrolar também e no quinto eu inventei de fazer uma especialização, eu entrei numa pós, um negócio assim.”*

*Elaine – “Mas aí eu peguei pesado. Falei ‘agora você faz especialização, você faz o que você quiser, mas eu vou ter filho’”.*

*Pedro – “Aí no quinto e meio a gente optou por tê-los, aí a gente teve alguma dificuldade de engravidar, o período de tratamento etc e tal e foi pro sétimo ano e pouco aí, entendeu? Mas isso eu acho que me ajudou a fixar raízes aqui e fixar raízes na minha família que até então era só a Elaine e hoje é a Elaine, o Leonardo. e a Cláudia. Acho que foi a melhor coisa que ela fez na minha vida, a primeira foi casando comigo e a segunda foi me fazendo querer tê-los, né? Realmente é um negócio fabuloso, né? Então eu falo que eu não queria assim, com liberdade, porque eu não queria mesmo. Né, e eu vejo que hoje eu tava perdendo uma... oportunidade de ser um cara mais feliz do que eu já era, porque filhos realmente eu acho que solidificam o relacionamento, o casamento, as raízes que você tem onde você está, né.”*

*Elaine – “E eu acho que ajuda a gente a ter **mais força de crescer, de melhorar**, de amar cada vez mais o marido e a família e os filhos, né? Então é uma forma que eles mostram da maneira simples deles de que a gente tem que estar junto, pra cuidar deles. Então isso eu acho que fortifica muito, solidifica muito o casamento. Não é a solução pro casamento, eu acho que eles são a consequência de um casamento feliz, de um casamento bem sucedido. Eu acho que faz parte de um casamento bem sucedido os filhos. Não que eles venham, vamos dizer que um casamento não está indo bem, que eles venham resolver o problema. Aí, nesse caso, eu acho que acaba te detonando, porque como a gente estava comentando e a gente sempre brinca, tem muita dificuldade com os filhos, é duro e eles choram de noite e acorda. Mas é assim... completam a vida da gente, né. E hoje a gente ainda brinca e fala ‘tá vendo, você não queria ter as crianças’, e ele fala ‘pelo amor de Deus, não sei o que seria sem as crianças’, né. Então realmente ter filhos, mas eu acho que foi muito bom, muito importante esse período que a gente esperou pra ter certeza que era isso que realmente a gente queria. Porque eu sempre quis, sempre adorei criança tudo, o Pedro. sempre gostou de criança e tudo, mas chegou num ponto que ele não queria ter filhos.”*

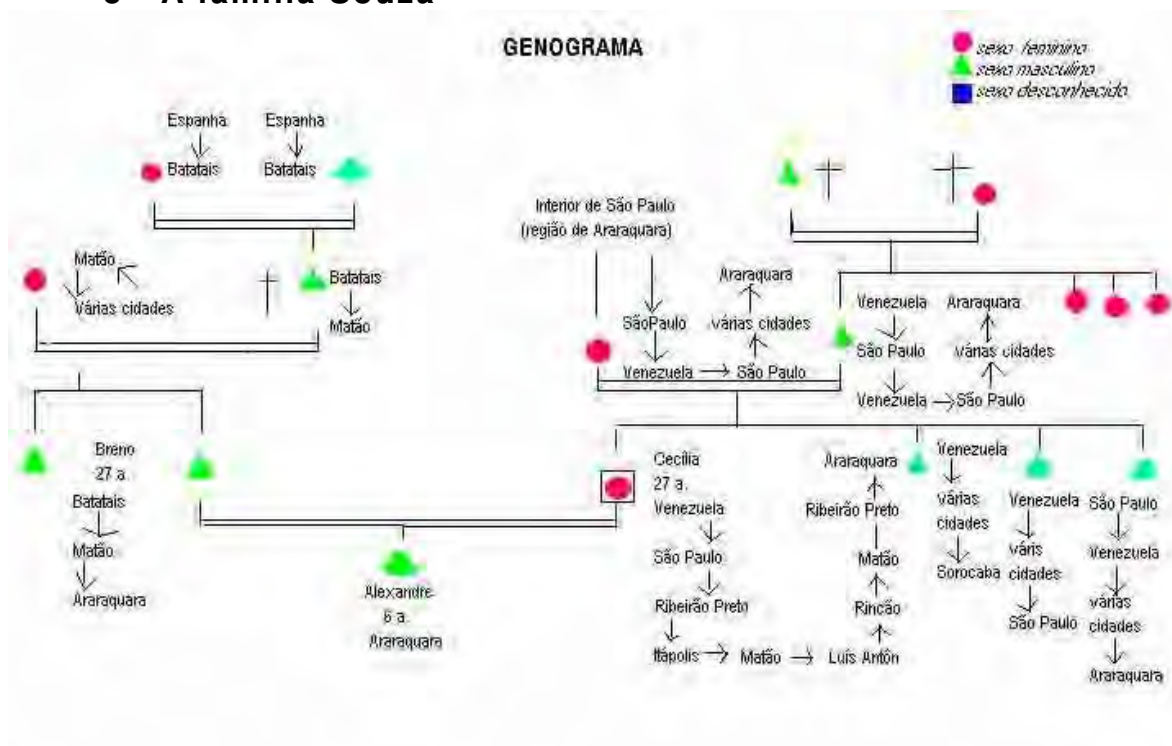
*Pedro – “E isso talvez tenha um histórico, né? Uma irmã falecida...”*

*Elaine – “A gente comentou sobre a irmã, né... então eu acho que foi num momento certo. Eu sofri um pouco por esse período que ele não queria, entendeu? Mas acho que foi importante até pra gente crescer junto e ter certeza de que era isso mesmo. De repente foi na hora certa, bem amadurecidos os dois, fortificados... foi muito bom. É muito bom, né? Apesar dos choros.”*

Forças maiores levavam Pedro a evitar os filhos. Forças de crescimento representam os filhos para Elaine, que não concebia uma família completa sem descendentes. Ideais de futuro diferentes que

quase definem a ruptura do casal, mas que vão se harmonizando e se fundindo criativamente num mesmo ideal de vida familiar, que tenta superar o determinismo transgeracional.

### 3 - A família Souza



Data da entrevista: 26/05/2005

#### História do núcleo familiar atual

Cecília, 27 anos, fisioterapeuta, e Breno, 27 anos, engenheiro, conheceram-se na infância. Estudaram juntos na quinta série, aos nove anos, na cidade de Matão. Depois se distanciaram e voltaram a se encontrar, iniciando um namoro aos dezesseis anos. Casaram-se cinco anos depois, pois Cecília engravidou.

Na época, Cecília cursava o quarto ano da faculdade em Araraquara e Breno o quinto ano em Ribeirão Preto, de forma que resolveram que Cecília continuaria morando com seus pais em Araraquara e Breno viajaria aos finais de semana, para juntar-se à família.

Após as respectivas formaturas, ambos conseguiram contratos de trabalho no município de origem de Breno, Matão, mas continuaram morando com os pais de Cecília de forma que viajam todos os dias para Matão para trabalhar e voltam para Araraquara após o serviço. O filho, Alexandre, de cinco anos, nasceu e permaneceu em Araraquara, onde cursa o pré-primário.

Cecília é natural de Caracas, Venezuela, tendo migrado para o Brasil aos seis anos, com pais e irmãos. Moraram brevemente em São Paulo, mas vieram a fixar residência na região de Araraquara, tendo morado em diversas cidades próximas, devido à natureza do trabalho do pai de Cecília, como médico dedicado à saúde pública. A escolha da região foi motivada pelo fato de ser a região da família de origem da mãe de Cecília.

Migraram inicialmente para Ribeirão Preto, mas o pai queria uma cidade menor, então se deslocaram para Itápolis, município da família da mãe de Cecília. Porém, era uma cidade muito pequena, então foram para Matão. Depois para o município de Luís Antônio, por causa do vínculo de trabalho paterno. Então, migraram para Rincão. Nesta cidade, a família morou em cinco ou seis casas. Voltaram a residir em Matão, pois Cecília já namorava e queria ficar perto de Breno.

Breno e Cecília começaram a cursar faculdade em Ribeirão Preto, mas Cecília não gostou do curso. Prestou novo vestibular e ingressou em nova faculdade, em Araraquara, onde morou em república, por dois anos.

Quando o pai se aposentou veio – juntamente com a mãe de Cecília – residir em Araraquara, de forma que Cecília voltou a viver com a família de origem. Um dos irmãos prestou concurso na cidade e também passou a morar em Araraquara, onde formou família.

Breno é natural de Matão, interior do estado de São Paulo, onde residiu por toda a sua vida e onde, até hoje, estabeleceu seus principais vínculos de trabalho. Após o casamento passou a residir, com a esposa e o filho, em Araraquara, na casa da família de origem de Cecília.

Cecília relata como principais relações sociais as familiares, na cidade onde reside, já que – pelo fato de trabalhar e passar grande parte do tempo em outro local – não têm desenvolvido amizades em Araraquara. Mas, com o ingresso do filho na escola, acredita que o campo para conhecer outras pessoas se amplia. Não se encontram envolvidos em grupos sociais formais, nem em Araraquara, nem em Matão.

Refere ter optado por permanecer em Araraquara a fim de não submeter o filho a mudanças recorrentes, como aconteceu em sua infância, pois sente que isso a prejudicou. Conta que o marido gostaria de estabelecer residência em Ribeirão Preto.

### **História das famílias de origem**

Os avós paternos de Breno migraram da Espanha para o Brasil, vindo a estabelecer residência em Batatais, no interior do estado de



São Paulo. O pai se estabeleceu em Matão, mas parece ter formado família enquanto ainda morava em Batatais, já que Breno é natural daquela cidade. Seu pai faleceu há treze anos. Não são relatados detalhes acerca deste ramo da família.

A mãe de Breno é natural de Matão, tendo migrado na infância para Ribeirão Preto a fim de estudar. Morou em diversas cidades para lecionar: Batatais, Itu, São Paulo. Retornou à cidade natal, Matão, onde mora e leciona até hoje. Teve dois filhos, Breno e o irmão, que é solteiro e reside com a mãe. Seu avô materno foi prefeito da cidade.

A mãe de Cecília é natural do interior do estado de São Paulo, região de Araraquara, mas não fica claro em qual cidade exatamente ela nasceu. Morava na capital do estado quando conheceu o pai de Cecília, seu marido. Casaram-se e tiveram um filho no Brasil. Migraram para a Venezuela, onde residiram por dezoito ou dezenove anos, e tiveram mais dois meninos e uma menina – Cecília, a caçula, doze anos mais jovem que o primogênito –, voltando então ao Brasil. Chegaram em São Paulo, mas não se estabeleceram lá, pois acreditavam que em uma cidade menor a adaptação seria mais fácil. Mudaram-se para Ribeirão Preto, mas ainda consideravam uma grande cidade. Então migraram para várias cidades, naquela região, pois era onde estava estabelecida a família de origem da mãe de Cecília. Os filhos foram estudar, cada um em uma cidade, exceto por Cecília, que passou a maior parte da vida residindo com os pais. Por fim estabeleceram-se – a mãe e o pai de Cecília – em Araraquara, após

aposentadoria do pai de Cecília, já que a filha estudava naquela cidade.

Os avós paternos de Cecília eram venezuelanos. O avô paterno, bem como os tios paternos eram militantes políticos de esquerda e foram presos, na década de 1950, pelo regime militar. O pai de Cecília cursava faculdade de medicina, que na época foi fechada, de forma que ele veio para o Brasil completar o curso na USP. O avô paterno faleceu enquanto seu pai se encontrava estudando no Brasil. O pai de Cecília, com a família que havia constituído até então – esposa e um filho – voltou para a Venezuela e permaneceu naquele país por dezoito ou dezenove anos. Seu pai trabalhava com medicina do trabalho, mas quando veio para o Brasil resolveu se dedicar ao que realmente gostava, que era saúde coletiva. Desta forma acabou migrando por muitas cidades, seguindo as oportunidades de trabalho.

### **Análise psicológica - Família Souza**

Desde o início esta família marcou pela diferença, já que, convidados ambos os cônjuges para a entrevista, apenas a esposa compareceu. Na realidade, o contato inicial havia sido realizado com a esposa, que se encarregaria – como nos casos anteriormente apresentados – de confirmar com o marido a possibilidade do encontro. Ocorrida a confirmação, optamos por marcar uma data possível para ambos. No momento da entrevista, presente apenas a esposa, sugerimos um outro horário, explicando que nos interessaria entrevistar

a ambos conjuntamente. No entanto, Cecília parecia bastante predisposta ao encontro e insistiu em dar seu depoimento.

Resolvemos, então, proceder à entrevista por decoro, pensando em desprezar os dados posteriormente e não utilizá-los com fins de análise. Porém, no decorrer do contato ficou claro o sentido da falta do marido. Ela estava coerente com a dinâmica familiar e significava que aquele núcleo ainda não havia se constituído de maneira independente. Como poderia um homem falar e refletir acerca de seu papel como pai de família, se de fato não desempenha este papel?

Decidimos, assim, considerar esta entrevista como um dado de pesquisa válido e a ausência de um dos cônjuges como um sinal ou sintoma da própria dinâmica familiar, a ser investigado e compreendido.

Pois bem, logo de entrada, quando convidada a se identificar, Cecília pergunta: “Meu nome de solteira? Casada? Meu nome?” Responde então seu nome de casada, mas logo emenda, esclarecendo que tem dupla nacionalidade: venezuelana e brasileira.

*“Mas eu tenho dupla nacionalidade. A minha mãe é brasileira né, meu pai venezuelano, então, aqui eu posso ter todos os direitos de um brasileiro: votar, concurso público, qualquer tipo de coisa assim. E lá também. Aqui eu tenho minha identidade brasileira e lá eu tenho minha identidade venezuelana”.*

Percebemos que não é só na nacionalidade que se manifesta esta dupla identidade, mas também no estado civil. Encontra-se ao mesmo tempo casada com Breno, do qual tem um filho, e mantém-se solteira, na medida em que ainda reside na casa dos pais e neles concentra sua dinâmica pessoal. Direitos de uma mulher casada – no sentido da

existência de uma relação exogâmica – e deveres de uma mulher solteira – no que tange à lealdade à sua família de origem, mais especificamente à figura paterna.

Como se a Cecília brasileira fosse casada, condição assumida perante a sociedade, de forma manifesta. Mas, por outro lado, o que também compõe sua identidade, existe a Cecília venezuelana, solteira e ligada a uma herança paterna ainda não elaborada.

Tal indiscriminação na composição identitária de Cecília permeia o vínculo do casal, que tem o princípio de sua história na infância, quando Cecília conhece Breno no ginásio. O encontro já tem como referencial, desde o início, a figura paterna.

*Entrevistadora – E como é que foi que vocês se conheceram, como começou esse casamento?*

*Cecília – “Foi assim, o meu pai, ele é médico né, e foi trabalhar em Matão. E eu fui estudar junto com meu marido. Nós fizemos a 5ª série juntos e nós nos conhecemos na classe. E depois, tempos depois, nós nos encontramos e começamos a namorar. Daí terminamos, uma época, voltamos. Hoje já fazem muitos anos que a gente está junto. A gente se conhece desde 88, desde 88.”*

Iniciando sua explicação do romance familiar pela figura paterna, Cecília demonstra a importância deste pai no relacionamento e na formação da nova família, ou no impedimento da cristalização de um novo núcleo familiar. Um romance em que o herói – ao invés de ser o casal em questão – consiste no personagem paterno, e que está fadado a ter seu futuro diluído no tempo presente, ou mesmo no passado, na infância.

Interessante como ela aponta que na infância eles – Breno e Cecília – não se gostavam, implicavam-se mutuamente. Novamente inclui o pai na mitologia familiar do núcleo que se origina:

*Entrevistadora – O que aconteceu, que mudança foi essa, que de detestar pra amar...*

*Cecília – “Pois é. Mas era uma coisa assim, acho que até, é, aquela coisa mesmo do amor e ódio né, aquela coisa daquele menino assim que você detesta na classe que é o mais arteiro, o mais chato, e ele também pegava no meu pé, né, e o pessoal percebia que não era assim, não era raiva, e eu acho que tentavam aproximar tá? **E depois um dia eu encontrei com ele, e ele também depois me procurou, não sei, aconteceu, acho que é coisa do destino mesmo. E o meu pai, como trabalhava em Matão, tinha muita amizade com o avô dele, o avô dele era farmacêutico, e lá só tinha essa farmácia, e o avô dele tinha sido prefeito, então tinha amizade com o meu avô [materno?], só que isso eu não sabia nada, fiquei sabendo depois. E o meu pai ia trabalhar, e ia lá na farmácia dele, bater papo, ver que remédio que ele tinha, que remédio que ele podia mandar, ver pro pessoal, que é uma cidade muito pequena. Então nesse tempo que o meu pai trabalhou **eu freqüentava muito a casa dele**. E depois que, acabaram né, se conhecendo melhor a família toda, então hoje que a gente sabe mais ou menos como que era né, quando eu era pequena eu não tenho lembranças muito bem”.***

O destino – expressão utilizada por Cecília – vem a promover o encontro deste casal, pelas mãos do pai dela, em contato com o avô dele. Enfim, a determinação familiar, consciente ou inconscientemente, parece ter influenciado bastante nesta união.

No seio da família de origem veio a se acomodar a semente da nova família, que até então não conseguiu brotar. Tanto Cecília não pôde viver autonomamente, quanto Breno não parece ter tido forças para retirá-la do domínio paterno para a formação de um novo lar.

Na ocasião do penúltimo ano da faculdade de Cecília e último de Breno, o casal engravida.

*Cecília – “É porque assim, eu engravidei né... E eu, os meus pais já estavam morando aqui, porque meu pai tinha aposentado, veio embora*

*pra cá, porque eu morava em república aqui, e eu não gostava muito de morar em república, já tinha passado com a fase assim, daquela vontade de morar em república, e eles vieram embora. E o meu irmão ficou viúvo, e depois abriu um concurso aqui e ele quis prestar... pra vir pra cá. E aí ele veio embora. **Então pra eu sair daqui, largar a faculdade, ir embora pra Matão com ele, que ele também tava fazendo faculdade lá, já trabalhava na prefeitura né, então era difícil.** Então nós resolvemos que eu iria ficar com os meus pais e ele lá, e fim de semana ele vinha pra cá. E depois, acabou que **fomos ficando**, ele se formou, né, e depois também não quisemos sair de lá da casa dos meus pais.”*

A família de origem de Cecília passa a constituir – e a coincidir – com o habitat interior da nova família. A casa de Alexandre, o filho que nasce, é a casa dos avós. O vínculo do casal não parece ter potência interna para competir com a força do grupo familiar de origem de Cecília, que verbaliza o quanto é difícil sair, e por fim, que não há o desejo de sair. Não de sua parte.

O desejo de sair parece soar como uma ofensa pessoal à família de origem de Cecília. A aglutinação defensiva demonstrada por esta família se reflete em várias falas que contam como o grupo foi se movimentando para tentar não perder de vista nenhum dos membros. As diversas migrações nas quais se engajaram estas pessoas foram, em grande parte, motivadas pela necessidade de se manterem aglomerados.

*“E eu, os meus pais já estavam morando aqui, porque meu pai tinha aposentado, veio embora pra cá, porque eu morava em república aqui, e eu não gostava muito de morar em república, já tinha passado com a fase assim, daquela vontade de morar em república, e eles vieram embora. E o meu irmão ficou viúvo, e depois abriu um concurso aqui e ele quis prestar... pra vir pra cá. E aí ele veio embora.”*

*“E eu já tava namorando, eu queria ir pra Matão, pra ficar mais perto dele [do namorado], aquela coisa adolescente né. E o meu pai topou, aí nós mudamos para Matão e o meu pai viajava todos os dias [para trabalhar].”*

*“O [irmão] que mora em São Paulo, ele fez Direito mas ele não gostou. Na verdade ele fez Direito porque meu pai impôs pra que ele fizesse. Porque foi assim, ele foi o primeiro filho que foi pra faculdade. E o meu pai tinha muito medo de o filho sair pra outra cidade, pra fazer faculdade, meu pai sempre foi muito protecionista, né. E essa super proteção dele, meio que, que, que prejudicou a carreira do meu irmão, que foi o primeiro né. E ele é do meio, aí foi fazer Direito. Ele pegou o diploma pro meu pai, e foi embora pra São Paulo fazer o que ele queria.”*

Parece que os filhos intermediários conseguiram, após algum esforço, destacarem-se do núcleo original e viverem suas próprias vidas, enquanto que a caçula e o primogênito permanecem fiéis à lei familiar transmitida transgeracionalmente – na medida em que não é conscientizada – que proíbe o afastamento da órbita das figuras parentais. Mas no caso de Cecília, a caçula, a lei foi tomada ao pé da letra, de forma que o novo casal e sua história adquirem contornos quase endogâmicos.

A mesma dinâmica da migração, agora tomada por um sentido negativo, vem a constituir o motivo pelo qual Cecília não quer repetir com Alexandre o que refere ter sofrido. A migração, que até então aproximou – ou manteve unidos – os membros familiares, é sentida agora como um movimento que separa e ameaça a família de rompimento.

*“O problema do Alexandre é a escola, pra gente ficar fazendo que ele acompanhe todo lugar onde a gente acaba passando, vai virar um rolo né? A cabecinha dele vai... E é bom que ele afirma num lugar, que ele tenha amigos né, que ele, que ele consiga assim esse parâmetro de cidade dele, não ficar morando... Mesmo porque eu sofri muito com isso. Meus pais mudaram muito. Eu cheguei com quase seis anos da Venezuela, totalmente alfabetizada já. Entrei numa escola em Ribeirão Preto...”*

*“Então minha adaptação não foi boa quando eu cheguei. Eu não falava nada em português, eu já lia e escrevia em espanhol. Então eu tive muita dificuldade, eu entrei pra um colégio de freira que era muito*

*exigente. Então eles, né, não tinham muito interesse em me ajudar, eles achavam que eu escrevia errado porque eu tinha algum tipo de problema mental, então viviam chamando os meus pais pra irem até a escola. E eu passei por várias avaliações, e meu pai ficava louco com aquilo, porque a professora implicava que eu não conseguia escrever ouro, eu escrevia oro. E ela não entendia que em espanhol era oro, ela falava que eu comia a letra né.”*

O nascimento de uma nova família exige o rompimento, pelo menos parcial, da simbiose com a família de origem dos membros daquele casal. Mas este movimento é ameaçador para Cecília e sua família de origem, de forma que ela se baseia em sua experiência pessoal, defensivamente, para não tirar o filho da cidade onde nasceu. Como se o fato de sair da cidade natal significasse não mais ter parada em cidade alguma, o que realmente ocorreu em sua família de origem.

A sina da migração, no ramo paterno da família de Cecília, parece ter relação com o envolvimento da família nas questões políticas do país de origem. O episódio da perseguição e prisão política do avô paterno de Cecília, bem como o desejo de que o filho seguisse a profissão da medicina, desempenham papel crucial no destino do pai de Cecília.

Percebemos o desvelamento de segredos da família de origem de Cecília pouco antes do encerramento da entrevista, numa verbalização um tanto complexa, que transcreveremos na íntegra:

*Entrevistadora – Vocês têm família na Venezuela ainda?*

*Cecília – “Tenho. Eu tenho três tias, a minha avó faleceu há dois anos. Tenho três tias e as primas eu não conheço. O meu pai não tinha uma relação muito boa com a família dele. Tinha mais com a mãe. As irmãs, não com ele em si, entre elas, elas eram muito distantes uma da outra né. Tanto é que a, uma irmã do meio fala pra ele, quando eles se comunicam né, que ela sabe mais do meu pai que está aqui, do que da irmã, que mora na mesma na cidade. As duas moram em Caracas. E depois a minha avó faleceu, eu acho assim que na verdade foi o falecimento de meu avô, **o meu avô foi preso político, enfrentou***



**aquela época assim dos anos 50, que a Venezuela era um país muito politizado, né, é um país muito assim agitado, tanto é que o, até o presidente que tá lá agora ele é todo assim né? Totalmente da esquerda. E o meu pai é também, o meu pai é assim, é Lula, é petista, ele assim tem, nossa, convicções políticas assim dele, ele odeia a direita, né, acho que o pai dele sofreu por conta disso, foi preso político por conta disso. Porque um tio dele é senador da república e o outro jornalista, então foram todos presos. ELE FOI EXILADO, né, então assim, e o pai dele quando ele saiu de lá pra vir estudar, o sonho do pai dele é que ele, né, fizesse mesmo, e ele passou lá. Só que lá, é um, é um país complicadíssimo, assim, a faculdade ficou funcionando só seis meses, porque, ele estudava na federal de Caracas, e medicina é um dos primeiros cursos que eles tentam mobilizar, eles fecham que é pra que a população sinta mesmo. Fecha hospital, fecha tudo. E aí ele não conseguiu, 'eu não vou conseguir me formar, eu vou embora pro Brasil', né. E quando ele veio pra cá ele conseguiu ir pra USP, fez uma prova, tal. E o sonho do meu avô que ele estudasse, né. E depois meu avô saiu muito doente da prisão, ficou muitos anos preso. Só depois que caiu a ditadura militar que ele... foi bem parecido com aqui, com os presos do Dops né, aquela coisa toda. Então, depois que caiu a ditadura militar que ele, que ele voltou pra casa, só que ele já voltou doente. Então meu pai tava no 3º ano de faculdade, chegou uma carta do consulado dizendo que me avô tinha falecido. Meu pai foi pra lá, perdeu aquele ano, ficou com a família. E isso a família acabou que, é, se distanciaram muito. Então as irmãs, entre as irmãs né. Então uma também casou com um político de lá, tudo. E a outra casou com um médico, e depois cada uma foi para um lado. E uma, é, o pai foi preso, ela tinha 12 anos. E ela acabou desenvolvendo uma esquizofrenia que não se sabe ao certo o porquê disso tudo, se é por tudo aquilo, polícia entrando dentro da casa deles, prenderam meu avô, né? Aquela coisa tudo, ela entrou em crise, ela entrou em pânico e a partir daí ela começou desenvolver sintomas muito próximos da esquizofrenia. Hoje meu pai consegue pensar, consegue pensar mais ou menos, mas na época todos adolescentes, eles não sabiam o que estava acontecendo com ela. Hoje ela é internada numa clínica de recuperação né. Então, a família, sabe, os bens acabaram ficando pra ela, pra manter ela né. Ela, esse lugar. E ficaram muito assim. E o meu pai não quis mais voltar pra lá, depois que veio embora. Ele não quis mais voltar, porque ele achava que ele ia voltar e tinha dificuldade... ele ia passear e tinha dificuldade em... então ele queria que todos os filhos fossem ficar inventando, aquela coisa que já não dava mais. Ele já tava na faculdade, tava em outra, tava em outra, tava em outra [cada um dos filhos em uma faculdade]. Então não tinha jeito mais de juntar todos os pontos né, que ele fala, que são os pintinhos dele né, e levar junto com ele. Já não tinha mais como fazer isso. Ele tava sozinho no ninho, né. E agora a mãe dele faleceu. E aí ele fala que não quer ir pra lá. Mas ele acompanha tudo o que acontece com a Venezuela, ele acompanha, ele lê jornal, internet, tudo ele quer saber. Ele é super politizado. E teve que levantar a bandeira e... Ele é bem assim mesmo. Então esses hábitos, essas coisas todas, eu acho que deixaram meus irmãos também, sabe, eles são todos assim petistas, são todos com convicções políticas também, sabe. Acho que eu que sou mais, ele fala né, que eu sou assim tanto faz, tanto fez, né. Interessada assim,**

*sabe? Ah, mas é a própria criação, porque eu já peguei uma, uma outra fase deles, que eles são mais sossegados, tal. Mas é isso aí. É uma família assim como todas as outras, mas com esses diferenciais né? De mudança, de vem e vai, de costumes, né, de outro país, tal. É então, e até eu tenho um irmão, que é o caçula, ele, ele foi pro Chile passear, conheceu, é, a minha cunhada hoje, que é argentina. Ela largou tudo lá, veio embora morar com ele, hoje ele é casado com ela né. **Eu também tenho essa coisa às vezes de país, de viajar, muito igual ao meu pai assim.**”*

O que ocorreu na família de origem de Cecília, que vem comprometendo de forma tão profunda o desenvolvimento de seu novo núcleo familiar? Algumas características da verbalização nos dão indício da existência de conteúdos transgeracionais não elaborados, tais como: a confusão na utilização do pronome masculino *e/ele*, tanto para o pai como para o avô, e às vezes mesmo para algum dos irmãos; a mistura entre os tempos do passado longínquo, passado mais recente e presente; e a omissão de informações.

Na tentativa de elucidar a trajetória em questão, e compondo com outros dados da entrevista, entendemos que a geração do avô paterno de Cecília envolveu-se em questões políticas de seu país, na década de 1950: avô (preso político), um tio-avô (senador da república) e outro tio-avô (jornalista). Na década de 1960, o pai de Cecília iniciou seu curso na faculdade de medicina, em Caracas, coerente com o desejo paterno. No entanto, o curso foi fechado, obrigando-o a buscar sua continuação no Brasil. No período em que cursava o terceiro ano da faculdade ocorreu o falecimento do avô de Cecília, o que motivou o retorno do pai de Cecília – então já casado e com um filho – para a Venezuela. Tudo indica que o curso de medicina do pai de Cecília foi concluído na Venezuela, já que ela aponta, em outro momento da

entrevista, que após dezoito ou dezenove anos eles voltaram para o Brasil. Terá sido esta volta um exílio?

Observamos que houve nessa família um trauma relacionado ao tema do exílio. Esta palavra é utilizada apenas uma vez em toda a entrevista, e em contexto um tanto confuso. Não fica claro se o exílio ao qual Cecília se refere teria acontecido na época em que o pai saiu para fazer faculdade, ou se foi o motivo desta segunda vinda para o Brasil, há vinte e um anos. Ou ainda, se o sujeito do exílio teria sido seu pai ou seu avô. Seria um auto-exílio, ou seja, teria seu pai saído do país buscando fazer o curso em outro lugar? Teria sido – seja o pai ou o avô – expulso de seu país de origem por forças maiores?

A palavra exílio, de qualquer forma, traz consigo a representação de uma migração forçada, e tal conteúdo fica evidente na história familiar de Cecília. As diversas idas e vindas consecutivas, entre países ou entre cidades, apontam para a desadaptação de pessoas ou famílias a um determinado lugar. Retirada a possibilidade de estar em sua terra natal, seja por vicissitudes sociais ou pessoais-emocionais, esta família não encontra mais parada no mundo. Qualquer outro local não é bom suficiente durante um longo período de tempo.

Mas, mesmo a terra natal só se constituía como o lar no passado, na época em que o avô de Cecília era vivo. Atualmente as tias de Cecília encontram-se espalhadas por Caracas, uma delas portadora de grave transtorno mental; sua avó faleceu, e seu pai vaga sem rumo pelo Brasil.

Não sem rumo totalmente, já que a família se move coesa, na tentativa de contemplar as necessidades de todos os membros através de sucessivas migrações. Este pai não volta mais para sua terra natal, já que sabe que não há possibilidade de carregar todos os “poítos” (pintinhos) junto com ele.

Vislumbra-se então a missão de Cecília em relação à família de origem, da qual ela não consegue se desincumbir:

*“O meu pai ele, ficou doente né, e precisou aposentar. E também ele já tava numa época de aposentar, porque ele tinha 62 anos e ele arrumava a mochilinha dele e fim de semana ele ia fazer plantão. Ele ia seis... Na sexta-feira, meio dia, e voltava na segunda-feira, ao meio dia. Tem dia que ele ia fazer plantão, quer dizer, e fazer outro, no pique né. E depois ele ficou doente e teve que parar, o médico falou que ele não podia mais trabalhar assim. E pra ele não ficar numa cidade pequena, uma cidade que não tinha nada pra ver, uma cidade né, muito pequenininha pra minha mãe também. Então ele resolveu, aí eu vim morar com eles, **aí tudo começou aqui em Araraquara, né.**”*

*Entrevistadora – Em Araraquara. Fixaram aqui e há quanto tempo vocês estão aqui?*

*“Desde... Eu, desde 96. E os meus pais, desde 98. Chegaram em abril de 98. Então, daí, eles mudaram dia 20 de abril. A minha cunhada faleceu dia 1º de maio, de 98. E o meu irmão veio pra cá em maio. Ficou de licença né, ele tava se recuperando do que tinha acontecido, e no fim de maio teve concurso, então aí ele ficou estudando e prestou concurso. E hoje ele é casado, tem os dois meninos e ficou por aqui mesmo”.*

Coube a Cecília promover um recomeço de vida para esta família exilada, que migrava de cidade em cidade, ou mesmo mudava-se de casa em casa, numa mesma cidade. A fundação de novas raízes para esta família foi desencadeada por fatores relacionados a Cecília, como a faculdade e o filho, mas complementou-se com a aposentadoria do pai, o falecimento da cunhada, a vinda de um dos irmãos e a qualidade de vida oferecida por Araraquara. Apesar dos outros fatores, Cecília parece se sentir responsável pelo bem estar proporcionado pela

estabilização da família, de forma que a possibilidade de formar seu novo núcleo familiar distinto é vivenciada como ameaçadora para o núcleo de origem.

Em seu dia-a-dia, Cecília repete a sina paterna de viajar, estar em trânsito, migrar. Na rotina de trabalhar numa cidade e manter a família em outra, mantém vivo o moto contínuo herdado, que começa a representar um sofrimento para ela.

*“Não dá pra ficar nessa escolha né, assim, tem que enfrentar. Enfrentar, com chuva, com sol, com temporal, né. Inclusive, o que, quarta? Terça-feira à noite nós voltamos, chegamos tarde já, chegamos às sete e meia da noite. Chovendo muito naquela estrada de terra, toda alagada, um barro, carro deslizando, parecia um rali, sabe? Nossa! E pra completar assim, um raio caiu do nosso lado, pegou fogo numa árvore, subiu uma bola de fogo, nunca vi um raio caindo numa árvore, e por pouco não cai no carro. Diz que o carro é isolado, com o pneu, né, tal. Eu falei, nossa, porque que né? Não passa essa chuva. É tão gostoso sair do trabalho, andar dois quarteirões e chegar na nossa casa, né?”*

Quando assume o sofrimento representado pelo deslocamento contínuo, o faz com o objetivo de resgatar seu pai dessa “maldição”, mas acaba por substituí-lo. Em alguns momentos verbaliza que o pai ficou “sozinho no ninho” ou “ficou longe dos pais” quando veio estudar, identificando-se com seu sofrimento.

A família de origem do pai de Cecília viveu a experiência da ruptura causada pela supressão violenta de pelo menos um de seus membros. O pai de Cecília, então, constrói uma família cuja dinâmica de evitação do trauma anterior tem como preço a proibição de sua filha formar seu próprio núcleo familiar. Dívidas antigas sendo resgatadas com vidas atuais.



Creusa e Sílvio retomaram a relação e ficaram noivos por dois anos, período no qual Sílvio veio para “São Paulo” procurar emprego. Casaram-se há 19 anos.

Sílvio chegou ao estado de São Paulo com 29 anos, no ano de 1986, e foi morar no município de Tarumã. A oportunidade de vir surgiu através de um convite de um primo que já trabalhava nesta cidade. Como Sílvio tinha experiência no trabalho em usina de cana-de-açúcar – já que exercia a função de caldeireiro na usina de sua cidade – conseguiu uma colocação na mesma empresa em que o primo era registrado.

Na cidade natal, Sílvio trabalhava durante seis meses na usina, e seis meses como trabalhador braçal na agricultura. Refere que não havia estabilidade, pois em certo período do ano a usina fechava as portas e demitia todos os funcionários, que eram obrigados a buscar qualquer tipo de colocação provisória.

Sílvio trabalhou por cinco anos em Tarumã, morando em Assis. Prestou então um concurso público em Assis e foi aprovado. Exerce, há quase 14 anos, a função de oficial de serviço e manutenção, em um órgão estadual. Tem como atividade complementar a de fotógrafo.

Dois anos após ter partido do nordeste, Sílvio voltou para se casar com Creusa e retornaram ambos para Assis, tendo engravidado do primeiro filho um ano após o casamento. A segunda filha veio a seguir. Hoje José Luís tem 16 anos e Sônia, 14; ambos são estudantes. O nome do filho homenageia ambos os avôs: José, pai de Creusa, e Luís, pai de Sílvio.

Creusa, que durante a vida de solteira no nordeste não trabalhava, chegou a empregar-se como faxineira em residências, logo que veio para Assis. Então passou a costurar, como funcionária de uma oficina que fazia cortinas. Mas parou quando nasceu o primeiro filho. Optou então por cuidar dos filhos e da casa, e não trabalhar fora, enquanto eram pequenos, pois tinha dó de deixá-los na creche. Desde então tem costurado em casa, feito algumas faxinas. Gostaria de conseguir um emprego onde fosse registrada, mas atualmente trabalha numa oficina de costura, onde tem uma retirada de salário flutuante.

A família tem como religião a evangélica, mas Creusa é quem mais freqüenta a igreja, três ou quatro vezes por semana, o que consiste em sua única atividade social, pois refere ser muito caseira. Sílvio parou de freqüentar igreja há cinco anos e refere como atividade social os bailes aos quais vai, atualmente em companhia dos filhos e, antes deles, de amigos, já que Creusa não o acompanha. Explica que tem muitas relações de amizade e que conhece a cidade inteira.

Visitam a família esporadicamente, pois o gasto com passagem é alto. Eventualmente são visitados por familiares e, nessas ocasiões, o familiar permanece por longo período, acabando por ser um peso para a família.

Expressam o desejo de voltarem a morar em Pernambuco. Sílvio pensa que talvez isso seja possível quando se aposentar. No entanto, refere que, quando volta, mesmo em visita, não reconhece mais ninguém e consegue ficar por lá pouco mais de uma semana. Sente que a migração foi positiva e refere estar bem adaptado.



Já Creusa sente desejo de voltar, pois não se considera bem adaptada e não acha que sua vida melhorou com a migração.

### **História das famílias de origem**

Os avós paternos de Sílvio são naturais de um pequeno município pernambucano, próximo à Caruaru, denominado por Sílvio de Lagoa dos Gatos.

Os avós maternos são do município atualmente denominado Jaqueira, mas que fazia parte da cidade de Maraial, no estado de Pernambuco, distante uma hora de viagem da capital Recife.

Desde que se lembra Sílvio, seus familiares – o pai (Luís) e avós – trabalhavam como mão de obra braçal em serviços da roça, como carpir ou plantar, em propriedades de outros.

Não possui outras informações acerca de sua família de origem.

Creusa não sabe informar a origem de sua família. Seu pai, de nome José, falecido, era natural de Maraial e trabalhava como encarregado das caldeiras na mesma usina que Sílvio, tendo sido seu chefe e seu instrutor.

A mãe de Creusa mora em Olinda. O ofício aprendido pelas mulheres da família é a costura.

### **Análise psicológica – Família Salviano**

Esta talvez tenha sido a mais diferente dentre as cinco entrevistas desenvolvidas para a pesquisa. Primeiramente, pelo fato do

encontro ter sido realizado na casa da família, a pedido de Sílvio. Também, porque estavam presentes todos os membros da família: além do casal, o filho e a filha foram convocados por Sílvio, assim que chegamos, para se sentarem na sala conosco. Mas, principalmente, devido à característica social e cultural da família, tão diversa das outras famílias entrevistadas, bem como da experiência da pesquisadora.

O procedimento de realização das entrevistas numa clínica, ou na própria universidade, tinha como objetivo desenvolvê-las em território neutro, já que investigaríamos a adaptação ao lugar, ao local para o qual migraram. Neste caso, embora tenhamos perdido esta neutralidade, consideramos o ganho no que concerne à espontaneidade da família.

Referimo-nos ao grau de pressão que atua na relação entre o pesquisador e o sujeito quando este pesquisador não compartilha da mesma cultura, ou situação social, que os entrevistados. Ou seja, pretendíamos nos aproximar da condição dos sujeitos, evitando sobrecarregá-los com a tarefa de se mobilizarem em nossa direção. Concretamente falando, era mais fácil que nos deslocássemos até a casa deles, do que eles ao local da entrevista. Dentre outros fatores, porque não fazem parte da rotina do casal as saídas em companhia um do outro.

Além do fato de se sentirem mais à vontade em seu próprio território, consideramos como vantagem a experimentação, por parte da pesquisadora, do ambiente familiar, na medida em que a vivência

daquele espaço propiciou, posteriormente à entrevista, uma compreensão mais profunda daquela família e de sua cultura.

No entanto, a identificação com essa família foi mais difícil do que com as outras. A vivência contratransferencial, mais mobilizadora -- ou melhor, imobilizadora -, comprometeu nossa capacidade de buscar informações, bem como de agir ante a dificuldade que representa uma situação menos isolada por um enquadramento. Um olhar posterior nos leva a pensar que poderíamos ter perguntado muito mais, investigado mais a fundo.

Tendo em vista tal viés, por que então consideraríamos vantagem ter ido à casa dessas pessoas para a entrevista? Devemos lembrar que existem diversos níveis de informação: verbal, comportamental, gestual, entre outros. Percebemos que a verbalização, no caso desta família, foi menos rica – no sentido de farta, detalhada, ou fluida – se comparada às outras entrevistas. Até então os discursos nas entrevistas corriam como que automaticamente. Pouco precisávamos interferir ou dirigir perguntas. A experiência desta vez foi diferente: as questões eram respondidas sumariamente, como se o resto da informação – ou do conteúdo da memória e do afeto despertados por aquela pergunta – permanecesse em latência. Silêncios se seguiam às respostas, muitas vezes curtas ou incompletas. Silêncios repletos de emoção, às vezes, de melancolia.

A linguagem verbal seria incapaz de transmitir a experiência daquela família? Ou a qualidade da verbalização retrataria uma forma de defesa frente às investigações de uma pessoa estranha? Não temos

como responder a tais hipóteses, mas o fato é que nos beneficiamos pelo acesso a outras linguagens. O conhecimento do espaço familiar concreto, a vivência do contato entre os membros familiares, o acesso a fotografias da terra natal daquela família e de seus passeios. Talvez o que outras famílias tenham nos contado, predominantemente pela linguagem verbal, esta família nos revelou através da vivência transferencial.

O clima da entrevista foi o de um evento especial para a família, no qual a convocação dos filhos representou uma demonstração de educação e de reconhecimento da importância da ocasião. Por outro lado, talvez tenha preenchido um hiato existente entre o casal, e fornecido substância, corpo, àquela família.

Frente à primeira pergunta – sobre como se conheceram – imediatamente retornam à terra natal e ao passado, que parece longínquo, porém tão presente. O “lá” e o “agora” se misturam, revelando o desejo de estar “lá agora”.

*Sílvio: “Ichi! É uma vida longa! (risos) Nós se conheceu lá na cidade onde a gente mora, que a gente somos do interior do Recife, cidade de Maraial, né. Agora, uma cidadezinha pequena, é, onde eu moro, agora se passou à cidade mesmo, chama-se Jaqueira e era do município de Maraial. Então... nós se conheceu assim, por acaso, assim, estudando, né, há muitos anos atrás, né... faz tempo.”*

A relação do casal, enquanto namorados, durou oito anos, com intervalos. Creusa era uma “moça de família”, filha do encarregado das caldeiras com quem Sílvio trabalhou. Não havia necessidade do trabalho da jovem enquanto solteira, já que o pai podia bem sustentar a família. Por outro lado, Sílvio vinha de uma situação social mais

delicada. Tinha que ganhar a vida por si só, numa condição bastante desfavorável quanto à oferta de serviço.

Uma conjunção de fatores parece ter movido Sílvio a optar pela migração: a busca de uma colocação melhor no mercado de trabalho, o convite do primo, que já trabalhava em usina no “Sul”, e, finalmente, a crise nos relacionamentos afetivos. Durante um intervalo no namoro, Sílvio teve um filho com outra moça, com quem passou a viver, por dois anos.

*Sílvio: “Quando eu vim pra cá, eu tinha largado da mãe dele, né? Tinha largado dessa aqui [Creusa] também, ficamos separados e morei uns tempos com a mãe dele [do filho]. Ela ficou grávida dele e quando tava com dois aninho aí eu vim embora pra cá. Aí eu já tinha voltado com ela [Creusa], já. Aí já tava noivo, né? Aí voltei pra cá e larguei ele lá com a mãe dele com dois ano. Eu vim embora, fico... passei 15 anos sem ver ele, não sabia onde ela [a mãe do filho] estava. Aí depois deram notícia, onde ele estava e eu encontrei. Fui lá encontrar com ele lá, 15 ano depois. Aí de vez em quando, quando eu posso eu vou lá visitar. Ele vem aqui também”.*

A migração de Sílvio parece ter um duplo sentido na união do casal de noivos. Por um lado os afastou por dois anos, passados ele no interior do estado de São Paulo e ela na terra natal: interior do estado de Pernambuco. Por outro lado, concretizou a finalização da relação afetiva com a mãe de seu filho, permitindo que Sílvio se casasse com Creusa.

Quanto à relação entre ele e o filho, a migração representou a interrupção deste vínculo por quinze anos. Numa atitude de fuga, desvencilhou-se de uma família para formar outra.

A relação entre Sílvio e Creusa sobreviveu à distância, que não havia sido prevista ou pensada enquanto casal, mas que teria sido fruto

da decisão de Sílvio de recomeçar a vida. Creusa se colocou de forma passiva, aceitando o noivo de volta e, ao mesmo tempo, sua ausência. Na realidade ela também tinha o sonho de migrar, que se realizou quando – dois anos depois – o noivo voltou para buscá-la. Ela se casou e migrou em companhia do marido.

Interessante como o ciclo de dois anos se repete na vida de Sílvio: interrompe o namoro com Creusa por dois anos, mora com a mãe de seu filho por dois anos, quando o filho tem dois anos ele abandona esta família recém construída, permanece noivo de Creusa por dois anos, migra para São Paulo, onde fica por dois anos até se estabelecer, busca Creusa e, após dois anos desse casamento nasce seu filho José Luís, e com o mesmo intervalo, nasce Sônia, a segunda filha.

O futuro prometia progresso para a nova família. Muito se falava das vantagens de São Paulo, com relação ao dinheiro, às possibilidades de emprego, à estabilidade. No entanto, a usina daqui, tal qual a de lá, funciona com trabalhadores provisórios, e demite dezenas de pessoas ao final das safras.

No início, Sílvio consegue uma colocação semelhante ao trabalho que fazia no nordeste, como operador de caldeira numa usina, em uma cidade semelhante à sua terra natal: Tarumã e Jaqueira, cidadezinhas cercadas por plantações de cana-de-açúcar. Com o tempo e com a dedicação ao estudo, consegue um trabalho melhor.

*Sílvio: “Lá mais limitado, com certeza. E aqui os estudos, você vê... cheguei de lá com a terceira série. Se fosse entrar agora na usina, não entraria porque não teria o segundo grau, primeiro grau. Graças a Deus terminei o primeiro, terminei o colegial todo aí, completo aí...”*

*Graças a Deus. Coisa que eu nunca esperava na minha vida era terminar o colegial. Se eu pudesse, fazia faculdade, mas não... Fazer o que, né? Ta bom demais da conta”.*

Creusa, sem experiência de trabalho, encontra dificuldades em conseguir um emprego onde seja registrada. E, privada da garantia social proporcionada pelo registro, a ocasião de gravidez e a situação de filhos pequenos representam desemprego. A qualificação de costureira, ofício aprendido em família, bem como a experiência em cuidar da casa, garantem-lhe algumas colocações temporárias, como costureira ou faxineira. Mas, sem vínculo empregatício, predomina a insegurança quanto ao futuro.

*Creusa: “Eu tinha muita vontade de vir, mas no final descobri que era ilusão pra mim.”*

Por outro lado, sem família na cidade e com filhos pequenos, Creusa tinha receio de deixá-los em creche. Observamos o quanto valoriza a presença junto aos filhos e como se mostra reservada. Não tem o hábito de freqüentar outros lugares, exceto a igreja, e parece insegura quanto aos ambientes exteriores à sua casa. Não se sente pertencendo a este ambiente do sul e, mesmo dentro de sua casa, o pertencimento é relativo, só sendo completo na terra natal, junto à família.

*Creusa: “Dezessete anos que eu estou morando aqui, sei lá, menina. Eu não conheço serviço certo, né? Eu queria um serviço registrado, mas não deu certo. Mesmo assim eu às vezes costuro em casa, um pouco lá no meu trabalho, tem vez que tem semana que eu recebo, tem semana que eu não recebo por causa que as mulher lá, coitada, elas têm pego muita roupa fiado, elas tomam muito prejuízo... E ela faz muito assim, ela costura muito bem, mas ela tadinha, não sabe dizer não pra ninguém, ela entrega muita roupa fiado. Vem a pessoa assim ‘eu vou levar, tal dia eu trago’ e não leva o dinheiro. E ela*

*também tem vergonha de ficar cobrando, é duro, né? Trabalhar fiado é terrível. Quem sabe um dia, né? Quem tem Deus tem tudo, né? Eu tenho fé em Deus e não tenho vergonha não.”*

Creusa vê frustrado seu sonho de progresso em “São Paulo”. Não tem a segurança de um emprego com registro. Não tem a família por perto. Permanece por anos sem encontrar com as pessoas com as quais se identifica e se vê valorizada. Vive numa cidade na qual não encontra referência familiar.

*Creusa: “Todos parentes é de lá, né? Eu só aqui, é terrível, é difícil... Eu não gosto! Esse negócio de morar aqui toda a sua vida, é terrível. Só tem um sobrinho dele que mora em Cândido Mota. Mais ninguém... Tinha uma irmã, mas ela ficou louca pra ir embora, por causa da mamãe. Faz mais de dez anos que ela veio.”*

Parece sentir uma grande solidão. Solidão da falta da família. Encontra na religião um ponto de apoio e deposita em Deus a esperança de um dia poder voltar à sua terra natal, próxima à sua família de origem. Mesmo seus filhos, aqui nascidos, são envolvidos neste sentimento de pertencimento ao lugar de origem da mãe.

*Entrevistadora: E a Sônia e José Luís, o que vocês acham?*

*José Luís: “Daqui? Ah, é legal, mas quando nós viajamos pra lá é melhor”.*

*Sônia: “Lá é melhor”.*

*Sílvio: “Eles gostaram de lá”.*

*Creusa: “Família. As praias, tal...”*

*Sônia: “A gente não conhecia. Os tios a gente não conhecia... a viagem foi legal... bonito lá. Diferente, bem diferente.”*

*Creusa: “Não [queria voltar] porque lá era melhor pra mim. As crianças também não queriam vir”.*

*Sílvio: “É, até os meninos não queriam vir embora, queria ficar pra lá”.*

A importância dos vínculos familiares difere entre Creusa e Sílvio, mas é indiscutível. Ambos são muito ligados às famílias de origem. Sílvio apresenta uma ligação mais amadurecida – já transformada pela



distância e pela idade – com seus parentes: preocupa-se com o que pode estar acontecendo com eles; como filho mais velho, com os pais, e deseja, quando da sua velhice, voltar à terra natal, como um conforto afetivo. Porém, isso não o impede de desenvolver novos relacionamentos na cidade onde agora é o seu lar, bem como de lutar por seu progresso aqui. Apesar de sofrer com a diferença cultural, entre outros fatores.

*Sílvio: “Lá é muito melhor. Os forrozão, carnaval, festa junina, é tudo diferente. Tudo, tudo, tudo. Festa de final de ano, final de ano tudo é diferente, nada mesmo se compara. Você chega aqui em São João, Santo Antônio, São Pedro, é a mesma coisa. Tem uma quadrilha num campinho, uma festinha ou uma quermesse num canto... Lá é festa direto mesmo. Por isso que o pessoal fala que nós é preguiçoso, mas não é. Trabalha, mas se diverte também.”*

*Sílvio: “Aqui o pessoal se diverte muito mais pouco, né? Porque o pessoal, o ritmo daqui, sendo pessoal daqui mesmo, tá acostumado com o ritmo daqui, o clima daqui. Mas quem é de fora não acostuma. Não é aquele ritmo da pessoa, né? Meu mesmo não é. Chega o tempo assim [das festas], olha nem parece.”*

Creusa já se encontra enredada num vínculo afetivo mais imaturo e paralisante com a família de origem. O sonho de voltar ao convívio dos irmãos e mãe impede que ela construa aqui o lar do novo núcleo familiar. Boicota o relacionamento com outras pessoas, sua socialização, exceto com os “irmãos” da igreja.

*Creusa: “Nada substitui a família”.*

Sílvio também quer voltar à terra natal, mas àquela terra a qual deixou.

*Sílvio: “... chega lá, quanta gente estranha que você não conhece. Não conhece mais, é. Pessoa que a gente conheceu novinho, molecada tudo casada, outros veio pra cá. Chega lá você não conhece ninguém,*

*só os velhos mesmo que eu reconheci. Dá um desespero pra vir embora, acho que é costume do pessoal daqui. É costume com o pessoal daqui. Ta aqui, dá vontade de ir pra lá; quando chega lá, eu passo 15 dias e fico louco pra vir embora.”*

*Entrevistadora: A Creusa também?*

*Creusa: “Não. Quero ficar.”*

Percebemos que o habitat interior daquela família ainda coincide com Jaqueira, Maraial, como dizem eles: “o interior do Recife”, mas para Sílvio, não a Jaqueira de agora, mas aquela que ele deixou há vinte anos. Hoje tudo mudou, as pessoas estão diferentes, mas mesmo assim é o lugar da família, o lar.

*Entrevistadora: E o que mantém vocês aqui?*

*Sílvio: “Pra mim é o serviço, né? Emprego, né? Se um tempo, aí... eu chegar a aposentar aí, eu acho que eu vou pra... Falta muito tempo ainda, nem dá pra pensar nisso aí... a vontade minha é de ir embora pra lá. Família tudo ta lá, né, então... A gente não sabe o que tá acontecendo lá, né...”*

*Entrevistadora: O que tá acontecendo?*

*Sílvio: “Num sabe o que acontece lá, né. A família, então... muito longe, né. Muito longe. A minha vontade é, sei lá, o dia que eu aposentar aqui, sei lá, ir embora pra lá.”*

A família e o lugar se misturam numa visão idealizada que não suporta o traslado para Assis. Quando alguns parentes vêm visitá-los acabam se tornando um peso, já que Sílvio acaba tendo que sustentá-los. A cultura de ajuda mútua funciona lá no nordeste. Na comunidade de origem, quem tem parente não passa fome, mas no sul tudo é conquistado com muito esforço, tudo representa gasto, as coisas mais simples devem ser compradas.

*Sílvio: “Se for ficar parado fica lá mesmo, né? Fica lá que também não tem despesa, nada. O que aparecer, come, e aqui não. Você morando aqui tem que dar uns pulos aqui se tem a comida, se não tem você tem que... se não tem o serviço como é que vai aparecer a comida, né? Fica difícil, sem ter nenhum parente, sem ter ninguém. É difícil. A*

*peessoa dá um jeito pra voltar, né? Eu também se não tivesse arrumado serviço aqui, nossa... se não arrumasse serviço aqui eu ia pra lá."*

As dificuldades da vida no sul não fazem parte do imaginário do nortista, que nunca veio para cá. A migração para o sul reflete um ideal de ego familiar, mais do que isto, um sonho que todos em sua terra têm, segundo Sílvio. Ideal partilhado pelo jovem casal que para Assis migrou.

*Sílvio: "De vir pra São Paulo, Rio de Janeiro, todo mundo tem o sonho. Eu acho que o Brasil todo aí, vixe... é que agora não está bom, mas de primeiro era bom aqui, né. Pelo que eu sei que me falaram. De primeiro, há vinte anos atrás, há 25 anos atrás, São Paulo era bom."*

*Entrevistadora: O que falaram pro senhor?*

*Sílvio: "Que todo mundo ganhava dinheiro, não tinha essa crise que tem agora. Todo mundo ganhava dinheiro, juntava dinheiro."*

Desenvolve-se então, com o tempo e o desenrolar dos acontecimentos, uma discordância entre o casal com relação a este sonho de futuro. Para Creusa esta ilusão foi frustrada: nada deu certo para ela, com relação ao trabalho, mas, além disso, parece que o elo filial à família de origem ainda tem um peso, que a impede de atualizar-se em pessoa adulta, ou de se ver imbuída do papel de esposa. Enquanto solteira, filha, protegida, não precisava trabalhar.

*Entrevistadora: E o que sonhava?*

*Creusa: "Ah, ter uma vida melhor aqui, né? Pensei que ela podia ser melhor, mas ficou pior."*

Já casada, mãe de família, envolve-se num movimento regressivo de volta à terra natal, de isolamento em sua casa, como que se lastimando pela condição confortável que este marido não pode lhe dar. Não assume a responsabilidade por parte da sustentação

financeira da casa porque, no costume da sua família, o homem é o provedor.

*Creusa: “Mamãe costurava, depois eu vendo a minha irmã mais velha costurar, aí aprendi. Eu fui no auxílio da minha irmã, aprendi com ela. Essa irmã também que voltou pra lá também costurava, eu também costuro. Agora não, largou mão de trabalhar, ela enjoou da máquina, o marido dela falou que não queria que ela mexesse com máquina mais não. Ferve muito a cabeça. Quando eu liguei pra ela da outra vez, ela falou que não mexia mais com máquina não. O Vanderlei não queria que ela mexesse com máquina não. Ta só cuidando das meninas. As três.”*

Para Sílvio as experiências são diferentes. Apesar de sentir falta da terra natal, compreende que através da migração conquistou condições que seriam impossíveis de serem atingidas se permanecesse em Pernambuco.

*Entrevistadora: O que o veio buscar aqui?*

*Sílvio: “Ah, era um emprego, né? Arrumar um emprego bom, trabalhar, casar e ter alguma coisa na vida também, né? Por que lá não ia adquirir nunca nada. Eu falei ‘lá, pode esquecer... pode sonhar... aqui já é difícil, quanto mais pra lá’. Não é fácil não. Todo mundo tem um sonho, vim aqui pra ganhar alguma coisa, né?”*

*Entrevistadora: Acha que conseguiu o que veio buscar?*

*Sílvio: “Eu acho que sim. Eu consegui os meus estudos, consegui umas boas profissão, casinha pra nós morar... não estamos bem de vida, mas tem um carrinho véio pra andar...”*

*Entrevistadora: E a Creusa, conseguiu o que queria?*

*Creusa: “Ficou no mesmo, né, como eu falei pra você. Trabalhava com costura e até agora... não consegui o que queria mesmo porque não trabalho registrada, né? O meu sonho é esse, mas eu continuo, quem sabe um dia, né? Eu não tenho essa idade, mas Deus faz o impossível, né? Pode abrir uma porta pra gente trabalhar, confio muito nisso, tenho fé em deus. Deus pode realizar meu sonho. Mas que é difícil hoje a vida, é, né? (?) Seja o que Deus quiser.”*

Os sonhos não são compartilhados. Uma nova cultura, formada pelo entrelaço entre os valores de ambos os membros do casal não se sedimenta. Creusa se agarra aos valores paternos: a casa, a família, a religião, a costura. Sílvio permanece com seus costumes: amizades,

bailes, o gosto pelas festas. A tensão permeia o relacionamento do casal: ela quer voltar, ele quer ficar. Durante a entrevista o conflito se manifesta sutilmente em diversos momentos, como por exemplo.

*Creusa: “Muito bonito Recife, nossa!”*

*Sílvio: “Mas tem muito pobre lá.”*

Surgem relatos de parentes que migraram e mitos sobre a infelicidade e doença relacionadas à migração, de parte da família de Creusa. O próprio pai de Creusa foi transferido para a Bahia, para trabalhar na usina de lá, há doze anos aproximadamente. Após dois anos de trabalho, pegou uma gripe que virou pneumonia, vindo a falecer por essa causa. Segundo Creusa, ele não gostou da migração e não se adaptou ao novo lugar de moradia, pois ficava longe da família.

Houve também o caso de um irmão que migrou para o sul e sofreu de meningite, tendo que retornar ao nordeste. A irmã de Creusa migrou, também para Assis, junto com o marido. E apesar de seu cunhado estar com emprego fixo, sua irmã não suportou a distância da família de origem.

*Sílvio: “[O cunhado de Creusa] Tava empregado.”*

*Creusa: “Trabalhava na Cristalina.”*

*Sílvio: “Trabalhava na Cristalina e resolveu sair pra ir embora, por causa da irmã dela que queria ir embora, né? E foi embora.”*

*Entrevistadora: Quer dizer então que não é porque não tinha emprego?*

*Sílvio: “Não, ele tava trabalhando. Era questão dela [irmã de Creusa] querer ir embora mesmo. Ela queria ir embora. Eu não faria isso, não. Agora tá... Não sei se ele tá empregado lá, se está desempregado...”*

Observamos a existência de um conteúdo relacionado a uma herança familiar, no caso da desadaptação de Creusa no processo

migratório. Parece haver uma proibição familiar envolvida nesta migração. Todos os que vieram e voltaram são da família de Creusa. Com que intensidade será que ela desejou que seu marido agisse como o marido da irmã, e optasse pela volta?

Não que Sílvio não fosse ligado à sua família de origem: era quem sustentava os pais e, para estes, bem como para os pais de Creusa, a migração do casal representou ruptura e distanciamento afetivo.

Todavia, Sílvio ainda sustenta esse ideal de ego relacionado à migração, sabendo que a permanência aqui representa a garantia de uma melhor condição de estudo e trabalho para os filhos. Vislumbra os ganhos e as conquistas. Aceita – não sem sofrimento – o ônus da migração em prol de suas vantagens. Sílvio completou o segundo grau, possui uma casa, que ainda está sendo paga, um automóvel, um emprego público vitalício.

*Sílvio: “Não sei, acho que é melhor aqui [para as crianças]. Porque lá não vai ter nada, aqui pelo menos fica sendo aqui, estudando aqui.”*

*Creusa: “O estudo lá é diferente. Mais fraco.”*

*Sílvio: “Pra frente vai ter alguma coisa, né? Quem sabe... quem sabe um estudo melhor, quem sabe arrumar um emprego melhor. A esperança lá de 10, a nota é 2, 3.”*

O pai de Sílvio cortava cana, trabalhava na propriedade da usina. Sílvio também era trabalhador braçal, mas aprendendo o ofício de caldeireiro, teve acesso a um posto de trabalho no interior de São Paulo. Conquistou então a estabilidade e a segurança de um cargo público, numa função onde as condições de trabalho são bem melhores. Nesse caminho, no qual se forma a identidade deste

trabalhador, encontra-se a marca da migração, como evento que garantiu a sobrevivência, a formação da família e a expectativa de um futuro mais digno para seus descendentes.

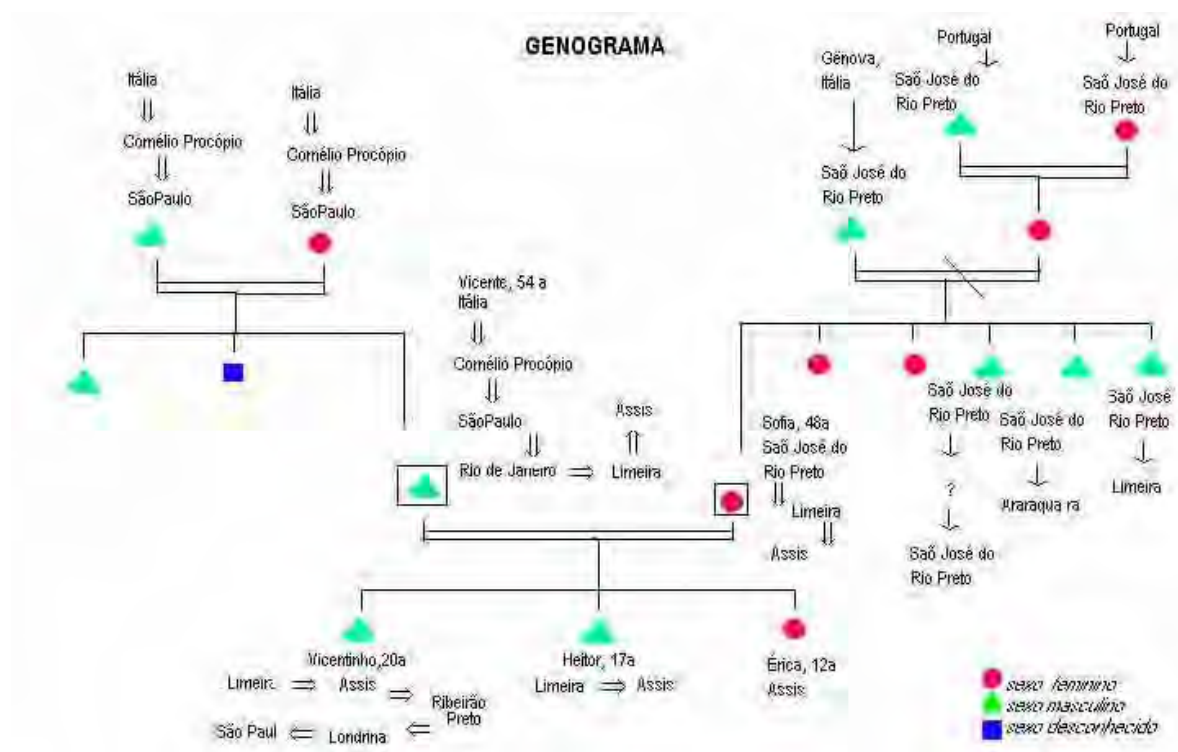
Uma das últimas frases ditas por Sílvio – ao mostrar as fotos da viagem da família, de volta da visita à terra natal – revela simbolicamente a dinâmica psíquica envolvida na migração e no desenvolvimento da vida de Sílvio.

*Sílvio: “isso aqui que eu falei pra você, ó... as criancinhas trabalhando. Não sei se você já viu essa reportagem que passou na televisão, na Rede Record, as crianças trabalhando, tapando os buracos nas estradas pros carros passarem e elas poderem ganhar dinheiro.”*

A estrada como metáfora do processo de migração e da própria vida encontra-se repleta de buracos – sofrimentos, frustrações, decepções – que devem ser consertados minimamente, para que se possa seguir viagem. E Sílvio revela possuir recursos para continuar neste caminho, representados pelas crianças, que tampam os buracos para poder ganhar dinheiro.

Resta saber se Creusa suportará, com o auxílio da religião – ou transformará de alguma forma criativa –, seu desígnio familiar de retornar à terra natal.

## 5 - A família Negrete



Data da entrevista: 18/07/2005

### História do núcleo familiar atual

Sofia, 48 anos, comerciária, e Vicente, 54 anos, engenheiro, conheceram-se quando trabalhavam na mesma empresa em Limeira: ela como estagiária dele. Namoraram por oito meses e se casaram, há 23 anos.

Sofia é natural de São José do Rio Preto, de onde saiu para fazer faculdade em Limeira, cidade onde residia seu irmão mais velho. Após o casamento continuou morando naquela cidade por nove anos.

Vicente é natural da Itália, tendo migrado para o Brasil com quarenta dias de vida, para onde seus pais vieram em busca de emprego na agricultura. Como a condição da região designada para a



família – Cornélio Procópio, interior do Paraná – era muito precária, resolveram voltar para São Paulo e lá se estabeleceram, desenvolvendo atividade de comércio. Vicente fez faculdade em Taubaté e, já formado, migrou para São Paulo, Rio de Janeiro e Limeira, sucessivamente, em busca de melhores oportunidades de emprego.

Com o casamento, Sofia, que havia sido efetivada na empresa, teve que sair, pois não podia ser subordinada do marido. Logo no primeiro ano de casamento ficaram grávidos de Vicentinho. Quando este filho encontrava-se com dois anos e meio, Sofia abriu um comércio. Veio o segundo filho, Heitor, cinco anos mais novo que o primogênito.

Em torno do décimo ano de casamento, Vicente foi demitido da empresa na qual trabalhava, passando algum tempo desempregado. Surgiu uma proposta de trabalho na região de Assis, em função do quê a família migrou para esta cidade.

Inicialmente, Vicente transferiu-se sozinho, pois Sofia estava grávida da terceira filha e tinha seu negócio para administrar. O projeto da família era que o marido permanecesse em torno de um ano na nova cidade, período no qual se firmaria no emprego, procuraria uma casa e sondaria as possibilidades da cidade.

No entanto, Sofia refere que a situação ficou insustentável, já que o novo emprego do marido exigia muito, de forma que Vicente trabalhava inclusive aos sábados, quando então se locomovia quatrocentos quilômetros até Limeira, para retornar no domingo à noite,

quinzenalmente. Os filhos sentiram falta do pai e Sofia se sentia insegura para cuidar de dois filhos e levar adiante a gravidez.

Quatro meses após a vinda de Vicente, Sofia e os filhos migraram definitivamente para Assis. A adaptação de Sofia foi muito difícil: parou de dirigir, sentiu-se insegura, não gostava da nova residência. Mudaram-se de casa por cinco vezes, até que construíram sua própria casa, o que contribuiu para uma melhor adaptação de Sofia.

Começaram a ter contatos sociais a partir da escola das crianças. Fizeram vínculos de amizade especialmente com dois casais, também migrantes, os quais posteriormente voltaram para as cidades de origem.

Encontram-se em Assis há 12 anos e consideram ter se adaptado e superado as dificuldades iniciais. Vicente permanece na mesma empresa, Sofia atualmente gerencia uma loja. Um dos filhos saiu para fazer curso pré-vestibular em Ribeirão Preto, onde não se adaptou, devido à grande distância da família. Transferiu-se para Londrina e atualmente faz faculdade em São Paulo. Os dois filhos mais jovens estudam em Assis, ainda no primeiro e segundo graus.

Não descartam a possibilidade de emigrar de Assis após a aposentadoria, ou quando os filhos saírem de casa. Referem gostar de cidade praiana e pensam em migrar para Santos, onde ficariam mais próximos dos filhos e da capital.

### **História das famílias de origem**

O pai de Vicente, de origem italiana, foi prisioneiro de guerra na Inglaterra por oito anos, na ocasião da Segunda Guerra Mundial. Voltou para a Itália e em seguida migrou para a Bélgica, onde conheceu e se casou com a mãe de Vicente. Migraram para o Brasil, com a intenção de trabalhar na cultura do café, em Cornélio Procópio, interior do estado do Paraná. Passaram dez meses nesta região, mas por falta de melhores condições de vida, retornaram para São Paulo. Na capital estabeleceram-se como comerciantes, tiveram mais um filho e uma filha, e de lá não mais saíram. Atualmente a mãe de Vicente, bem como os irmãos ainda residem na capital, e seu pai é falecido.

Os avós paternos de Sofia eram naturais de Gênova, na Itália. Seu pai nasceu e passou parte da infância naquela cidade, vindo a migrar para o Brasil aos treze anos. Ela não sabe relatar o que levou esta família a se estabelecer em São José do Rio Preto, mas foi onde seus pais se conheceram, casaram e tiveram seis filhos. Seu pai abandonou a família quando Sofia tinha quatro anos de idade, de forma que ela não tem muito contato com a família de origem do pai, nem mesmo com o próprio.

Os avós maternos de Sofia eram de origem portuguesa e migraram para a região de São José do Rio Preto para trabalhar na lavoura. Sua mãe veio a nascer já nesse município, e lá tem passado toda sua vida. Três dos cinco irmãos moram em São José do Rio Preto. O irmão mais velho mora em Limeira e ela tem outro irmão, residente em Araraquara.

## **Análise psicológica – Família Negrete**

Esta entrevista parece ter representado, principalmente para Sofia, a retomada de conflitos antigos, porém não completamente elaborados. Conquanto Vicente sugerisse inicialmente que a entrevistadora fizesse as perguntas, Sofia já se mobilizara no sentido de tentar explicar seu sofrimento ligado à migração, antecipando em que medida a entrevista teria para ela um efeito, no mínimo, catártico.

*Vicente – “É mais fácil ela fazer as perguntas e a gente responder, depois a gente vai estar falando coisas que pra ela não interessam né?”*

*Sofia – “Não, tem que ter um antecedente para ela saber o porquê né, de sofrer tanto quando eu vim pra cá!”*

*Vicente – “Tá parecendo uma terapia aqui!”*

*Sofia – “É, fiz terapia aqui.”*

São as frases finais da entrevista, que demonstram como, ao final, ambos ficaram mobilizados. O fato é que o processo migratório dessa família implicou num grande sofrimento – principalmente para a esposa e as crianças – que levou algum tempo para ser superado, como descreveremos a seguir. E, neste momento de vida da família, o tema migração se reatualiza, já que é a fase em que saem de casa os filhos – adolescentes ou jovens adultos – com a finalidade de prosseguir os estudos numa cidade maior.

Aproximamo-nos de uma família que – ao contrário dos outros núcleos familiares entrevistados para esta pesquisa – não tem a migração apenas como parte de sua história de vida, mas também como uma experiência atual. A vivência da saída dos filhos vem a gerar a construção de um projeto migratório para o futuro, pois têm clareza

da conseqüência do processo em andamento, isto é, que, em breve, estarão sozinhos enquanto casal, já que cada filho terá seguido seu caminho.

*Vicente – “É, e esse processo, por causa agora, imigratório ou emigratório, depende da referência, ele deve continuar porque, com certeza nós não vamos ficar muito tempo aqui em Assis também não, né, porque...”*

*Entrevistadora – Por quê?*

*Vicente – “Porque o Heitor no ano que vem vai fazer faculdade, vai fazer cursinho, vai pra faculdade e não vai ser aqui. Daqui a pouco a Érica também vai fazer faculdade, e nós pô, a gente não vai ficar aqui.”*

*Sofia – “É, nosso projeto de vida é morar na praia, lugar sossegado e um lugar que tenha uma estrutura né, que nós vamos estar mais velhos. Temos que pensar nisso né, que tenha estrutura, hospital, essas coisas. Mas num lugar que a gente tenha uma qualidade de vida melhor do que aqui, em termos de lazer né, coisas pra fazer. E não muito longe deles, porque a hora que a gente tiver saudades a gente vai ver. Então eu acho que daí de novo é a família. **A gente acaba vivendo em função deles.**”*

Sofia aponta a ligação entre a questão da migração e a manutenção da integridade da estrutura familiar. Em função da família, refere ter vindo para Assis: Vicente recebeu uma proposta de trabalho na região e migrou para a cidade, ainda sem saber se a mudança teria caráter definitivo ou não. Os planos consistiam em fazer um processo gradativo de mudança familiar. No entanto, Sofia e as crianças não toleraram o distanciamento – mesmo temporário – da figura do pai e marido. Para Sofia, o afastamento do marido significou uma ruptura da unidade familiar, a qual possivelmente a remeteu à vivência infantil, de abandono do lar por parte de seu pai.

*Sofia – “... eu falei ai meu Deus, que que eu tô fazendo aqui sozinha? O que que é isso, não é isso que eu quero. Então aí eu cheguei... liguei pra ele e falei: pode ver escola aí, casa, que eu vou embora! ‘Que que aconteceu?’ Eu falei: não, eu não quero, **eu não sou viúva, eu não sou separada** pra ficar sozinha!”*

Vicente veio sem ter a dimensão da desestabilização afetiva que causaria na família. Para ele – cuja história de vida estava repleta de processos migratórios –, tudo sempre havia sido muito tranquilo.

*Vicente – “Então eu me adapto muito fácil, em todos esses, eu me adaptei muito fácil, em todos esses lugares que eu fui. Não passei nenhuma dificuldade, nem, nem dificuldade em me relacionar com as pessoas e muito menos com o lugar, eu não me apego muito ao lugar né. Se hoje eu tiver que sair daqui pra um outro lugar, também eu acho que provavelmente vai ser exatamente o mesmo. Só que antes da mudança pra cá, quando eu fazia todas essas mudanças e era solteiro, então eu não sentia tanto o reflexo da mudança. Só passei a sentir esse reflexo depois que nós viemos pra cá, porque ela, por tudo que ela contou, sempre tem uma participação, mesmo porque a gente não sinta o que ela sentiu, eu senti a reação dela. E isso era muito desconfortável pra todo mundo, porque tinha discussão, tinha bate-boca, porque eu não conseguia entender o, o, a insegurança dela, a gente não consegue entender o que a outra pessoa tá sentindo porque a gente não tá passando por isso.”*

O processo migratório de Vicente apresenta semelhanças com o de sua família de origem. Ambas as situações foram desencadeadas pela busca de emprego: seu pai, no pós-guerra, partiu da Itália com a promessa de trabalho e terras no Brasil. Chegando aqui, a mãe de Vicente não se adaptou à falta de estrutura do campo. Vicente também saiu de Limeira desempregado, em busca de uma colocação numa cidade menor, e sua esposa também não se adapta.

Sofia já havia apresentado dificuldade em emigrar de sua cidade de origem, na época da escolha da faculdade: sua primeira opção teria sido estudar num município próximo e continuar morando na casa da mãe, mas acabou por desenvolver seus estudos em Limeira, devido às contingências do vestibular. Mesmo assim, podia contar com o apoio do irmão mais velho, que residia naquela cidade com sua nova família. Refere relutância de sua parte em migrar para Limeira.

*Sofia – “Tanto que no dia que saiu [o resultado do vestibular], meu irmão que foi ver e chegou todo feliz: ‘Você passou!’. Eu falei: não, mas eu não vou mais estudar, não vou. Ele falou: ‘Você vai, vai fazer sim!’ Então é...”*

É marcante como a experiência da saída de um dos membros, ou a sua própria, causa em Sofia angústia ligada à fantasia de esfacelamento familiar. A defesa mobilizada – no núcleo familiar de origem – frente à partida do pai, parece ter sido a aglutinação, ou seja, a intensificação dos vínculos entre as pessoas que restaram:

*Sofia – “Nós somos em seis irmãos, eu sou a caçula temporona né, eu nasci em, a diferença entre meus irmãos é grande, tem, do meu irmão mais velho são 16 anos. Pra minha irmã são 13,... Então a gente sempre, meu pai nos abandonou quando eu tinha quatro anos, então a gente ficou assim, eu fui criada pelos meus irmãos mais velhos. Pela minha irmã também. E então **a gente sempre esteve muito, muito grudado, muito junto mesmo** né. Tivemos uma vida difícil, de privação até. Minha mãe não tinha dinheiro, então os mais velhos né, aqueles que já estavam trabalhando, foram criando os mais novos, e **a gente sempre foi muito grudado, muito, ficava muito junto**. Talvez daí é que vem que a gente sempre quer estar perto, estar participando.”*

Entretanto, essa intensificação defensiva dos vínculos não parece ter se transformado ou evoluído para uma elaboração criativa do legado do abandono, de forma que novas vivências migratórias, ou partidas por quaisquer motivos, dos membros familiares, são vividas como rupturas de vínculo, ou seja, como novos abandonos. Assim, podemos observar como o conteúdo – transgeracionalmente transmitido – referente ao abandono paterno vem a refletir na vivência de Sofia em relação à migração do marido.

*Sofia – “Então o Vicente saía pra vir pra cá, ele [Heitor] se deitava no tapete da sala de TV assim e chorava, chorava, chorava, chorava né. Aí era uma situação que assim, não dá né, você tá com dois, daqui a pouco vai nascer mais um, sozinha lá, a pressão da família também*

*que eu tinha que vir pra perto dele. E também é difícil né, é uma coisa que não dá pra se sustentar. Eu me sentia insegura.”*

Pressionada pela dissociação entre o lugar conhecido – onde havia sido construída toda uma vida familiar – e a vinculação afetiva com o marido, Sofia viveu a necessidade de fazer uma difícil escolha, num momento delicado como é o de uma gestação.

*Sofia – ... “mas aí a princípio a minha primeira reação foi dizer que eu não vinha de jeito nenhum.”*

*Sofia – “Agora, nessa mudança, alguém tem que abrir mão de alguma coisa, né?”*

E ela abriu mão, com dificuldades, do espaço familiar construído em Limeira.

Limeira representava o lar de seu casamento e de seu novo núcleo familiar. A conjunção entre o vínculo exogâmico com o marido e a manutenção da forte ligação com a família de origem, atualizada com a família de seu irmão. Onde desenvolveu uma atividade profissional (rotisseria) mais ligada à sua vocação ou opção original (engenharia de alimentos), do que aquela na qual se graduou (engenharia elétrica). Em Limeira, morava na casa de seus sonhos.

Interessante apontar a forte – porém inconsciente – ligação de Sofia com o espaço familiar concreto. Essa ligação aparece em muitos momentos do discurso e reflete uma dificuldade de internalização do vínculo familiar, uma fragilidade do corpo – do habitat interior – dessa família.

*Sofia – “Então aí a gente veio, mas foi difícil, o primeiro ano pra mim foi terrível, foi assim muito duro. Então, larguei tudo né, perdi, **perdi o***



**chão.** Fiquei em parafuso. Fiquei muito insegura, totalmente, **parei de dirigir**, ele que dirigia pra tudo quanto é lugar, na estrada, eu tinha medo de levar o carro, tinha... Ele saía pra viajar eu ficava no portão chorando igual criança. Então, morria de medo que, muito medo, um medo muito grande de que acontecesse alguma coisa com as crianças. Uma insegurança total, né. Então eu chorava todos os dias. Eu deixava as crianças na escola, depois eu vinha, **ficava andando de carro pela cidade chorando.** Eu não via perspectivas né, fiquei assim, muito mal. Aí depois eu me envolvi com a mudança, uma casa, aí **saí da casa dos meus sonhos** [em Limeira] né, fui pra uma casa que a gente conseguiu comprar...”

Sofia – “... então a gente comprou, mas era uma casa antiga, **eu não gostava da casa. Eu queria ficar em todo lugar, menos na minha casa.** Nós mudamos tantas vezes...”

Vicente – “Cinco”.

Sofia – “Em quatro anos. Em quatro anos nós mudamos cinco vezes.”

Entrevistadora – Aqui em Assis, mudando de casa?

Sofia – “Até que compramos o nosso terreno aqui e construímos, aí foi a minha casa. **Aí a minha casa, o nosso teto.**”

Sofia – “Aí deixei de alugar nossa casa de Limeira, porque eu sempre tive em mente né: **qualquer coisa é só voltar pra lá.** Aí no final do primeiro ano eu falei pra ele, eu não vou mais ficar aqui, não agüento ficar, não quero, eu vou embora.”

Sofia – “... quando a gente ia pra Limeira, na volta quando a gente assim, estava saindo da Castelo eu começava a chorar. Dava uma tristeza em mim, as crianças não percebiam mas **eu vinha já chorando, de desespero de ter que vir pra cá né.**”

Sofia – “E eu acho que isso [o sentido de família] você só consegue se tiver perto, eu acho”.

A distância espacial concreta aniquila o sentido da família, que é estar perto, colado, junto. Desta forma ela entende seu sofrimento, ansiedades, “neuras” como estando ligados à ruptura de um elo familiar originário, mas avalia ter valido à pena pela possibilidade de consolidar seu núcleo familiar atual. E tal consolidação iniciou-se justamente pela construção do espaço físico para esta família.

A construção de uma casa concreta, um lar, na cidade de Assis, representou para o casal o início do processo de aceitação da cidade. Agora eles tinham um canto deles nesta cidade. Um lugar nesta cidade

pertencia a Sofia e sua família, de forma que ela podia então começar a pertencer a Assis.

*Sofia – “E depois de mudar pra **nossa casa**, aí as coisas pra gente começaram a mudar”.*

*Vicente – “É que as pessoas se identificam mais a hora que tem o canto delas, tem o canto próprio né?”*

*Sofia – “É, porque **eu não me achava parte...**”*

*Vicente – “Elas conseguem ficar mais seguras, é, acho que é isso né, conseguem enxergar naquele lugar, um lugar mais, é, agradável pra ficar, porque passa a ser um novo sonho né, porque a gente construiu aquela casa, desde o projeto, não é que a gente comprou a casa pronta, ou em construção. Nós ajudamos a projetar a casa. Então você fala, eu quero a casa desse jeito, então eu acho que você começa a ter uma nova perspectiva de vida, uma nova, é, uma nova razão de você estar vivendo naquele momento, né. Então isso também ajudou né?”*

*Sofia – “É, aí eu comecei a ficar mais **segura** né, gostar de ficar na minha casa. Eu acho que a casa na realidade representava a **segurança da família**. Não porque as outras casas não eram como eu queria, é que eu estava insegura. Então, acho que pra qualquer lugar que eu fosse, eu não ia me identificar, não ia ser... Eu não ia sentir a segurança da casa, **o seu porto seguro, o seu lugar**. Então depois né, de construir a nossa casa aí você vai mudando, você vai também tentando, assim tentando olhar os pontos positivos do... né, aprender a gostar, das coisas da cidade, as pessoas né, fazendo novas amizades. Então **começar a olhar a cidade, o lugar, com outros olhos né.**”*

O ponto de vista de quem está protegido minimiza a ansiedade com relação ao desconhecido. Sofia deixa de ser a estrangeira numa terra inóspita, o que a libera para colocar em ação novos recursos adaptativos àquela situação, como fazer um curso, ou desenvolver novas amizades, que seriam então como que substitutos dos familiares distantes.

*Vicente – “E nós não tínhamos [em Assis] um outro canal que era o canal da família, que é assim um canal preferencial, onde você se afasta do restante e direciona tudo pra família. E nisso você tem razão. Em Limeira não, em Limeira, nós e a família do irmão dela, certo? Nós estávamos sempre juntos. Então sobrava pouco espaço pra outras amizades.”*

Fazem amizades com famílias que se encontram também em situação de migração. No entanto, aquelas pessoas, com quem se identificam e se aliam, não têm sucesso em seu processo migratório e retornam à terra natal, deixando-os novamente órfãos de família, de pertencimento a uma comunidade.

Durante a entrevista Sofia aproveita a oportunidade para reavaliar a migração para Assis e o sofrimento pertinente ao processo: questiona indiretamente a decisão do marido em relação à migração, refere tê-lo culpado por toda a dor que sentiu, imagina como teria sido se ela tivesse resolvido por retornar a Limeira. Conclui, enfim, ter permanecido na nova cidade em função da família, para não separar pai e filhos.

*Sofia – “Apesar de eu não ter tido, de meu pai ter feito muita falta, talvez eu hoje entenda que a minha opção de ficar aqui também teve de estar nisso, **eu não quis privar os meninos da companhia do pai**, que né, muito presente, muito importante, que **ele fez muita falta**. E eu tive muito carinho, muito amor pela minha mãe, por meus irmãos, por minha família. Eu acho que a relação de amor e de afeto pra mim é a mais importante, talvez por isso que eu sofra cada vez que tem né, que se separar”.*

Nesta fala coexistem passado e presente de forma que os filhos que sofrem com a falta do pai são tanto Vicentinho e Heitor, como Sofia e seus irmãos. A tentativa de superação das dificuldades advindas da migração para Assis significou algo mais para Sofia: o embate psicológico com o legado herdado. O sucesso do processo migratório representa para ela a vitória no confronto com o complexo familiar não elaborado.

Alguns indícios, entretanto, apontam para o fato desta tarefa permanecer incompleta e ainda ser fonte de sofrimento para esta família, inclusive para a nova geração. Atualmente esta insegurança emocional se reflete no sintoma do filho Heitor, que sofre de Síndrome do Pânico. Há alguns anos o filho mais velho não conseguiu morar numa cidade distante para fazer curso pré-vestibular, tendo que se transferir para um centro mais perto de Assis.

*Sofia – “O dia que ele chegou, ele me abraçou e falou: ‘mãe, aqui é o meu porto seguro, não dou conta de ficar lá sozinho’. Eu falei: filho, eu tenho uma concepção, que eu acho que você tem sempre que ficar próximo de casa, você vai ficar seguro, se se sentindo bem, você vai ter um desempenho muito melhor do que você ficar lá, naquele, com aquela baita estrutura sem conseguir estudar.”*

A postura materna ainda é ambivalente em relação aos filhos e eles se identificam com essa insegurança. Sofrem a reverberação ainda daquele abandono não elaborado.

*Sofia – “Os sentimentos são tão ambíguos, ao mesmo tempo que você quer que o filho esteja perto, você quer também que eles vençam né, a barreira de andar sozinhos, de se virar sozinhos né”.*

Observamos a diferença entre o olhar da mãe e o olhar do pai sobre os filhos. O pai tem como superado aquele momento inicial de insegurança de Vicentinho, e acredita que Heitor há de vencer sua doença.

*Sofia – “Emocionalmente, pronto, o resultado foi positivo [para Vicentinho]. Agora o Heitor diz que vai também, vamos ver.”*

*Vicente – “Ele quer ir né.”*

*Sofia – “Ele quer ir, eu torço pra que ele vá.”*

*Vicente – “Quer ir, quer ir, então tá bom. Tem que ir, o problema é que tem que ir, não tem outra alternativa, tem?”*

*Sofia – “Eu sei, mas ele precisa ir com, né...”*

*Vicente – “Determinação”.*

*Sofia – “Não, não, ele precisa estar bem, crescer”.*

*Vicente – “Mas se ele está querendo ir, já é um passo, não é, não é verdade? Está partindo dele querer ir né.”*

*Vicente – “A gente percebeu que ele [Vicentinho], ele é mais seguro né. Então eu acredito que hoje ele vá pra qualquer lugar, ele vai sentir tranquilo. Com saudade, voltar pra casa, tal, mas sem aquele, aquele medo da insegurança, de não querer ficar fora de casa.”*

*Sofia – “Ele tem assim é, tudo que é novo pra ele, a princípio ele teme. Eu não se é insegurança mas ele, é, é, é difícil pra ele lidar com o novo né. E depois ele acaba se adaptando e...”*

*Vicente – “Ele entrou em parafuso, quis vir embora, diz que não estava agüentando tá? Pintou uma certa uma insegurança muito forte. Aí nós fomos com ele até [a cidade em que Vicentinho estava], o pessoal foi pra lá também, foi morar com ele junto, ele fez cursinho lá. Ele conseguiu, é, se auto, é autocontrole né, ele conseguiu ter mais segurança morando sozinho. E quando foi pra São Paulo então ele se engatou de vez.”*

O fato é que a transmissão desse legado para a terceira geração compromete o ideal de ego desta família.

*Vicente – “Mas esse negócio de sair pra você ter a sua vida própria nessa faixa de idade eu acho que é muito, fortalece muito a sua personalidade”.*

Vicente fugiu de uma relação simbiótica com sua família de origem, mas ligou-se a uma esposa que traz a reatualização dessa simbiose. Tem a expectativa que os filhos possam seguir seu caminho, que foi o de construir uma identidade própria, pessoal e profissionalmente.

*Vicente – “Minha mãe era muito assim, minha mãe ela era muito, muito patrona, muito autoritária. E eu tive uma educação muito rígida tá, com horário, com umas coisas. Então quando eu fiz 18 anos, e estava pra entrar na faculdade com 19 anos, eu preferi ficar fora, fiz isso até pra me libertar um pouco. E isso libertou, foi legal né. Por isso que ela diz que eu quis fugir de casa...”*

A clareza de que cada filho vai viver a sua vida não implica na aceitação da distância em relação a eles, para Sofia, mas representa o

fantasma da dissolução do núcleo familiar. Para Vicente, envolve certa angústia relacionada à percepção da passagem do tempo, do avanço da idade e da dúvida quanto ao fato de conseguirem se manter próximos aos filhos ou não.

*Vicente – “Ele [Vicentinho] vai se formar, ele vai ter a vida dele, ele vai sei lá, ele vai trabalhar não sei aonde, enfim, ele vai, ele vai se desligar né, principalmente financeiramente”.*

*Sofia – “É, economicamente”.*

*Vicente – “Aí depois vai o Heitor e depois a Érica, então a gente tem que se preparar pra tudo isso né. Porque a gente fala, nós vamos pra um lugar pra ficar mais perto deles, mas nós não sabemos se eles vão ficar também lá. Ok? Então a gente tem que pensar nisso também.”*

*Sofia – “Porque eu, eu gostaria de poder estar mais perto né, então eu sinto saudade... Porque vai chegar uma hora que eles vão, o tempo deles vai ser mais, mais ocupado do que o nosso, tá? Nós vamos ter muito mais tempo livre do que eles, então, vai ser muito mais fácil a gente ir vê-los do que eles estarem vindo né. Então, eu não me incomodo nem um pouco, a hora que eu sinto saudades eu ligo, eu, se eu tiver vontade de ir eu vou ver, vou, vejo e venho embora né. Mas eu quero poder fazer isso né, ficar mais perto pra poder fazer isso, participar da vida deles né. E não sei. Principalmente porque eu não sei se eles vão querer né a gente por perto, eu acho que não, né?”*

*Vicente – “Não, na verdade não é de querer não, o problema é de também poder né? As pessoas também não estão sempre aonde, aonde a pessoa quer estar. Quando aparece uma oportunidade pra ele, então vai trabalhar lá no nordeste, ele vai.”*

*Sofia – “Ou fora do país. Ou fora do país. Vai, né? E a gente prepara eles pra isso mesmo...”*

*Vicente – “Não é verdade? Não é problema de querer. Querer, querer é ficar tudo junto mesmo. Isso é, se for por opção vai ficar todo mundo junto, mas não é isso que vai acontecer”.*

*Sofia – “Não, mas é, eu não sei, eu também eu não penso bem assim, eu assim, lógico que a gente gostaria né, que o ideal seria que eles pudessem ter seu negócio, ficar feliz e perto da gente né? Seria o ideal. Mas eu não penso assim, eu quero que eles estejam bem né, então, mas... Nós estamos passando por um, passando por um problema com o Heitor, né, tá com pânico. Então, a hora que ele sai de casa pra mim é uma felicidade, é uma alegria, em vez de ser uma preocupação, é uma alegria.”*

*Vicente – “E agora tá rearranjando a família, é, numa outra, numa outra visão né. Primeiro a gente tava pensando em estar formando a família. Agora nós estamos pensando o que que vai acontecer a hora que ela se desformar, porque ela tá se desformando né. Então a gente tem que pensar como que a gente vai fazer porque cada um daqui a pouco vai ter sua vida.”*

Esta família se vê novamente frente ao legado transmitido e suas conseqüências, tendo mais uma vez a tarefa de confrontá-lo, tanto ao nível da terceira geração, quanto ainda da segunda. Cabe aos filhos a percepção de que não destruirão a família na busca por sua individualidade. Cabe à mãe desenvolver a capacidade de amar à distância. Cabe ao casal buscar um caminho criativo para um novo encontro a sós.

## **VI – DISCUSSÃO DOS DADOS**

Discutiremos, nesta etapa final da análise de dados, a existência, ou não, de relação entre um processo de migração elaborado conscientemente e a adaptação saudável da família ao novo ambiente, caracterizado pela manutenção da integridade da estrutura do psiquismo familiar.

Adotamos, para este capítulo, uma organização em eixos temáticos, conforme conceitos apresentados na parte teórica de nosso trabalho. Assim, com a finalidade de compreender o processo da migração na família, desenvolveremos os seguintes tópicos: 1) O sentimento de pertença; 2) O habitat interior; 3) O ideal de ego familiar; 4) A transmissão do legado; 5) As famílias e o processo de individuação.

### **1) O sentimento de pertença**

O sentimento de pertença – um dos componentes do eu familiar –, que consiste na percepção interior de se fazer parte de determinada família, sofre uma modificação, quando da constituição de um novo núcleo familiar.

A transição de uma família de origem a outra – o novo núcleo – traz consigo a experiência de um pertencimento diferente. Em outras palavras, somos parte de uma família, como filhos e irmãos, e, quando constituímos a nossa nova família, pertencemos a ela, como pais, esposas ou maridos.



Faz-se necessária a discriminação deste novo núcleo frente aos grupos de origem, em função da sua própria sobrevivência e da formação de seu aparelho psíquico. Naturalmente, o pertencimento ao novo núcleo não anula o pertencimento ao grupo original, mas o sentimento de pertença sofre uma transformação.

Em três das cinco famílias analisadas nesta pesquisa, pudemos observar que a migração proporcionou uma transformação criativa na identidade emocional do novo núcleo familiar, e, conseqüentemente, no sentimento de pertença a esta nova família.

Tanto na família Lapelli quanto na família Mafuz, a distância em relação às famílias de origem, bem como o contato com o meio ambiente diferente, com pessoas desconhecidas, potencializou o vínculo do casal. A identidade da nova família sofreu um amadurecimento, na medida em que o casal pôde “contar um só com o outro”, criar os filhos à sua maneira, e desenvolver experiências e dinâmicas de vida familiar independentes das famílias originárias. Ficou claro, inclusive, que este fora um dos objetivos que os haveria levado a migrar.

Podemos observar, em ambas as famílias, a existência de um sentimento de pertença que proporciona segurança interna, o que, por sua vez, não ameaça a vinculação existente com as famílias de origem. Ao contrário, tanto os Lapelli quanto os Mafuz relataram a transformação positiva nos relacionamentos com pais, irmãos e outros membros familiares, no sentido de expressão mais espontânea de afeto e melhoria na qualidade do diálogo.

Na terceira família – a família Negrete – na qual pudemos constatar uma modificação criativa no sentimento de pertença, observamos que tal mudança aconteceu à custa de grande sofrimento, na medida em que o crescimento da família atual, ou seu processo migratório, representou simbolicamente, para a esposa, o aniquilamento do pertencimento à família de origem.

Apesar do casal referir que, afinal, teria sido válido o envolvimento no processo migratório, no sentido de ter desenvolvido a noção de família e a importância da coesão familiar em todos os seus membros, ainda hoje este sentimento de pertença resiste fragilmente a uma mudança ou distanciamento de algum dos elementos da família, como se pairasse a fantasia de que a distância ameaça o vínculo.

Gradualmente, os filhos da família Negrete podem sair de casa e experimentar a vida no mundo, suportando a solidão de estar fora do ambiente familiar e confirmando que a família continua existindo e que eles, mesmo distantes fisicamente, continuam a pertencer ao grupo familiar.

Nas duas outras famílias pesquisadas – a família Salviano e a família Souza –, o processo migratório não pareceu derivar em conseqüências criativas em prol da formação ou estruturação dos novos grupos familiares.

Na família Souza, não podemos sequer falar de sentimento de pertença ao novo núcleo familiar, já que constatamos a fragilidade na formação existencial de um novo núcleo.

As principais histórias de migração encontram-se relacionadas à família de origem de Cecília Souza, na qual o último movimento migratório constatado - a saber, a vinda dos familiares para a cidade onde Cecília estudava - funcionou defensivamente, com o objetivo de impedir a formação da nova família.

Com o nascimento do filho e o casamento de Cecília e Breno, principia uma rotina de viagens diárias - que não consiste propriamente numa migração, em função de trabalharem numa cidade e residirem em outra - através da qual evita-se a necessária "emigração" deste núcleo familiar em potencial para fora dos limites da família original da esposa.

Quanto à família Salviano, apesar da constituição de um novo núcleo familiar ter sido possibilitada pela migração do nordeste para o sudeste, a sensação original de familiaridade que se encontra naquela família original, em Jaqueira, interior de Pernambuco, continua sendo a sensação de estar em casa. Principalmente Creusa sente lá o aconchego; Jaqueira é seu lugar no mundo. Ainda assim, permanecem aqui, têm um casamento, uma família aqui. Parece frágil, entretanto, o elo que liga Creusa e Sílvio enquanto casal. Tivemos a sensação de ser pobre a troca afetiva entre eles, que levam vidas relativamente individuais, mesmo morando na mesma casa. Em comparação com o desligamento entre o casal, o sentimento de pertença de Creusa em relação à sua família de origem salta aos olhos.

A existência e intensidade das impressões familiares na psique individual, favorecida pelo sentimento de pertença familiar, oferecem

segurança num mundo em meio ao qual somos estrangeiros. A migração do núcleo familiar pode tanto potencializar este sentimento, na medida em que fortalece os vínculos dentro do próprio núcleo, quanto não ser um fator de influência na estruturação familiar.

Observamos que nos casos em que o sentimento de pertença ao novo núcleo familiar floresce, forma-se, concomitantemente, uma identificação emocional interna que facilita a adaptação desta família, e possibilita a construção de seu lugar naquele mundo diferente.

## **2) O habitat interior**

O habitat interior – o segundo dos componentes do eu familiar – compreende uma introjeção, por parte do indivíduo, do espaço real e concreto da família. Caso esta introjeção não venha a proporcionar segurança a algum dos membros da família, a pessoa fica extremamente apegada ao espaço concreto. Temos aqui a medida do grau de estruturação daquele grupo familiar.

No momento em que o indivíduo pode se desprender do lugar concreto, ligando-se ao que há de simbólico naquele corpo familiar, preserva internamente intacta aquela família, o que significa que a ameaça de destruição familiar fica reduzida.

Tendo em vista que o lugar fisicamente ocupado pela família no mundo, passa a ser uma representação concreta desta família, e que tratamos exatamente de famílias que se mudaram de lugar, analisaremos o reflexo do espaço físico de origem da família e da nova

estruturação espacial da família hoje, na representação psíquica familiar denominada de habitat interior.

Em outras palavras, examinaremos o apego ao lugar de origem familiar, o que representou psiquicamente a mudança e se a família pôde reconstruir, após a migração, um *Lar* no novo lugar.

Em nossa pesquisa, observamos que duas das cinco famílias investigadas – Lapelli e Negrete – já haviam se constituído enquanto núcleo na cidade de origem, antes da migração. Ambas, portanto, precisaram desfazer uma casa já montada e vir de mudança para a cidade de destino. Ou seja, tinham um “corpo familiar” que necessitou se adaptar às diferentes circunstâncias.

A migração representou para a família Lapelli a possibilidade de ampliação de seu habitat interior, de forma que propiciou espaço para mais um filho. Embora tenham apresentado uma ambivalência em relação aos espaços atual e anterior, demonstrando ao mesmo tempo valorizar e desvalorizar a ambos, numa dialética que ainda não cessou, conseguiram construir um lar na nova cidade.

Esta família apresenta uma segurança interna e um desprendimento quanto ao espaço concreto que demonstra a existência de um habitat interior bem edificado.

A família Negrete, ao contrário da anterior, apresentou um grande apego ao lugar de origem, principalmente na pessoa da esposa, tendo esta insegurança se refletido no psiquismo familiar. Hipotetizamos que atualmente esta dinâmica se manifesta pelo filho, através de sintomas de Síndrome do Pânico, os quais consistem numa grande dificuldade

em sair de casa para qualquer outro lugar. A migração representou para esta família a perda dos referenciais espaciais concretos nos quais os Negrete se apoiavam, o que trouxe a fantasia da ruptura familiar. A função do habitat interior, de evitar o desmembramento do psiquismo familiar, não aconteceu, o que demonstra que essa instância não se encontrava internalizada.

A construção de uma casa na cidade de destino, após a peregrinação da família por cinco diferentes casas sem conseguir se adaptar a nenhuma, representou o início da reorganização desta família. Mesmo assim, o sintoma atual do filho, entre outros fatores, nos faz pensar que ainda não se internalizou uma imagem corporal deste psiquismo familiar.

Das três outras famílias estudadas – Mafuz, Salviano e Souza – duas foram criadas a partir do processo migratório. Desenvolveram, portanto, por assim dizer, seus corpos familiares, já na cidade de destino. Assis é o local de base do casamento e da formação da nova família, tanto para os Mafuz quanto para os Salviano.

A diferença é que na família Mafuz houve a introjeção da cidade de Assis como habitat interior familiar, enquanto que na Salviano o apego ao espaço físico de origem dificultou a aceitação, ou a internalização, do fato de que aqui em Assis encontra-se efetivamente erigida esta família. A expressão dessa dinâmica se dá ao constatarmos que Creusa Salviano se refugia em sua casa concreta, para safar-se das ameaças que este lugar estranho representa para ela.

A terceira família – Souza – não desenvolveu um corpo familiar discriminado da família de origem da esposa, ou seja, seu habitat interior coincide com o da família de origem de Cecília Souza. Poderíamos dizer que, simbolicamente, o habitat da família Souza, ou do casal parental, consistiria na estrada, no ir e vir, já que, nem onde moram – tampouco onde trabalham – conta com a representação interna de lar. Seriam fugitivos? Ou prisioneiros do destino familiar? Assim, se encontra impossibilitado o habitat interior de uma família ainda exilada.

Podemos concluir nossas observações acerca do habitat interior apontando que a introjeção do habitat familiar propicia uma maior mobilidade aos membros da família, já que à medida que não corremos o risco de nos perder da família ou de destruí-la, podemos ir e vir sem medo. Os entrevistados que demonstraram possuir a segurança de um habitat interior engajaram-se na migração com mais tranquilidade.

### **3) O ideal de ego familiar**

O projeto de futuro da família, o desejo de se perpetuar enquanto grupo, de evoluir, em termos sociais, culturais, econômicos ou religiosos, consiste no ideal de ego familiar. Pode igualar-se ou ser diferente dos ideais de ego pessoais de cada membro do grupo, mas são compartilhados por todos os membros, como marcas inconscientes do eu familiar.

Analisando o papel desempenhado pela migração no projeto de futuro das famílias entrevistadas, percebemos que, em dois casos – famílias Lapelli e Mafuz –, o processo migratório foi ao encontro do

ideal coletivo familiar de progresso econômico, busca de qualidade de vida, conquista de território. Ou seja, deslocaram-se para um meio social onde não seriam “mais um”, de forma que buscavam um lugar singular e um reconhecimento social. Atualmente, além disso, têm clareza de que no projeto de futuro de seus filhos a migração provavelmente fará parte integrante, seja com a finalidade de formação universitária, seja de estabelecimento profissional em uma nova cidade.

A migração teve, para duas outras famílias – Salviano e Negrete –, o sentido inexorável de sobrevivência. Inicialmente, migraram com o objetivo de buscar oportunidades de trabalho, que lhes teriam sido negadas na região de origem. Assim, poderíamos dizer que não teriam sido movidos por um objetivo futuro, mas imediato.

Entretanto, na família Salviano percebemos que a imagem de uma terra de prosperidade – representada no imaginário do nordestino pelo “sul maravilha” – fazia parte do ideal de ego familiar, existente antes da migração. Na medida em que se frustra – ou se humaniza – essa imagem, o ideal de ego familiar passa a conter o sonho de voltar à terra natal. Por outro lado, percebemos a ambivalência do desejo, na medida em que melhores condições de vida, a possibilidade de uma formação profissional de qualidade para os filhos e a sobrevivência futura destes, também estão presentes neste ideal. E em função disso, a família se mantém no local de destino.

Já na família Negrete, o ideal de progresso social e profissional, que faz parte da evolução natural familiar, e que envolve a liberdade



para migrar, se depara com o empecilho relacionado à ansiedade de dissolução familiar, frente à saída dos membros da família. Em outras palavras, o ideal de ego familiar se vê ameaçado pela herança traumática do passado.

Na família Souza, como o núcleo familiar não se destaca da família de origem da esposa, o ideal de ego continua a ser transmitido sem modificações. Nesta família, o ideal de crescimento familiar, progresso social e econômico ou qualquer outro objetivo futuro, parece sempre vir em segundo plano em relação ao desejo de manterem-se unidos; fator que vem a dificultar a formação do novo núcleo familiar. A migração entra em função deste ideal de união familiar. E o desejo para o futuro é que tudo se mantenha como o presente.

Percebemos que em todas as famílias – com exceção da família Souza – a manutenção do projeto familiar, que envolve um processo secundário de orientação de libido para o objetivo futuro, tem como líder a figura paterna. Na família Souza, esse papel de liderança não é desempenhado por Breno, mas sim pelo pai de Cecília Souza.

O ideal de ego familiar, enquanto relacionado ao futuro da família e de seus membros, envolve um movimento de evolução e transformação espaço-temporal do núcleo familiar e de seus membros individualmente. Na medida em que a dialética da vida é aceita como natural para a família, as migrações, e as vivências decorrentes destas, são também enfrentadas com naturalidade. Entretanto, eventualmente ocorrem situações traumáticas que represam esse fluxo, aprisionando os membros familiares ao passado.

#### **4) A transmissão do legado**

A transmissão psíquica consiste no processo pelo qual a informação psíquica é passada de geração em geração no decorrer da humanidade. O impulso de transmitir consiste num imperativo inconsciente do qual depende a sobrevivência da espécie humana. O objeto transmitido é conservado em forma de traços, tal qual memórias de modelos básicos.

A transmissão psíquica acontece no âmbito da intersubjetividade, tendo como espaço o grupo familiar. Tal grupo desenvolve um aparelho psíquico familiar, capaz de elaborar o conteúdo transmitido.

A transmissão psíquica pode ser tanto estruturante quanto alienante da personalidade individual. Trataremos, neste momento da discussão, sobre a relação entre a migração e o legado familiar transmitido psiquicamente.

Começaremos considerando a transmissão psíquica intergeracional e sua influência no processo migratório destas famílias.

A herança intergeracional constitui-se de conteúdos que permeiam nossa história de vida familiar, organizada e introjetada a partir de imagos, fantasias e identificações elaboradas pela psique individual. Portanto, fazem sentido em nossas vidas e até as constroem, na medida em que nos apropriamos conscientemente destas. São determinações culturais, lingüísticas e corporais, características de nossas famílias.

Observamos em três das famílias pesquisadas, a existência de conteúdos intergeracionalmente transmitidos ligados à questão da

migração. Nas famílias Lapelli, Mafuz e Negrete, movimentos migratórios fazem parte da história familiar das gerações passadas. As três famílias são descendentes diretas de migrantes e esse fato é culturalmente valorizado na mitologia familiar.

As migrações – tanto estas vividas pelos próprios membros entrevistados quanto aquelas presentes na história familiar pregressa – são orgulhosamente descritas como conquistas de território, desafios vencidos ou como bravas lutas pela sobrevivência. Enfim, como tendo acontecido em prol dos ideais de ego relativos ao progresso e evolução familiares. Além disso, contam com o apoio e a concordância das famílias de origem.

Já a família Salviano não possuía uma representação da migração em sua mitologia familiar. Pertencendo à terra natal desde sempre ou, ao menos, desde que se registra psiquicamente uma história familiar, à migração é atribuído um caráter de periculosidade, de desafio maior do que a família pode vencer. Esta peculiaridade se confirma nas histórias de parentes de Creusa Salviano, relatando que estes não suportaram o peso da migração e adoeceram, faleceram ou retornaram desiludidos ao local de origem. Neste sentido, podemos dizer que não encontramos sinais da existência, ou da influência, de conteúdos transmitidos psiquicamente na questão da migração desta família. Por outro lado, a migração, inédita nesta linhagem familiar, representa o desenvolvimento de um recurso singular na luta pela sobrevivência, que pode ser transmitido intergeracionalmente para seus

descendentes, inaugurando uma estratégica adequada e estruturante da individualidade dos filhos.

No caso da família Souza, a transmissão psíquica envolvida no processo de migração caracterizou-se pela imposição de um conteúdo não elaborado, relacionado ao tema do exílio, de maneira que se tornou alienante e impediu a formação do novo núcleo familiar. A essa qualidade de transmissão psíquica denominamos transgeracional. Em outras palavras, o conteúdo traumático transpassa a psique do herdeiro, desrespeitando os limites subjetivos espaço-temporais, bem como a capacidade egóica de elaboração do legado.

Cecília Souza se vê responsabilizada por manter a estabilidade de sua família de origem e impossibilitada psiquicamente de distinguir-se desta herança e construir, junto ao marido e ao filho, sua nova família. Existe, neste caso, um conteúdo inconsciente inacessível ao controle, ligado aos eventos traumáticos ocorridos na família paterna – o aprisionamento de familiares ligados a conflitos políticos na terra natal, o abandono, pelo pai, do país, o exílio simbólico ou real – que mobilizaram esta família, em processos sucessivos de migração. A dificuldade de fixar residência, o impedimento do distanciamento dos filhos, a impossibilidade de retorno ao país de origem, indicam que os legados traumáticos não passaram por elaboração pelas gerações anteriores, ou melhor, pela geração do pai de Cecília Souza.

Cada família, como explicamos no capítulo teórico, lida de determinada maneira com os eventos da vida, de acordo com a capacidade de continência de seu aparelho psíquico familiar. Vivências

traumáticas provocam sofrimento nas famílias e sobrecarregam seu aparelho psíquico, de forma a provocar o sentimento de aniquilamento. O mecanismo de defesa familiar é imediatamente ativado, levando a um recrudescimento dos vínculos familiares. Observamos este recrudescimento tanto na família Souza, quanto na família Negrete.

Na família Souza, ou melhor, na família de origem de Cecília Souza, esse mecanismo de defesa atuou mantendo juntos o casal parental (pais de Cecília), um dos filhos e seu núcleo familiar (irmão de Cecília que mora na mesma cidade), e especialmente Cecília e seu filho, estes últimos na mesma residência que o casal parental. Tal recrudescimento elimina a transformação vital inerente a todo vínculo relacional: Cecília continua filha, sem conseguir passar a ser esposa e mãe em sua própria família.

Na família Negrete, esse recrudescimento dos vínculos familiares já atravessa a segunda geração, dificultando a saída dos filhos adolescentes e jovens adultos de casa. Sofia Negrete tem em sua história de vida um trauma familiar transmitido transgeracionalmente, relacionado ao abandono paterno.

Essa forma de transmissão, caracterizada pela continuidade, anula a concepção temporal de presente-passado-futuro, misturando vivências acontecidas em diversos momentos da vida e aglutinando os diversos afetos na atualidade do indivíduo. Sofia revive, no momento da migração de seu marido para outra cidade, a ansiedade ligada ao tema do abandono paterno, não elaborado por sua mãe enquanto esposa, tampouco por ela própria enquanto filha.

A formação da família Mafuz, assim como a escolha da cidade para a qual Pedro Mafuz migraria, também sofreu influência de conteúdos de transmissão transgeracional, resquícios de uma falha no processo de transmissão familiar. O evento traumático do falecimento da irmã – ocorrido durante sua infância, no mesmo município escolhido para destino da migração atual –, não tendo sido elaborado pela família de origem de Pedro, não impede, mas dificulta, a formação do novo núcleo familiar. Ao mesmo tempo em que a evitação de filhos surge como um sintoma, por parte de Pedro, relacionado à herança simbólica da morte de crianças, o retorno ao local onde aconteceu a tragédia representa a impossibilidade de elaboração do legado pelo aparelho psíquico daquela família.

A mitologia familiar já contava histórias de desaparecimento de crianças em outras gerações, de forma que, evitando filhos, Pedro demonstrava a urgência em interromper a transmissão, já que essa herança se caracterizava como fonte de sofrimento. A interrupção da transmissão significaria, porém, o impedimento de perpetuação familiar: não ter filhos para não perdê-los.

Apontamos, anteriormente, que o aparelho psíquico familiar tem origem na aliança do casal, e no caso da família Mafuz o desejo de procriar, tão intenso por parte de Elaine, sobrepujou a dinâmica causada pela herança de Pedro, após cinco anos de casamento. A marca do trauma continua, entretanto, presente na fantasia de Pedro, colocada a eventual “perda” de um dos filhos nesta cidade como possível motivo de migração.

A migração também é influenciada por conteúdos transgeracionais na dinâmica da família Lapelli, porém de forma mais criativa. No caso de Cláudio Lapelli, as gerações anteriores alternaram-se no processo de progressão e regressão sócio-econômica. Seu bisavô construiu um patrimônio familiar que foi destruído por seu avô, que ao final abandonou a família. Seu pai resgatou uma estrutura familiar adequada para a família de origem e construiu um patrimônio considerável, juntamente com a esposa em seu novo núcleo familiar. Cláudio se encontra, portanto, na geração à qual é oferecida uma condição de progresso sócio-econômico *a priori*, situação similar à de seu avô paterno. Tal herança traz o risco do deslumbramento, ou acomodação frente ao futuro garantido. O destino do avô paira sobre Cláudio, como uma maldição de repetição. Buscando conquistar seu próprio território através do engajamento na migração, identificando-se sobretudo com o pai, e não com este avô, Cláudio tenta apropriar-se do legado conscientemente e transformá-lo, construindo neste processo sua individualidade.

Consideramos que a migração, nas cinco famílias entrevistadas, apresenta-se envolvida tanto por processos psíquicos transgeracionais quanto intergeracionais, numa rede complexa de significados que, nestas condições de pesquisa, nem sempre pudemos apreender.

Em determinadas situações, a migração consistiu num mecanismo utilizado defensivamente, com o objetivo de manter paralisado o processo psíquico familiar, como na família Souza. Em outras experiências de vida familiares, a migração, como um movimento

criativo, revelou-se coerente com a criação e a manutenção da integridade da estrutura do psiquismo do novo núcleo familiar.

### **5) As famílias e o processo de individuação**

O desenvolvimento pessoal não consiste num processo pelo qual passamos sozinhos. Desde que nascemos, estamos envolvidos em grupos, e a família constitui o primeiro deles. Neste sentido, a família pode ser um ambiente fértil que favorece o desabrochar do processo de individuação, ou uma terra seca, onde nada pode florescer, nem pode germinar uma vida plena de humanidade.

O ser humano nasce com a finalidade de se desenvolver, amadurecer, criar e procriar. Nas palavras de Vargas:

*“O ser humano necessita de humanizadores para desenvolver e estruturar seus dinamismos arquetípicos, do contrário eles não se realizam. Esta é sempre uma história pessoal e específica para cada ser humano, mas é coletiva a necessidade de realizá-la”* (Vargas, in *Junguiana*, 1989, p.104)

O inconsciente coletivo, instância psíquica primordial, na teoria analítica, como já explicamos, é constituído não por aquisições individuais, mas por um patrimônio coletivo da humanidade. O desenvolvimento filogenético da espécie humana estaria nele depositado. Os conteúdos do inconsciente coletivo são organizados em forma de arquétipos, que se caracterizam por reunir as condições ou os modelos prévios da formação psíquica em geral.

Arquétipos seriam, portanto, formas ou padrões psíquicos sem conteúdo próprio que serviriam para organizar ou canalizar o material psicológico, como elementos estruturais e formadores do inconsciente,



dando origem tanto às fantasias individuais quanto às mitologias de um povo; e, através de sua função organizadora, apresentando-se ordenadamente à consciência, proporcionando seu amadurecimento.

Em seu desenvolvimento psíquico, o homem e a mulher projetam no outro, que está ao seu lado, seus conteúdos arquetípicos inconscientes. É através dessa projeção que tais conteúdos se diferenciam, são elaborados e amadurecem. A relação objetal consiste no primeiro modo de aproximação entre a consciência e os conteúdos inconscientes. Um primeiro passo no caminho da individuação.

Considerando que a instituição familiar propicia as primeiras relações objetais infantis, podemos apontar a família como ambiente de fundamental importância no desenvolvimento psíquico do ser humano. Neste âmbito familiar pode-se viver um dinamismo arquetípico de forma cíclica e aprofundada, experiência que nenhuma outra vivência humana pode oferecer.

Em outras palavras, podemos realizar, por exemplo, o arquétipo materno, primeiramente enquanto filhos, depois como mães, finalmente como avós, e, eventualmente, como bisavós. Cada um desses momentos representa uma oportunidade para a elaboração de conteúdos referentes a esse arquétipo. E, como nas relações familiares os vínculos afetivos encontram-se tão potencializados, estas se tornam um meio altamente propício para a manifestação simbólica.

Procuramos compreender a relação entre a vivência familiar e o processo de individuação. Onde o singular e o coletivo/familiar se encontram? Como poderemos compor uma terceira via, enquanto

indivíduos, entre nossas heranças arquetípicas e as novas construções simbólicas pessoais?

Enquanto mulheres aprendemos – quando filhas – como é ser mãe. Entretanto, quando somos mães e temos nossos filhos, reaprendemos – ou atualizamos no momento da experiência – a ser mães diferentes das mães que tivemos, pois a realidade cobra do indivíduo uma resposta adaptativa, e o mundo se transforma constantemente. Conquanto sejamos mães diferentes hoje, carregamos em nossa maternidade as heranças de nossas mães, avós, bisavós...

Essa dialética existencial exige uma condição egóica ideal, que nem sempre está presente em todos os membros de uma família, em todos os momentos da vida e, sobretudo, frente a todas as tragédias humanas. Enquanto seres humanos, somos limitados em nossa capacidade de conscientização, e deixamos estar na obscuridade do inconsciente alguns conteúdos não elaborados, frutos de traumas, de sofrimentos ou de mera desatenção.

Sabendo que realizamos os potenciais arquetípicos em nossas vidas de relação, e que a eles temos acesso através de nossas heranças, conscientes e inconscientes, concluimos que até mesmo os conteúdos não elaborados podem ser transmitidos como heranças inconscientes.

Embora não possamos afirmar que membros de uma família ou de outra não estejam envolvidos em um processo de individuação, observamos que alguns dinamismos arquetípicos encontram bloqueado seu acesso à realização; configuração esta que ganha visibilidade no

desenvolvimento do casal Souza, de Creuza Salviano e de Heitor Negrete (filho de Sofia e Vicente Negrete).

O casal Souza sofre o bloqueio do dinamismo arquetípico da conjugalidade, na medida em que não desenvolve seu casamento e sua família devido, entre outros fatores, à fixação de Cecília Souza na posição de filha, portanto no aprisionamento ao dinamismo patriarcal.

Creuza Salviano apresenta dinâmica semelhante à de Cecília Souza, não se deixando transformar pela relação conjugal, aprisionada como está à família de origem.

Heitor Negrete sofre a paralisação numa posição infantil – herdada da mãe – de forma que o arquétipo do herói não consegue se constelar, impedindo sua partida para a conquista do mundo dos adultos, e a construção de uma identidade como homem.

As outras famílias por nós investigadas, mesmo outros membros das famílias acima citadas, parecem se beneficiar pelo movimento vital, e migratório, apesar de muitas vezes sofrerem, ou terem sofrido no passado transformações dolorosas as quais deixam profundas marcas psíquicas e físicas.

Enfim, a migração – concreta ou simbolicamente vivida –, assim como o desenvolvimento existencial, quando aceitos em sua dialética, são experimentados como processos naturais e inerentes ao ser humano.

## VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perguntávamos “Você é daqui?”, repetidamente, às pessoas estranhas que, dia após dia, encontrávamos nesta terra estranha – cidade para a qual migramos há cinco anos. Tal questão simbolizou nossa busca do sentido da migração para as famílias de migrantes e norteou o caminho teórico e prático que traçamos até agora.

Retomando o subtítulo de nosso trabalho, relembramos que inicialmente nos referíamos ao estudo sobre a subjetividade de famílias brasileiras em movimento de migração interna. Pretendíamos especificar a migração acontecida dentro do território brasileiro.

O *interno* como território demográfico e cultural da migração, no entanto, ampliou-se para o interno com o sentido de dentro da história de vida familiar, mergulhando no psiquismo familiar, chegando ao interior do si-mesmo, ao caminho da individuação. Retornamos, então, de forma circular, ao coletivo, na medida em que a base deste processo individual é eminentemente arquetípica.

A princípio estudamos o nascimento, no século XVIII, da instituição familiar tal qual a conhecemos na atualidade e situamos o questionamento sobre sua pertinência na sociedade contemporânea, apontando para o fato desse agrupamento inicial não ter perdido sua função na vida do século XXI.

Embora venha sofrendo crises e transformações, e tendo sido, em sua própria origem, o resultado de evoluções da sociedade ocidental, a família não perdeu sua importância enquanto berço do psiquismo individual. Como apontamos em outro texto,

*“A família não é só um meio de manutenção da vida e proteção para o indivíduo e sim também um dispositivo que transmite padrões psíquicos comuns a todos seus membros. Nestes padrões incluem-se fantasias, afetos, objetos recalcados, desejos, mecanismos de defesa, ideais que são transmitidos inconscientemente de geração a geração. É importante ressaltar que a influência poderá se estender à escolha de vários objetos futuros, como por exemplo: o trabalho, a escolha de um(a) parceiro(a), até a que tipo de família fundar, qual o ideal familiar a ser atingido” (Castro e Waideman, 2005, p.46).*

Descortinamos gradualmente o conceito de família e sua função de formadora do psiquismo, dentro de uma visão psicanalítica, desde o início da concepção de família para Freud até o amadurecimento da hipótese da intersubjetividade – elaborada por Kaës e outros autores –, que transpõe a idéia da psique individual para a existência de uma psique grupal ou coletiva, de forma muito semelhante à idéia da base filogenética da psique – elaborada por Jung.

Famílias consistem em estruturas dinâmicas e passíveis de transformações. Dentre as transformações às quais uma família está sujeita, podemos incluir a migração, como um processo eliciador de alterações nos contextos espaço-temporal, relacional e profissional, dentre outros; portanto, na identidade familiar.

Examinamos as influências do processo migratório nas dinâmicas de saúde e doença – tanto individual como grupal – relatados em estudos anteriores, desenvolvidos em diversas áreas de conhecimento. Esta pesquisa bibliográfica nos orientou no sentido da importância da dimensão psicológica subjacente aos movimentos sociais.

Enfatizando a sociedade brasileira, estudamos o envolvimento da migração na constituição familiar da população de nosso país – desde a “descoberta” do país pelos europeus até os dias atuais –, notando a

valorização, em alguns contextos, ou desvalorização, em outros, do migrante na consciência coletiva nacional.

Ao nos aproximar das pessoas entrevistadas, que representavam parte das famílias por nós analisadas, obtivemos pequenas amostras da totalidade do processo – familiar e migratório – nas quais estavam envolvidas. Consideramos que diversas dimensões nos escaparam ao alcance – históricas, biológicas, sociais, para citar apenas algumas – envolvidas nas dinâmicas familiares e pessoais descritas.

Nossa apreensão do contexto e da situação de cada família foi a possível, embora tão limitada. A linha de abordagem do material, além disso, restringiu-se aos fatores envolvidos com o processo de migração, deixando de lado inúmeras outras questões de grande importância na expressão da dinâmica daquelas famílias.

Independentemente das características sociais, a migração, quando vivida dialeticamente, envolve a busca por melhores condições de vida. O significado da melhoria da condição de vida varia, de pessoa a pessoa, de família a família. Para algumas representa a sobrevivência, para outras a manutenção da proximidade familiar, ou, ao contrário, a busca de um território novo, do qual possa tomar posse.

Simbolicamente, entretanto, a família que se engaja num processo migratório espontâneo tem em comum o inconformismo em relação ao tempo e espaço presentes. Busca algo novo, também na dimensão psicológica. Uma transformação mobilizada pela existência de dois pólos: o tempo/lugar de origem – o conhecido, o consciente –

versus o tempo/lugar de destino – o desconhecido, o inconsciente. A polarização gera uma dinâmica e uma transcendência.

A migração, quando não é uma fuga, consiste no reflexo externo desse dinamismo interno. Simboliza o fluir da vida, condição presente no processo de individuação. Jornada na qual nos envolvemos, em busca de *felicidade* – no sentido de paz, fortuna, alegria – mas no cerne da qual somos transformados de forma tão extraordinária e profunda que dificilmente podemos expressar em termos racionais.

No processo de individuação, bem como na migração familiar, os limites intersubjetivos são bastante relativos. Este trabalho enfatizou a construção de conhecimento acerca da subjetividade da família migrante, tendo como pano de fundo a universalidade do fenômeno inconsciente, território comum a toda a humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. S. *A significação afetiva da solidão: um estudo com migrantes na cidade de São Paulo*. São Paulo, 1997. Dissertação de mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP.

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2ªed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

AZEVEDO, A. A. T. M. *Estrangeiros em sua própria pátria: um estudo sobre os processos psicológicos inerentes à migração*. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC – RJ.

BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. Tradução de Adriana Friedmann. São Paulo: Escuta, 1988.

BERENSTEIN, I. Contemporary familial problems or nowadays familial situations: invariance and novelty. *Psicologia USP* [on-line], 2002, vol.13, no.2 [citado 17 dezembro 2004], p.15-25. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>

Bíblia Sagrada traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares, reimpressa. São Paulo: Edições Paulinas, 13ª Edição, 1955.

BLEGER, J. *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. Tradução de Rita M. Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BRASIL, A. M. R. C. “Voar é viajar, viajar é migrar, é sair da terra”. *Migração como processo finito e processo infinito. Estudo junguiano dos símbolos presentes na trajetória heróica migrante*. São Paulo, 1996. Dissertação de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP.

CARRETEIRO, T. C. História de vida: Da genealogia a um estudo. *Psico*, Porto Alegre: PUCRS [on-line], jul./dez. 2003, vol. 34, no. 2 [citado 17 dezembro 2004], p.281-295. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>

CARUSO, I. A. *Paternidade: uma forma de existir*. São Paulo, 1986. Dissertação de doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP.



CARVALHO, I. M. M., ALMEIDA, P. H. Família e proteção social. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo [on-line], abr./jun. 2003, vol. 17, no.2 [citado 17 dezembro 2004]. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>

CASTRO, A. L. R. A., WAIDEMAN, M. C. Transmissão Psíquica e Arquétipo: assuntos de família. In: VALENTE, M. L. L. C., WAIDEMAN, M. C. (organizadoras) *E a família, como vai?* Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2005. p.33-48.

CAVALCANTI, H. *Imaginário social e práticas de saída da pobreza: o povoado de São Severino "dos Macacos"* São Paulo, 1999. Dissertação de doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo, USP – SP.

CORREA, O.B.R. (org.) *O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CORREA, O.B.R. *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. Ed. São Paulo: Escuta, 2000.

CUNHA, J. M. P. Redistribuição espacial da população: tendências e trajetória. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo [on-line], jul/dez 2003, vol.17, no. 3-4 [citado 17 dezembro 2004]. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>.

DESLANDES, S. F.; NETO, O C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes,1994.

EIGUER, A. *Um divã para a família*. Tradução de Leda Mariza Vieira Fischer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

EIGUER, A. *A transmissão do psiquismo entre gerações*. Lúcia Helena Siqueira Barbosa. Ed. São Paulo: Unimarco, 1998.

FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. *Totem e tabu* (1913). Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FUSTIER, F. A. e AUBERTEL, F. A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. In: EIGUER, A. (et al.) *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. Tradução de Lúcia Helena Siqueira Barbosa. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 129-179.

GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: CORREA, O. R. (Org.) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 17-43.

HASHIMOTO, F. *Sol Nascente no Brasil: cultura e mentalidade*. Assis: HVF Arte e Cultura, 1995.(Coleção Universidade Aberta: nº 8).

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNG, C. G. *O Eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1987. (Obras completas de C. G. Jung, V.7, t. 2).

JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

KAËS, R. O sujeito da herança. In: KAËS, FAIMBERG (et al.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 9-26.

KAËS, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: KAËS, FAIMBERG (et al.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 27-70.

KAES, René; FAIMBERG, Haydée...[ et al.] *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Tradução de Cláudia Berliner. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MACHADO, C. S. A família e o impacto da Imigração (Curitiba, 1854 -1991). *Revista Brasileira de História*. São Paulo [on-line], 1997, vol.17, no. 34 [citado 17 dezembro 2004]. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>.

MAHFOUD, M. *Intercâmbio simbólico em mundos da vida de migrantes baianos operários em São Paulo* São Paulo, 1990. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo, USP – SP.

MOTA, E. L. A, FRANCO, A . L.S. e MOTTA, M. C. Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre [on-line],1999, vol. 12, no.1 [citado 17 dezembro 2004], p.19-132. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>.

OKAMOTO, M. Y. *Imigração: vivências de rupturas e reconstrução de redes na experiência japonesa*. Assis, 2001. Dissertação de mestrado em

psicologia. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RAMOS, G. *Vidas Secas*; posfácio de Álvaro Lins, ilustrações de Aldemir Martins, 53ª ed. Rio, São Paulo: Record, 1984.

SAMARA, E. M. O que mudou na família brasileira? (Da colônia à atualidade). *Psicologia USP* [on-line], 2002, vol.13, no.2 [citado 17 dezembro 2004], p.27-48. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>.

SCHÜTZENBERGER, A. A. *Meus antepassados: vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma*. Tradução de José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1997.

SOIFER, R. *Psicodinamismo da família com crianças*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1982.

SOUZA, C. V. e BOTELHO, T. R. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. *Revista Estudos Feministas* [on-line], 2001, vol.9, no.2, [citado 17 dezembro 2004], p.414-432. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>.

VARGAS, N. S. O casamento e a família como caminho de individuação. *Junguiana – Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, 1989, vol. 7, p.101-111.

WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira e Kátia Maria Orberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

#### **Filmografia:**

CHOCOLAT. Direção: Lasse Hallström. Produção: David Brown. Intérpretes: Juliette Binoche; Judi Dench; Alfred Molina; Len Olin; Johnny Depp e outros. Música: Rachel Portman. Inglaterra/França: Miramax Films, 2000. 1DVD (122 min). Baseado na novela “Chocolat”, de Joanne Harris.

## APÊNDICES

### A - Questões norteadoras para as entrevistas

#### IDENTIFICAÇÃO

Cônjuge I: nome, sobrenome, idade, profissão, naturalidade

Cônjuge II: nome, sobrenome, idade, profissão, naturalidade

Filhos: nome, idade, profissão, naturalidade

#### HISTÓRIA DE VIDA DA FAMÍLIA ATUAL

#### HISTÓRIA DE VIDA DA FAMÍLIA DO CÔNJUGE I

#### HISTÓRIA DE VIDA DA FAMÍLIA DO CÔNJUGE II

#### QUESTÕES

Por que mudaram de cidade? (de quem partiu a idéia, os motivos que os levaram a mudar)

Que objetivos tinham com a mudança?

Que expectativas tinham quanto à nova cidade, à nova residência, ao novo emprego?

Alguma dificuldade se colocou diante da possibilidade de mudança?

Alguma dificuldade se colocou após a vinda?

Como ficaram os vínculos na cidade da qual vieram?

Como se organizaram os vínculos nesta cidade?

Como era a estrutura da rotina familiar antes da mudança?

Como é atualmente a rotina familiar?

Havia alguma preocupação em relação aos filhos e à mudança?

Como era o casal antes? (no que se relaciona com a mudança)

Como está o relacionamento do casal atualmente? (no que se relaciona com a mudança)

Qual o sentimento ao avaliar a vinda para cá hoje?

**B - Termo de consentimento****I – DADOS DO PESQUISADOR E DO ORIENTADOR**

Nome do Pesquisador Responsável: Ana Laura Rabelo Araújo de Castro	
CPF: 113.043.058-80	R.G. 19.456.772
Maior Titulação: psicóloga	Instituição: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras

Nome do Orientador: Marlene Castro Waideman	
CPF: 87374692820	R.G: 6241271
Maior Titulação: Doutorado	Instituição: UNESP – Campus Assis

**II – LOCAL DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

Endereço: Av. Dom Antônio 2100	Cidade: Assis	UF: SP
CEP: 19.806-900	Telefone: (18)3302-5800	

**III - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL LEGAL**

Nome do Sujeito:		
RG:	Sexo:	Data de Nascimento:
Endereço:	Cidade:	UF:
CEP:	Telefone:	

#### **IV - DADOS SOBRE A PESQUISA**

Título do Protocolo de Pesquisa: <i>“Você é daqui? A subjetividade de famílias brasileiras em movimento de migração interna”</i>
Comitê de Ética em Pesquisa em que o Projeto foi aprovado: Comitê de Ética em Pesquisa – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus Assis – Av. Dom Antônio 2100 – (18)3302-5800
Justificativa, dos objetivos e dos procedimentos que serão utilizados na pesquisa (explicitar): A pesquisa visa estudar os motivos que levaram a família a migrar e os efeitos psicológicos da migração na família, através de entrevistas com pessoas da família migrante.
Descrição dos desconfortos e riscos possíveis com avaliação de gravidade (explicitar): Ao lembrar memórias passadas o entrevistado pode se emocionar.
Benefícios que poderão ser obtidos (explicitar): O entrevistado pode refletir, ao falar de sua história de vida, sobre acontecimentos passados e vir a compreendê-los melhor.
Forma de acompanhamento e assistência, assim como seus responsáveis: Em caso de mobilização de emoções a pesquisadora se propõe a dar apoio psicológico através de atendimento psicológico.
Previsão de Ressarcimento de gastos: Não há previsão de ressarcimento de gastos com transporte ou alimentação, ou ainda decorrentes de faltas no emprego.
Formas de indenização de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa: Não há previsão de ressarcimento.

Medidas de proteção de riscos e à confidencialidade:

- Será garantido o sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.
- Será garantido o anonimato dos sujeitos quando da publicação dos resultados da pesquisa.
- Será garantido ao sujeito se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalizações ou prejuízos pessoais.

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo pesquisador sobre os itens descritos acima, consinto em participar, na qualidade de sujeito, deste projeto de pesquisa e, informo que:

- (  ) Autorizo a publicação dos dados, desde que estes sejam copiados na íntegra.
- (  ) Não autorizo a publicação dos dados.

Assis, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2005.

-----  
Assinatura do Sujeito

-----  
Ana Laura Rabelo Araújo de  
Castro